

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23273

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 3 JULHO 90 70\$00

Eusébio é nome de rock

Um novo grupo de rock, oriundo de Manchester, adoptou o nome de Eusébio para a sua designação -revela a Lusa. A designação visa homenagear o antigo futebolista do Benfica, o qual, porém, afirmou não ter sido informado do facto.

Os Eusébio são definidos pela revista "Face" como tendo semelhanças com os "Happy Mondays", um grupo famoso de Manchester.

Mundial de Itália Nápoles: o público tem dois amores

Esta noite, Nápoles terá o coração lancetado, dividindo-se entre duas paixões: sentimento pátrio a implicar incondicional apoio às hostes chefiadas por Vicini e admiração (quase idolatria) rodeando Diego Maradona, que comanda a selecção argentina e é vedeta máxima do clube napolitano. O San Paolo vai oscilar.

Pág. 24



Sesimbra «Santuário» da extrema direita? Não. Obrigado!

A reunião do Grupo Técnico das Direitas Europeias, em Sesimbra, tem vindo a causar um coro de protestos, quer de residentes quer de organizações políticas que não querem ver a vila trans-

formada em «santuário» da extrema-direita. Entre os convidados de honra deste encontro está Franz Shoenhuber, antigo membro das SS de Hitler. Ao abrigo do artigo 46º da Constituição, que define

os limites da liberdade de associação, «não são consentidas associações armadas, nem de tipo militar (...) nem organizações que perfilhem a ideologia fascista». Mas, como se trata de uma reu-

nião com deputados do Parlamento Europeu, o Governo manifesta-se impotente para impedir o encontro. Franceses e italianos, porém, foram taxativos na resposta: «Não». Pág. 5

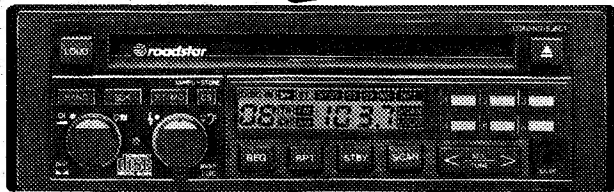
Incompatibilidades por «duplo emprego»

Procuradoria investiga gestores e políticos

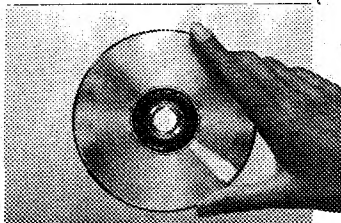
Pág. 4

roadstar

AUTO-HIFI



Auto-rádio stéreo, c/ leitor de disco compacto. OM, OL, FM e FM stéreo e sintonização computadorizada (Compu Store).



Representante em Portugal:

SOC. DE REP.
SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

«Se7es» de ouro

César dá o que é de César

O Tivoli reabriu, ontem, para acolher o espectáculo de distribuição dos «Se7es» de ouro. «Recordações da Casa Amarela» foi o melhor filme.

O acontecimento da noite veio precisamente de João César Monteiro. Premiado

com dois «Se7es», ele entendeu que Joaquim Pinto, realizador de «Uma Pedra no Bolso», não podia regressar a casa sem troféu e ofereceu-lhe um dos dois que recebera.

Pág. 19



PORTE
PAGO

Fundamentalismo islâmico não representa o Islão

Págs. 2 e 3

Duzentos mortos em acidente na peregrinação a Meca

Pág. 9

Educação em polémica: da PGA à Filosofia

Págs. 16 e 17

Creoula leva jovens ao triângulo português

Pág. 15

Estrela da Amadora: dois querem presidência

Págs. 26 e 27

Lotaria Popular: 1.º 354 341
2.º 344 969 3.º 124 357 4.º 100 203
Pág. 12

Por culpa própria mas também pelo vedetismo primário que os mass media por vezes promovem, o fundamentalismo islâmico iraniano de Khomeiny chegou a parecer quase sinónimo de Islão. Não é. Admita-se que tal como há o catolicismo e o protestantismo, assim a religião muçulmana tem os xiitas e os sunistas, havendo até diferenças entre os primeiros, os que são favoráveis ao fundamentalismo

Vejam-se as duas caras do fundamentalismo islâmico

Um ano passado sobre a morte do «ayatollah» Khomeiny, quando a Frente Islâmica de Salvação ganha as eleições autárquicas na Argélia, em coincidência com a emergência do Movimento Islâmico na Tunísia e quando, de novo, os muçulmanos vão em peregrinação a Meca - dar um olhar mais demorado ao Islão é o mesmo que levantar um mundo de fantasmas, descobrir paralelos incómodos, rever culpas ocidentais e cair num daqueles becos sem saída que só a História às

vezes costuma resolver, à bruta.

É erro grave confundir Fundamentalismo iraniano com religião islâmica, tal como ninguém se lembrará de confundir Mórmons com cristianismo. É erro grave identificar o ramo iraniano do Fundamentalismo com tudo o que foi, e é, o fundamentalismo islâmico em geral, por si e por tradição do discurso teológico muçulmano.

É erro de cálculo esquecer que os xiitas, ligados ao fundamentalismo, são uma

minoría no mundo islâmico, dominado pelos sunitas, mais liberais, tal como mau será ignorar que o ressurgimento muçulmano aparece na sequência dos erros coloniais europeus, identifica-se com nacionalismos legítimos, revolta-se contra a tirania das outrora inimigas Superpotências, consagra-se na década de 50 com a conferência de Bandung e do Movimento dos Não-Alinhados (os muçulmanos Nasser e Tito, com Nehru e Sukarno, com Nehru e Tito) e tenta o salto impossível da teocracia para a

economia moderna.

Mau Imitador de Atatürk

A criação de classes médias foi frágil, os povos

islâmicos não tiveram tempo de adaptar ao mundo moderno a sua identidade cultural e a ideologia muçulmana, viram-se obrigados a aceitar o pronto-a-vestir da cultura e da tecnologia ocidentais, não foram caldeados no fogo da Reforma e Contra-Reforma, não experimentaram a Revolução Francesa, o seu pseudo-socialismo, a sua pseudo-independência não os libertaram da pobreza e ficaram sem alma. Criado o vazio, o fundamentalismo correu a preenchê-lo.

Quando, em 1978-79, a revolução de Khomeiny derubou o Shah Reza Pahlevi, este entra na História como um mau imitador da Atatürk, que 50 anos antes secularizara a Turquia, domando o poder dos chefes religiosos muçulmanos. Reza Pahlevi esquece-se de que está noutra na época, em plena descolonização.

Tivera um aviso, em 1951, quando Mossadegh, líder da Frente Nacional e seu primeiro-ministro à força, nacionaliza os petróleos iranianos, então dominados pelos ingleses da AIOC (Anglo-Iranian Oil Company) e que até então fora a força dominante da economia iraniana e a principal fonte de receitas da riquíssima monarquia do Shah.

A Revolução Branca

Mossadegh ganha o apoio de alguns chefes religiosos muçulmanos («ulamas») que são contra a influência do Ocidente, não especificamente em termos anti-colonialistas mas sim por se oporem aos «infieis», aos que não aceitam a religião muçulmana.

Mas Mossadegh cai e o Shah entrega-se nas mãos de ingleses e americanos, ocidentaliza os costumes, retira poderes aos «ulamas» (terras que possuíam, Reforma Agrária de Dezembro de 1959, e taxas que cobravam nos tribunais religio-



Instantâneo da guerra Irão-Iraque. Soldados Iranianos, celebrando vitória. Vale o que vale. Faz, porém, lembrar uma dimensão do mundo muçulmano que os fundamentalistas, mas não só eles, cultivam activamente: o sentido do épico

Um piquenique nas nuvens

De como um fogareiro de petróleo pode antecipar a chegada ao Céu

Por cá, quase ninguém sabia disso. É certo que o De Gaulle tinha proposto uma federação das colónias francesas em lugar de um Império, com os seus mitos, os seus rituais, a sua preservação de um mundo que virtualmente ruíra no final da última guerra. Por cá ninguém sabia que o actual marechal Spínola, na altura governador da Guiné, andava a imaginar uma coisa parecida.

Convinha, assim, ser simpático com os muçulmanos daquela colónia, que, imagino eu, também muito poucos sabiam serem maioritários naquele exíguo território, onde os rios são mares interiores e as bolanhas nascem praticamente nas margens de deltas de águas salgadas. E como não haveriam de ser, se já lá estavam quando os navegadores portugueses desembarcaram naquelas costas cálidas e húmidas?

Necessário, pois, o «namoro» aos dirigentes muçulmanos da Guiné-Bissau e o melhor que havia a fazer (o Patriarcado de Lisboa não

apresentaria objecções, já que se viviam tempos de ecumenismo, pelo menos «experimental») era levar os fiéis de Mafoma a visitarem Meca para as rituais e meditadas voltinhas à Caaba.

Nos intervalos de um bombardeamento com napalm ou herbicidas não menos devastadores, os aviões da Força Aérea não estavam lá para outra coisa...

A viagem era assim uma espécie de «Coke en Stock» das viagens de Tin-Tin, com uma multidão de albornozes e sandálias a experimentarem as delícias do século XX, acompanhadas das vantagens religiosas e profiláticas para a alma de algo que vinha lá das profundezas da (nossa) Idade Média.

Os aviões tinham o seu passado de muitas horas de voo, provavelmente já tinham sobrevoado dezenas de vezes o Pas de Calais durante a guerra. Ronceira a viagem e monótona que, lá da vigia pouco mais se avistava do que a infundável mancha de areia dourada do

Sahel, progressivamente a transformar-se em deserto autêntico, ou as dunas escavadas do Sara, com o seu raro oásis aqui e além.

Havia que entreter os passageiros, ou que estes — entregues a si mesmos na ignorância da língua e dos hábitos recíprocos — se auto-entretivessem. E para isso, nada melhor do que o tradicional arrozinho, que não falta em nenhuma das refeições guineenses. Só que ali, no avião, como preparar o pitéu? Os problemas resolvem-se sempre que há boa vontade e logo alguém sacou da cesta de viagem um fogareiro a petróleo, o acendeu, foi buscar água à casa de banho e para lá lançou umas mancheias do tão desejado arroz.

Depois, era só esperar.

Não sei como Alá compensou os seus fiéis voadores, quando o avião explodiu e se foi abater sobre as areias, para assombro e pavor de uma cáfila que seguia o seu destino sobre terrenos um pouco mais seguros. Estão, seguramente, no Sétimo Céu, tanto mais que a

altitude a que seguiam já dava uma certa ajuda para uma mais rápida ascensão.

Em Meca não se lhes deu pela ausência, os jornais portugueses ignoraram o acontecimento, a passageira cáfila viajante acabou por seguir destino, depois de se aproveitar de alguns objectos, agora totalmente inúteis para os seus anteriores proprietários. Claro que houve inquérito, uma missão oficial chegou ao local do acidente. Constatou e escreveu páginas de relatórios circunspectos. Que estarão em algum arquivo bafiento. Mas, na altura, tanto jornais como relatórios tinham um «extra»: as páginas cortadas ou suspensas pela Censura, mas que não era impossível que se transmitissem oralmente aos amigos e aos conhecidos...

E a guerra prosseguiu o seu iníquo destino, com mais bombardeamentos e menos peregrinações fundamentalistas.

Roby Amorim



Entrada do Palácio da Argélia, na Exposição Universal de Paris, de 1889. Era quando o nacionalismo árabe ainda nem sequer imaginava as fórmulas, políticas e religiosas, depois aplicadas para a sua emancipação. Os árabes eram apenas exóticos. «C'est tout»

tos), scandaliza os fiéis muçulmanos com medidas de emancipação da mulher, lança, em 1963, a «Revolução Branca» que, entre outros pontos, cria grupos de alfabetização, com prioridade sobre as escolas religiosas controladas pelos «ulamas». Simultaneamente, o Shah hostiliza a oposição secular, liberal, abusa dos métodos autocráticos, confia na polícia política, cede cada vez mais à pressão da Administração Kennedy, que quer um Irão cada vez mais ocidentalizado, às portas da União Soviética.

A opressão política, o mau governo da economia que não gera a prosperidade da população e a divisão dos iranianos entre «europeus» superficiais e muçulmanos primários gera uma cisão, cria um vazio, que só espera o aparecimento do líder providencial para explodir.

«O Iman Encoberto»

É o próprio Shah quem fomenta esse líder. Hostiliza, prende, deporta Khomeini,

então apenas um «ulama» entre vários, mas que já se mostra capaz de encontrar no Corão e nos escritos paralelos, os «Sunnas», motivos para defender a queda da monarquia, o nacionalismo iraniano e uma doutrina muçulmana que realça a identidade do povo do Irão e o opõe vigorosamente à «corrupção» dos estrangeiros.

A tradição religiosa fundamentalista, xiita, é torcida por Khomeini. Anteriormente, os «ulamas» haviam regularmente defendido que os chefes religiosos não deviam misturar-se com o poder político temporal, que era «sujo». Haveria que esperar pelo regresso do «Iman Encoberto» para que ele então governasse o mundo na perfeição da lei muçulmana. O «Iman Encoberto» é, em paralelo grosseiro, algo de equivalente ao nosso D. Sebastião.

Ora Khomeini, durante os anos de exílio em França, forja a doutrina de que os «ulamas» devem tomar nas suas mãos o poder político,

devem estar sempre prontos ao sacrifício do «fedayin» (aquele que luta até ao fim), devem assumir-se como os humildes principiares desse novo mundo que o «Iman Encoberto» iria depois governar. E para Khomeini, o Corão e os Sunna contêm ensinamentos para tudo, desde os códigos penal, comercial e industrial até à legislação da agricultura e às regras da Defesa Nacional.

Cautelosamente moderados

O resultado deste «deitar as mãos à política», onze anos depois do triunfo de Khomeini, é hoje um poder político dividido entre radicais e moderados, entre religiosos e seculares, uma economia esgotada pela guerra com o Iraque (cerca de 30 por cento de inflação), o cancro dos circuitos paralelos («Somos pagos em rials mas temos de fazer as compras em dólares» - diz-se em Teerão), o enriquecimento de uns poucos privilegiados em contraste com o empob-

GRANDE ANGULAR

recimento das classes média e popular, desemprego de quase 50 por cento, um crescimento espectacular da corrupção e de tráficos variados. E para estes males, nem o Corão nem os Sunna recomendam remédio seguro.

A lição parece ter sido aprendida, pelo menos parcialmente, pelos outros dois movimentos islâmicos fundamentalistas que surgiram recentemente no mundo árabe: Argélia e Tunísia. Embora tanto a Frente Islâmica de Salvação, argelina, como o Annahda, tunisino, sigam a interpretação heterodoxa que Khomeini deu ao xiismo, (decidiram intervir directamente na política) nem por isso se mostram menos cautelosamente moderados. Tanto o Governo da F.N.L. na Argélia como o dos sucessores de Bourguiba na Tunísia criaram vazios sócio-económicos e ideológicos. E uma vez mais o fundamentalismo correu a tentar preenchê-los.

«Aborrecido, mesmo irritado»

Ao contrário, porém, do radicalismo de Khomeini, para quem o Corão e os Sunna tinham remédio para tudo, os fundamentalistas tunisinos, por exemplo, apresentam os três pontos essenciais do seu programa político como sendo «a defesa da identidade árabe-muçulmana do país, a salvaguarda da democracia e das suas liberdades e a defesa de melhores condições económicas e sociais dos tunisinos». Com o que se retoma a interpretação liberal e de tolerância que o Corão sempre, por si só, permitiu e que até os «ulamas» xiitas do Irão entre si debatiam.

Quando, em Fevereiro de 1979, Khomeini regressou a Teerão, ido do exílio em Paris, não era ele a figura dominante do xiismo iraniano, mas sim o ayatollah Sayyid Múhammad Kazem Shariatmadari que, na opinião geral de então, se mostrava «aborrecido, mesmo irritado» com as pretensões de Khomeini a líder político.

Mais tarde, no Outono de 79, tornou-se público o desentendimento entre os dois ayatollahs, a propósito da nova Constituição proposta por Khomeini e que incorporava a tese da intervenção directa na política. Aí Shariatmadari defendeu que os «ulamas», segundo os próprios textos religiosos do islamismo, não deviam envolver-se directamente na governação do Estado, recedendo ele que tarde ou cedo disso resultasse descrédito para os «ulamas» e para o Islão.

Shariatmadari foi, mais tarde, colocado em regime de prisão domiciliária e nessa situação morreu.

Paulo David

COMENTÁRIO

A eternidade da conjuntura

Todos os fundamentalismos se inculcam como obediência estrita a princípios ordenadores de uma fé, de uma ideologia, de um qualquer sistema coerente. Todos assentam, claro, numa interpretação das bases; o que elimina a presunção de autenticidade. Reclamam-na, porém, e daí serem dogmáticos, propiciarem o fanatismo, postularem a intolerância, asfixiarem o que se propõem exaltar e só poderem aspirar à eternidade da conjuntura.

Os fundamentalismos são redutores por definição; significam um regresso, partem do caos. As crises de referências constituem o caldo onde germinam: de cada vez que as ideologias soçobram, emergem os puritanos e os astrólogos. Os puritanos querem reconstruir o mundo eliminando o passado; os astrólogos apagam o presente com acenos de futuro.

Em tratando-se de fundamentalismos, há um ror de situações em que é lícito aplicar a palavra, como sinónimo de ortodoxia. Mas é referido ao Islão que o termo corre emblematicamente, como sinónimo de regra religiosa pura, traduzida no governo das coisas. Mais para o Ocidente do que para os islamitas.

Na verdade, o monopólio da interpretação correcta da lei divina — de cuja aceitação depende, para um muçulmano, a salvação — é inconcebível, porque a cada teólogo, ou ulama, a sua leitura. O que logo nos confronta com vários Islões, o que logo supõe várias tradições, vários fundamentalismos, e derrota a ideia, cara a tantos muçulmanos, de que o islamismo não é apenas um completo sistema ético e religioso, mas também um sistema económico, político e social diferente do capitalismo e do socialismo. Realmente, as soluções apresentadas nos diferentes países islâmicos permitem identificar radicais e moderados, sensibilidades abertas à noção ocidental de democracia contra as que a consideram de todo estranha ao islamismo. Por esta mesma razão, não devemos confundir fundamentalismo iraniano com religião islâmica; nem confundir com mera reivindicação de tradições a legitimidade das lutas de emancipação nacional muçulmana; nem identificar o xiismo como a obediência prevalente no Islão.

O xiismo constitui uma minoria conservadora, por oposição ao sunismo, mais liberal, que a revolução de Khomeini tornou fundamentalismo dirigente, ao investir os ulamas no poder político. Foi um entorse à tradição, que vedava aos intérpretes da lei divina imiscuirem-se na política; do mesmo passo, foi um retorno à tradição, porque os ulamas tinham sido os porta-vozes da revolta, quando os califas se afastavam da Lei por aqueles fixada. E principalmente, para mal do Irão, foi a prova de que o Corão e os Sunna não continham a cura do desemprego nem a receita do saneamento económico.

Os fundamentalismos sucedâneos desta experiência parecem ter aprendido a lição — em detrimento da intolerância e em proveito do bom senso, que aos homens, não aos deuses, reconhece competência para defrontar a inflação.



João Paulo de Oliveira

POLÍTICA

Procuradoria investiga incompatibilidades

A Procuradoria Geral da República já recebeu centenas de processos de declaração de incompatibilidades e vai receber ainda muitos mais, até ao final dos 60 dias previstos para a entrega dos documentos. Serão analisados com particular atenção todos os casos em que foi pedida a suspensão de funções. As razões alegadas são a «falta de clareza da lei e a necessidade de eliminar interpretações duvidosas».

Questionado sobre a fraca sustentação da figura «suspensão de funções», um membro da Procuradoria disse que teoricamente a suspensão não elimina a incompatibilidade, mas «é necessário estudar e fazer o contolo formal dos processos, porque tratando-se de uma lei geral as interpretações não são lineares». A mesma fonte disse ao DL que «se a promulgação do projecto de lei das alterações não tiver obstáculos constitucion-

ais, é provável que a análise das declarações se venha ainda a fazer ao abrigo da nova legislação, já que o processo é necessariamente demorado».

Gestores da RTP prevêem futuro

O presidente do Conselho de Gerência da RTP, Coelho Ribeiro, é um dos gestores públicos abrangidos pela lei 9/90 que pediu a suspensão de funções.

Num comunicado divulgado na televisão, a administração da RTP afirma que «o dr. José Manuel Coelho Ribeiro, que exerce a profissão de advogado, solicitou ao primeiro-ministro a suspensão do seu mandato como Presidente do Conselho de Gerência a partir do dia 29 do corrente, retomando as funções logo que entre em vigor a nova lei aprovada pela Assembleia da República».

Quer isto dizer que as alterações introduzidas á lei

ainda não estão promulgadas, e já o presidente da RTP anuncia previamente a intenção de regressar às funções, mantendo a sua actividade privada, pois não se conhece que Coelho Ribeiro tenha pedido a sua suspensão como advogado. O projecto de Lei nº524V, aprovado na AR em 21 de Junho, que se encontra para promulgação na Presidência da República, introduz uma alteração que exclui as incompatibilidades aplicadas aos gestores, até ao termo dos mandatos em curso.

O conhecimento desta alínea terá levado Coelho Ribeiro e Braz Teixeira, também gestor da RTP, a apresentarem os seus pedidos de suspensão de funções de forma a escapar à declaração das incompatibilidades na Procuradoria Geral da República e ao mesmo tempo ganhar tempo até à publicação das alterações.

Alguns juristas contactados

pelo DL têm uma interpretação diferente dos factos e garantem que «até à entrada em vigor das alterações, o que está em vigor é a Lei 9/90, e não se pode tomar por referência uma lei ainda não promulgada - que pode até vir a ser vetada ou declarada ferida de inconstitucionalidade». Os juristas manifestaram algum espanto face à figura do pedido de suspensão de mandato aplicada a este caso. «Suspendo ou não o mandato - afirmam - mantém-se a incompatibilidade, e o mandato caduca devido a essa incompatibilidade. As mesmas fontes alegam que nestes casos se aplica por analogia o artigo 401º do Código das Sociedades Comerciais, que estabelece que caso ocorra posteriormente à nomeação de um administrador alguma incapacidade de incompatibilidade, e ele não deixa de exercer a função para que fôra indicado, pode o Conselho Fiscal decretar a sua extinção. Por outro lado, um conhecido constitucionalista disse ao DL que «não há cobertura legal para a suspensão de funções de um gestor público uma vez que o estatuto do gestor público nada refere sobre esta matéria, não se percebendo ao abrigo de que pretexto legal se invoca tal figura».

Rui Vilar, administrador da Caixa Geral de Depósitos, teve um comportamento diferente do revelado pelos gestores da RTP. Em vez de invocar a «suspensão de funções», pediu ao primeiro-ministro a demissão das funções de comissário português da Europália 91, incompatíveis com a sua qualidade de gestor bancário.

Redacção «DL»

Cisão maçónica é irreversível

A constituição da Grande Loja Portuguesa da Maçonaria Regular está para breve - anunciaram ontem, em Lisboa, o grão-mestre da Grande Loja Nacional Francesa, André Roux, e o grão-mestre do Distrito Regular de Portugal, Fernando Teixeira. Vai, deste modo, consumir-se a cisão do Grande Oriente Lusitano, eclodida em 1983, em virtude de entendimentos opostos quanto à obediência a seguir.

Tudo começou em 1875, quando a Maçonaria Francesa renegou a orientação da Grande Loja Unida de Inglaterra, que se regia pela Constituição de Anderson, a qual preconizava uma prática maçónica deísta, respeitadora dos Governos legalmente constituídos, e essencialmente espiritualista e benficiente, com absoluto repúdio de qualquer actividade política ou religiosa. Daqui nasceu a divisão entre maçons regulares, respeitadores da tradição anglo-saxónica, e irregulares, aderentes à nova orientação seguida, na época, pelo Grande Oriente francês. Os primeiros creem no Deus revelado, o Grande Arquitecto do Universo, e recusam embrenhar-se em discussões políticas ou religiosas, dedicando-se ao aperfeiçoamento do homem pela via do aprofundamento da espiritualidade; os segundos — dizem os primeiros — dessacralizaram o ritual, dispensando a crença na existência de Deus e envolvendo-se em discussões de carácter político e religioso, privilegiando um caminho conspirativo e anticlerical. A Maçonaria Regular Universal, em que se integra a Grande Loja Nacional Francesa, congrega cerca de dez milhões de maçons. Os irregulares, em menor número, pertencem a países latinos e latino-americanos.

Em 1983, no nosso País, maçons defensores da regra tradicional abandonaram o Grande Oriente Lusitano — «praticamente excluído da Maçonaria Universal» — e promoveram a criação de lojas regulares em várias regiões do País. Hoje, são seis, constituintes do Distrito Regular, embrião da Grande Loja Regular de Portugal.

Os maçons regulares não escondem a sua condição, pois consideram o secretismo ultrapassado. Os franceses, exemplo paradigmático, estão constituídos em associação nos termos da lei, publicam as suas contas anuais, os membros do seu conselho de administração são conhecidos, como conhecido é o seu ritual. Editam os seus trabalhos, que estão à venda nas livrarias, mas não fazem grande proselitismo. Como não são anticlericais e partilham com a Igreja Católica a crença no Deus criador, têm sacerdotes entre os seus membros, e relações oficiosas com Roma, que, aliás, reviu uma posição de séculos, levantando a excomunhão sobre os maçons. André Roux revelou mesmo que, num jantar de comunhão entre maçons, celebrado anteontem em Lisboa, o repasto foi abençoado por um padre católico. As relações com o Grande Oriente Lusitano e com o Direito do Homem (outra obediência irregular) não são tão boas: os regulares portugueses e franceses convidaram para uma reunião membros daquelas obediências e nem todos compareceram.

Redacção «DL»

Escola do Ensino Técnico-Profissional aceita candidaturas de Docentes para o 10.º e 11.º anos nas áreas de:

- Português
- Inglês
- Matemática
- Física e Química
- Geometria Descritiva
- Tecnologia de Construção Civil
- Desenho Técnico Civil
- Práticas Oficinais Civil
- Electrónica Aplicada
- Electrónica e Tecnologia
- Sistemas Digitais
- Informática

Enviar Curriculum detalhado e demais informações ao N.º 207 deste jornal.

Sampaio propõe antecipação da próxima sessão parlamentar

O secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, apresentou ontem ao primeiro-ministro uma proposta de antecipação dos trabalhos da sessão legislativa de 1990/91, a fim de definir, antes da discussão do Orçamento de Estado, o quadro geral das posições portuguesas nas próximas cimeiras interministeriais.

Sampaio, que falava no final de uma reunião entre o chefe do Executivo, o ministro dos Negócios Estrangeiros e os líderes dos quatro maiores partidos da Oposição, defendeu ainda o reforço da participação da Assembleia da República na discussão da União Económica e Monetária e na União Política, acrescentando que é do interesse nacional que o Parlamento não fique arredado destas questões.

Apesar de se congratular com esta iniciativa, Freitas do Amaral, defendeu a necessidade de institucionalizar o diálogo entre os diferentes sectores da sociedade, por forma a aumentar o grau de informação da opinião

pública sobre as questões europeias.

O líder centrista criticou, porém, aquilo que classificou como posição de arrogância do Governo, «que se apresenta como o único defensor de Portugal, considerando que a Oposição está disposta a vender a Pátria».

Hermínio Martinho defendeu que Portugal deve caminhar de pleno direito para a união europeia, não descurando as raízes culturais que tem fora da Europa. As críticas mais duras foram feitas pelo secretário-geral adjunto do PCP, para quem o Governo continua a fugir ao debate. Segundo Carlos Carvalho, o Executivo deveria insistir mais no reforço do orçamento comunitário, particularmente no que se refere à continuação dos fundos estruturais após 1992. João de Deus Pinheiro reiterou a disponibilidade do Executivo para dialogar com a Oposição, salvaguardando o facto de ser ao Governo que cabe a última palavra em matéria de decisões.

POLÍTICA

Enquanto se aguarda a chegada de Le Pen

Cresce contestação à reunião da extrema-direita em Sesimbra

«Sentimo-nos 'obrigados' a denunciar ao povo português o carácter provocatório da escolha do nosso País para palco desta iniciativa». Esta é a frase central do documento de protesto esta manhã apresentado em Sesimbra por um grupo de personalidades, entre os quais o presidente da Câmara, contra a realização, na vila, de uma reunião do Grupo Técnico das Direitas Europeias.

O repúdio face à presença dos eurodeputados da extrema-direita aumenta assim de intensidade. Câmara, Assembleia Municipal, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Conselho Nacional de Juventude, JS, Movimento ZLAN (Zona Livre de Armas Nucleares), União dos Resistentes Anti-Fascistas Portugueses, PCP, «Verdes», sindicatos e diversos dirigentes partidários: a lista de protestos é extensa. O próprio Freitas do Amaral lamentou ontem, em declarações ao «Público», que Le Pen e seus pares tenham escolhido Portugal para a «procura do impossível».

A acção mais espectacular levou o «carimbo» do PSR. Os socialistas-revolucionários instalaram no Hotel do Mar, onde vai realizar-se a reunião, dois dos seus militantes, como se de uma vulgar «lua de mel» se tratasse. Ao fim da manhã de ontem, exibiram da janela do quarto, alugado no sábado, uma faixa com uma enorme cruz suástica e os dizeres «Nazis Fora».

Junto à praia, entretanto, um grupo de camaradas ergueu uma faixa de mais de 13 metros. Sob o olhar dos turistas, «Le Pen nazi go home». Suficientemente esclarecedor...

A multiplicação de protestos contrasta com a descrição que está a marcar a preparação do encontro dos deputados europeus. Ontem, logo pela manhã, resultou frustrado o «desembarque» em massa de jornalistas na pacata vila costeira: a reunião só terá início esta tarde.

Se, nas ruas da vila, faixas e pichagens anti-nazis não perturbam a tranquilidade, já no hotel o ambiente ontem era tenso. Ontem, os recepcionistas, insistentemente interrogados pela Comunicação Social, respondiam com evasivas ou, pura e simplesmente, alegavam não estar autorizados a prestar informações. Quando questionada sobre a hora marcada para o

início dos trabalhos do Grupo das Direitas, uma funcionária chegou ao ponto de «corrigir»: «Do Parlamento Europeu!».

Como é natural, os responsáveis do hotel procuram limitar a questão à mera prestação de serviços. Enquanto funcionários do PE preparavam a parte logística da reunião, o director confirmou que o Parlamento de Estrasburgo alugou duas salas e cerca de 40 quartos. Assegurou que não foram identificados os nomes dos deputados, mas depois disse que o nome de Franz Shoenhuber, antigo membro das SS de Hitler, não consta da lista.

A greve dos controladores aéreos franceses é a responsável ao que tudo indica

pelo adiamento da chegada dos parlamentares das direitas europeias, soube o «DL» de fonte oficiosa do Parlamento de Estrasburgo. Le Pen e os parlamentares franceses, esperados hoje em Sesimbra, poderão assim apenas chegar amanhã.

Entretanto, o presidente da edilidade sesimbrense confessou ao «DL» sentir-se «um bocado amarrado», perante a impossibilidade legal de impedir a realização da iniciativa. Ontem, a seu pedido, recebeu do Governo Civil a confirmação de que o Executivo «não tem poderes» para proibir a reunião.

«Não vou, naturalmente, mandar a população para a rua; seria insensato e incon-



Alguma bagagem do Grupo das Direitas Europeias, com remetente de Bruxelas, chegou já a Sesimbra

sciente», afirmou Ezequiel Lino, visivelmente preocupado com o facto de ter recebido, na sexta-feira passada, uma ameaça anónima de represália, caso não impeça o encontro. Em seu entender, o gesto é descabido, tanto mais que revela ignorância em relação aos poderes do município. O autarca mantém contactos regulares com o comandante da GNR local, que continua de prevenção, mantendo diversos agentes nas proximidades do Hotel do Mar.

Castelo Branco espera convite

Do Grupo das Direitas, constituído por 17 deputados (dez franceses, seis alemães e um belga) esperam entretanto apoio os que em Portugal se identificam com as suas ideias. Miguel Castelo Branco afirmou ao «DL» estar «à espera de convite» para se deslocar a Sesimbra.

O dirigente da Força Nacional/Nova Monarquia manifestou-se convicto de que «há espaço em Portugal para

a representação política da direita tradicional», mas fez questão de dissipar quaisquer intenções hegemónicas da parte da organização de que é figura principal.

Caso seja convidado, Castelo Branco só deverá encontrar-se com Le Pen na quinta-feira, já que nos dois primeiros dias da reunião os eurodeputados da extrema-direita cumprem uma agenda sobre-carregada, que inclui a análise dos resultados da recente Cimeira da CEE, em Dublin e a avaliação dos movimentos nacionalistas do Leste europeu.

O debate deverá, no entanto, centrar-se nos acordos de Shengen, assinados pela França, Alemanha Federal, Bélgica, Luxemburgo e Holanda. O Grupo das Direitas, cujos membros têm pautado a sua actuação pelo ataque aos emigrantes, consideram que a abertura mútua de fronteiras estabelecida nos acordos abre caminho à entrada de cidadãos do Terceiro Mundo no mercado de trabalho.

Paulo Martins



Os protestos são muitos face à presença dos eurodeputados da extrema-direita

Conselho de Imprensa despede-se sexta-feira

O Conselho de Imprensa, que no próximo dia 6 será extinto, após quinze anos de actividade, em virtude da entrada em vigor da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, reuniu-se ontem pela última vez e aprovou um documento em que defende a criação de um novo Conselho, «instância deontológica independente» que zele pelos direitos dos órgãos de Informação, dos jornalistas e dos cidadãos em geral.

No balanço final, o CI, de «consciência tranquila», afirma ter procurado sempre «decidir com independência e rigor, e que a magistratura moral que o legislador lhe confiou foi exercida, crê-se, com equilíbrio e prudência».

«As posições que tomou e os juízos que formulou foram sempre ditados pelo propósito de salvaguardar a liberdade de Imprensa e defender o direito à informação» — acrescenta o Conselho, recordando às palavras do Presidente da República acerca do «modo probó e isento como exerceu as suas funções».

Durante os quinze anos da sua existência, o CI deliberou sobre mais de 600 queixas, elaborou cerca de duas centenas de pareceres, publicou numerosos relatórios e promoveu debates sobre questões relacionadas com a Informação e o exercício do jornalismo. Na reunião derradeira, foi aprovada uma proposta que pede ao presidente da Assembleia da República para acautelar e colocar à disposição de todos os interessados no estudo da Imprensa em Portugal o vasto espólio do Conselho de Imprensa.

PS discute estratégia

O Secretariado Nacional do PS reuniu-se ontem para discutir a estratégia do partido para as eleições legislativas do próximo ano.

Os socialistas estão já a preparar aquelas que vão ser as linhas de força de campanha do partido.

Tudo está em segredo sabendo-se apenas que o programa de Governo será o instrumento fundamental da sua actuação pública.

O Gabinete de Estudos vai coordenar a concretização da proposta genérica saída do último Congresso e discutir a actuação do actual Governo nos diversos sectores.

Depois de ouvir na semana passada a Confederação dos Agricultores Portugueses, o PS dedicou uma conferência de Imprensa às medidas de liberalização da importação dos produtos agrícolas, capitalizando desta

forma o descontentamento da CAP.

Alberto Costa e Marques da Costa interromperam a reunião do Secretariado Nacional para acusar o PSD de tentar reduzir a taxa de inflação com «um gesto agressivo em relação às expectativas de agentes produtivos, muitos dos quais envolvidos em esforços de adaptação e modernização dignos de apreço».

Alberto Costa afirmou ainda que o Governo ao suspender «os dispositivos justificados pelas condições particulares da agricultura portuguesa, e previstos no Tratado de Adesão, diminuiu a indispensável autoridade, por parte das instâncias nacionais, para continuar a fazer valer a especificidade da nossa agricultura no âmbito das negociações com vista à 2ª fase de adesão».

Redacção «DL»

B R E V E S

Dias Loureiro eleito para cargo europeu

O ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, foi eleito vice-presidente da Federação dos Partidos Europeus Liberais, Democráticos e Reformistas, cuja presidência recusou há cerca de um mês. Mário David, o ex-chefe de gabinete de António Capucho e actualmente administrador do Grupo Liberal no Parlamento Europeu, foi eleito secretário-geral da Federação.

Vasco Franco denuncia assessores do Governo

A Comissão Política Concelhia do Partido Socialista, através do seu dirigente Vasco Franco, acusou o Governo de ter nos seus gabinetes «mais de 162 pessoas do que as permitidas pela lei que este próprio Governo fez». No comunicado a Comissão Política faz um apelo ao Grupo Parlamentar do PSD para que «revele tanto zelo a ajudar a esclarecer esta situação, como tem evidenciado a intrrometer-se nas questões da Câmara Municipal de Lisboa».

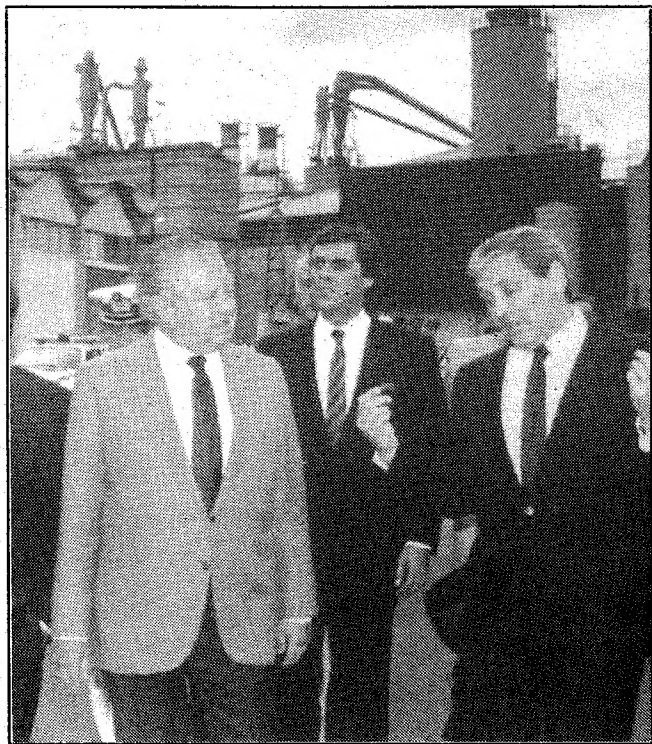
Presidência Aberta em Coimbra

O dia de todas as queixas

Como sempre tem acontecido, à medida que os dias passam, uma espécie de efeito de arrastamento faz com que sejam maiores os banhos de multidão de Mário Soares nesta última Presidência Aberta do seu mandato. Mas, um pouco por toda a parte por onde passa, a música das bandas, as fanfarras sempre presentes dos bombeiros, os cantares dos grupos folclóricos, não apagam as queixas que vai ouvindo, num interior disposto a lutar decididamente contra o atraso. Ontem foi o dia de todas as queixas. E não foram só os autarcas ou os empresários locais.

A este coro, mas noutro tom e noutra música juntou-se Belmiro de Azevedo, o presidente da SONEAE, que aproveitou a visita de Mário Soares a SOMITE e AGLOMA, empresas daquele grupo situada em Oliveira do Hospital, para fazer algumas declarações sobre a nossa integração europeia que soaram muito a sinal de alarme para um poder político que parece não estar muito à altura para a modernidade e para os desafios que a propósito e despropósito proclama no seu discurso mais recente.

Embora certamente por mera casualidade e sem qualquer intencionalidade, a forma como Belmiro de Azevedo começou a sua intervenção depois de saudar



Belmiro de Azevedo tecu duras críticas ao Estado: «Continuamos com vários condicionamentos burocráticos, legislativos, de infra-estrutura legal»

Presidente da República, traz-nos à mente a febre inaugural que nos últimos tempos atacou a classe política no poder.

Falando da AGLOMA, da sua importância no sector dos aglomerados de madeira de que representa um terço da produção nacional, e falando também da inauguração desta fábrica, o empresário nortenho, sublinhou que o seu grupo inaugura as coisas

«quando elas estão praticamente em laboração plena, quando correspondem a factos consumados». Referiu depois que a SONEAE foi no ano passado o maior investidor nacional na área industrial, com cerca de 18 milhões de contos e falou das dificuldades que encontram os empresários, afirmando que aquilo que precisam é liberdade para poderem tomar decisões.

«Mas continuamos com vários condicionamentos burocráticos, legislativos, de infra-estrutura legal.

Os empresários não devem pedir favores, mas querem exigir do Estado. E queremos um Estado interventor porque há coisas que só o Estado pode fazer.»

Belmiro de Azevedo afirmou ainda do poderemos esperar mais pela Europa e que «se os políticos não tomarem essas decisões vão ser os empresários portu-

gueses e estrangeiros a impô-las».

No que pareceu ser um evidente contraste com as posições assumidas há poucos dias pelo primeiro-ministro, Cavaco Silva, o presidente da SONEAE chamou a atenção para o problema da união monetária. «Se não institucionalizarmos o ECU muito depressa vamos apanhar todos com o marco alemão», advertiu Belmiro Azevedo, sublinhando não podermos estar na Europa sem um sistema monetário.

«Queremos ser empresários a sério, não pedimos favores às instituições, mas queremos regras», concluiu Belmiro de Azevedo.

Nove tostões do PIDAC por habitante

Antes de visitar as duas empresas da SONEAE, Soares esteve na Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, onde César de Oliveira, ex-deputado socialista, eleito presidente desta autarquia nas últimas eleições, desferiu contra o Governo central as mais duras críticas que o Presidente da República ouviu até agora...

Revelou, por exemplo, que as verbas do PIDAC nos últimos anos para aquele concelho atingiram a espantosa soma de... nove tostões por habitante.

«São, como já é uso dizer-se, os custos da interioridade. Todavia, enquanto outros falam nos custos da insularidade e utilizam ameaças explícitas ou veladas para assegurarem os financiamentos que lhes permitem combater as assimetrias regionais e o desenvolvimento desigual, parece que as populações do interior e as autarquias que as representam apenas lhes compete pagar impostos e ficar à mercê da vontade política de um poder que nem sequer finge ouvir-nos ou de burocratas, que ninguém elegeu nem têm de

prestar contas às populações e que por negligência, inépcia ou incompetência acabam por sabotar o trabalho e o esforço dos autarcas. E isto sem que haja legislação que permita responsabilizá-los, civil e criminalmente, pelos prejuízos vultuosos e às vezes irreparáveis que provocam».

Vibrante até às lágrimas, César de Oliveira enumerou uma longa lista de situações: responsáveis do património cultural a quem solicitaram apoio e convidaram para visitar o concelho e que nem ao menos enviam um simples cartão a acusar a recepção do convite, clientes estrangeiros de uma das maiores empresas do concelho que se recusam a vir de automóvel do Porto a Oliveira do Hospital porque levam cinco horas, telefones e telecomunicações que não funcionam, transportes que «chegam quando chegam», os buracos das estradas, a falta de respostas e de apoios.

Uma vez mais, Mário Soares interpretou o seu papel de moderador de tensões, advogando o diálogo entre as várias instituições, lembrando que, apesar de tudo, se tem feito alguma coisa, que é preciso o diálogo «porque todos têm a mesma força democrática dada pelo voto».

Em muitos casos não são estas as palavras que, os autarcas desejariam ouvir, até por considerarem que já esgotaram o diálogo, mas se Presidente da República não acalmasse os ânimos, o conflito latente entre as autarquias e o poder central já se teria radicalizado mais. É perceptível, de Norte a Sul, que as reivindicações vão subindo de tom.

Um inesperado convite à recandidatura

Lagares da Beira, onde entrou com o som festivo dos sinos e o entusiasmo da população, Ervedal da Beira,

onde inaugurou uma empresa de transformação de madeira e Midões, uma freguesia que lhe proporcionou outro grande banho de multidão, foram as etapas seguintes do Presidente a caminho de Tábua.

Nova sessão solene na Câmara Municipal, com Mário Soares a exaltar as qualidades de trabalho dos naturais deste concelho e o seu associativismo, de que é exemplo a casa do concelho de Tábua em Lisboa.

O imprevisto aconteceu em Poiares, último concelho visitado ontem pelo Presidente da República. É uma autarquia PSD inexpugnável, cujo presidente, Jaime Soares, já vai no sétimo mandato.

Enquanto na rua a multidão saudava calorosamente o visitante, no Salão Nobre da Câmara, o seu presidente fazia o mais quente e rasgado elogio já ouvido nestes três dias de Presidência Aberta.

Jaime Soares falou do 25 de Abril, afirmando que comungara, antes dessa data dos mesmos ideais que Mário Soares.

Confessou-se um «soarista» sem receio de qualquer contestação, mas disse fugir como o diabo da cruz «dos oportunistas que se servem das instituições».

Subindo de tom e de convicção, Jaime Soares perante a surpresa geral, o autarca do PSD dirigiu um explícito convite a Mário Soares para se recandidatar:

«V. Ex.ª e o Presidente de todos os portugueses e todos, nós os portugueses que o apoiaram, queremos continuar a vê-lo aqui. E mesmo que alguns se tentem colar, não deixaremos tocar na sua imagem.»

Depois de sublinhar que ele não era o Presidente de nenhum partido político mas de todos os portugueses, o autarca de Poiares foi ainda mais concreto: «Eu e a minha gente vamos apoiar o porque tem que ser assim.»

Não se esqueceu porém de referir que, depois, estaria com a bandeira do PSD na mão para este continuar a ser Governo.

Mário Soares manifestou-se «surpreendido» pelo discurso vibrante que ouvira e agradeceu, disse que «soarismo» é uma coisa que não existe porque «nós lutamos depois do 25 de Abril por ideias e não por homens». Quanto ao «apelo final» explicou que não podia ainda dar uma resposta.

«Vou meditar, reflectir e, no momento próprio, direi aos portugueses aquilo que será a minha decisão».

Já com cerca de duas horas de atraso.

Soares terminou a noite a ouvir guitarradas, de Coimbra, junto a Torre d'Antão, numa homenagem a António Nobre.

Augusto Vilela

A MARGEM

Soares recebe Melancia

O Governador de Macau, Carlos Melancia, deslocou-se ontem a Coimbra tendo jantado no Hotel Astória com o Presidente da República. O motivo deste encontro prende-se com a substituição do secretário-adjunto da Justiça daquele território, Magalhães e Silva, que recentemente apresentou a sua demissão. Para se encontrar com Melancia, o Presidente da República não pôde estar presente ao jantar oferecido pela Câmara Municipal de Coimbra aos participantes no I Congresso Luso-Afro-Brasileiro.

Raízes

O ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, que é natural de Oliveira do Hospital, e que ontem acompanhou Mário Soares, não pode esconder a sua emoção quando o Presidente da República elogiou a forma como ele assume as suas origens humildes. Soares lembrou que Arlindo Cunha pôde estudar e ser hoje ministro do Governo da Nação, o que demonstra a mobilidade social que o regime democrático trouxe a Portugal. Acrescentou que outros, também de origens humildes, que ocupam cargos importantes, têm obrigação de não esquecer essas origens e defender os mais pobres e os mais desfavorecidos. Não se chegou a saber se Mário Soares falava na generalidade ou se referia a alguém em especial. Depois, Soares brindou com o facto de Arlindo Cunha e o pai, presidente socialista de uma junta de freguesia, serem de partidos «ligeiramente diferentes».

Exposição sobre o 25 de Abril

É inaugurada já amanhã, em Coimbra, pelo Presidente da República, a mostra «25 de Abril - exposição documental: memória e projecto da História recente». Integrada no âmbito das comemorações dos 700 anos da Universidade de Coimbra a exposição realiza-se no Pátio da Inquisição, prevendo-se também as participações de Salgueiro Maia, Otelio Saraiva de Carvalho e Vasco Lourenço.



Mário Soares não perdeu a oportunidade de cumprimentar as crianças

FORUM

JOGAR PÓQUER COM O SER

Há tempos participei num debate no programa «Babele» durante o qual, em certo momento, pareceram opor-se duas posições. De um lado, Salvatore Veca, que considera a filosofia apta a resolver, de um modo razoável (se não mesmo segundo os critérios de uma razão Absoluta), alguns problemas fundamentais, como a definição da justiça. De outro, Gianni Vattimo que, enquanto definia uma vez mais o seu conceito de pensamento débil, temia que se quisesse atribuir ainda à filosofia missões demasiado comprometidas. A meu ver, o debate era menos radical do que poderia parecer.

Entretanto decorreu em San Marino um congresso sobre Willard Van Orman Quine. Eis um filósofo que utiliza os conceitos de verdadeiro ou de falso e crê firmemente que existem estímulos do mundo exterior com base nos quais podemos afirmar que está ou não está a acontecer qualquer coisa de muito preciso. Mas por outro lado este filósofo contribuiu para delinear uma noção de conhecimento onde as afirmações apenas são verdadeiras ou falsas no respeito ao modo em que uma determinada cultura organiza o Mundo. Será isto um pensamento forte ou um pensamento débil?

Suponhamos que dois irmãos herdaram um baralho de cartas do pai, o qual apenas lhes ensinou o póquer. Ambos pensam que as cartas só servem para jogar póquer, ou que o póquer é a única regra que dá sentido ao mundo das cartas de jogar. Depois um dia descobrem que, com o mesmo baralho, se pode também jogar «bridge» ou «king» e outros

tantos incluindo as «paciências». Momento de crise! Eles julgavam que, de um lado existia o mundo (quer dizer, o baralho de cartas) e do outro, uma razão que o justificava (o póquer); e agora descobrem que, aos elementos do mundo e às suas várias combinações, podem ser atribuídos diversos e infinitos valores, consoante o sistema que se adopta para os definir. Já não se trata de regras uma vez que são demasiadas. Pensam que o mundo das cartas é um universo despojado de sentido.

Pela minha parte julgo que os nossos dois amigos deveriam, pelo menos, concordar em duas coisas. Poderiam estudar o mecanismo geral dos baralhos de cartas e tentar compreender a razão pela qual daquela matriz combinatória se podem extrair diversos sistemas de regras. É óbvio que não conseguiriam prever todos os jogos que poderiam ser inventados porque, em relação ao baralho e às suas possibilidades, conhecerão sempre demasiado pouco. Mas ao menos compreenderiam que, se o baralho pode permitir ainda outros jogos idiotas, existem no entanto alguns que ele não consente, como por exemplo, o xadrez e o ténis. O baralho é um universo que não pode ser interpretado por uma só filosofia ou suprema ciência, mas que se nos apresenta para nos recordar que, com ele, não podemos fazer tudo o que desejáramos.

Enfim, poderiam compreender que existe um critério de racionalidade (que, de qualquer modo, se baseia no funcionamento do nosso cérebro, ou, usando termos mais terra a terra, se baseia no senso comum)

com base no qual, para jogar um qualquer jogo, devem primeiro concordar sobre o sistema de regras que decidem seguir, pelo menos durante uma hora ou duas.

Se começam a jogar póquer devem continuar segundo as regras do póquer. Se aceitam aquelas regras, e o primeiro deita três ases, o segundo não pode deitar o quarto e com ele recolher os outros três porque, nesse caso, estaria a jogar outro jogo e não o póquer. Claro está que ao fazer isto o segundo poderia dar a entender que era hora de acabar o jogo; mas também, tornando assim evidente um propósito tão radical, poderia ter querido anunciar uma sua regra, e razoável seria que o irmão o deixasse em paz para que ele se consagrasse a uma «paciência».

Ou então poderia considerar o seu gesto como uma bela tirada teatral. Ou achar que era altura de apanharem ambos uma grande bebedeira. Mas até no caso de uma escolha tão subversiva os dois deveriam decidir como fazer para encontrarem o vinho no menor tempo possível e ao menor custo.

Um pensamento racional é mais humilde que um pensamento que se baseia em certezas absolutas. Pois consente uma filosofia prudente que ajusta regras de discurso e de acção num universo que, por mais desordenado que esteja, nos mostra, pelo menos, que certas coisas se podem dizer e outras nem tanto. Eu acho este pensamento suficientemente robusto ainda que não seja um Pensamento-Rambo.

Trad. de Manuela Ferreira de Almeida



Umberto Eco

ASTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL

Coimbra está de ponto em branco. O velho Hotel Astória está de ponto em branco. Para receber o sr. Presidente da República e mais uma das suas presidências abertas.

Pelo que este Astória constitui o símbolo da simpática encenação política que é a figura da presidência aberta. Essa amável *cumplicidade de Estado*, entre uma parte do Estado e a sociedade civil, entre uma parte do Estado e as regiões, que, sem ter, claro, formalmente, adversários, tem uma curiosa forma de ser, de funcionar, entre a *jacquerie* urbana, a corte dos milagres e um sonho do sr. Alexandre Herculano.

Ninguém o diz. Não o diz, decerto, o sr. Presidente da República.

Não o diz, pudera, o Governo. Não o diz, naturalmente, a oposição. Não o dizem, expressamente, nem as cidades nem as regiões.

Não o dizem as autarquias, que protestam contra as faltas de verbas governamentais, não o dizem os empresários agrícolas, que protestam a liberalização das importações das frutas e dos cereais, não o dizem os grupos de cidadãos, que protestam contra a inoperância da prevenção da poluição, não o dizem os centros culturais, que protestam contra o silêncio e a distância. Mas todos sabem.

Que cada presidência aberta é uma tabela.

No teatro político. E no *snooper* institucional.

Que o sr. Presidente da República é uma instância itinerante.

Que a presidência aberta implica os *media*, a exposição, a audiência.

E que a cidade, o distrito, a região, têm, na circunstância, não apenas o pretexto para a reabertura de velhas glórias de hotelaria, mas a oportunidade para lavrar, significativamente, audivelmente, os seus protestos.

Para pôr as suas contas em dia com o poder.

O Governo, claro, dá-se, tanto quanto pode, por desentendido. E como não tem por onde pegar, como não se pode opor ao consumado talento deste Presidente aberto, junta-se. Toma, através dos ministros de ocasião, meio fascinados meio renitentes, meio desabrigados meio encabulados, o seu lugar nestas cortes itinerantes. E até talvez faça movimentos de antecipação. De tal modo que há quem creia que as presidências abertas começam antes de começar.

É o *Revisor* de Gogol, é Stendhal e é um romance cervantesco que Aquilino não escreveu.

Tudo se passa como se. E tudo se como passa. Quando o eng.º Rui

Godinho diz que lamenta que o sr. Presidente da República não faça uma presidência aberta em Lisboa, ele não está decerto a dizer que o Palácio de Belém está fechado à cidade. Está a dizer que uma das desvantagens de Lisboa é que o sr. Presidente da República não chega a esta cidade, *está* nesta cidade. E está nesta cidade numa perspectiva e num exercício mais nacional do que local.

Ou seja, o sr. Presidente da República não pode fazer, nesta cidade, a sua *entrada*. E esta cidade não pode potenciar politicamente, socialmente, economicamente, a figura da entrada do Presidente. Quer dizer, não pode, cenicamente. O que Carlos Porto e Jorge Listopad sabem muito bem o que pode valer. E o eng.º Rui Godinho também.

Claro que o sr. Presidente da República não tem culpa nenhuma disto. A capital tinha de ser em algum sítio, é em Lisboa. São os custos da capitalidade.

Entretanto, e por estes dias, aí está, na Baixa de Coimbra, na Alta, nos campos e nas fábricas, nos museus e nos quartéis de bombeiros, nos passeios e nos cafés, cometendo esse delicioso milagre político que é unir a absoluta impecabilidade institucional e a fecunda subversão, esse inegável protagonista da Astória Contemporânea de Portugal.



Artur Portela

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

Do editorial, de Dinis de Abreu:

«A meia-noite de 1 de Julho, em Berlim, não houve render da guarda. Circula a moeda única enviada pelo Bundesbank. A euforia dos primeiros «comboios da liberdade» é um registo do arquivo. A História faz-se depressa nesta Alemanha que caminha em passo estugado para a reunificação. É certo que toda a transição tem um preço. O marco único implicará uma reforma profunda para a rotina de 17 milhões de alemães, a quem será pedido que aprendam regras de mercado, de competitividade e de produtividade. Será um pedido de ajustamentos e de perturbação, mas de disciplinado realismo. São estas, talvez, as únicas previsões seguras num processo que não depende, exclusivamente, da vontade política, aplicada, até agora, com exemplar celeridade.

No crepúsculo de um socialismo científico que colocou o dogma no lugar da razão, os alemães orientais desfrutam hoje, de uma indiscutível vantagem em relação aos seus parceiros a Leste: o marco é convertível.»

3.Jul.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo de Paul de Graauw:

(...) Nesta altura de promessas eleitorais a esmo, bom seria que os agentes políticos tomassem devida consciência de que os problemas ecológicos portugueses merecem a melhor atenção: este é um país onde ainda quase tudo se pode salvar, este é um país que ainda podemos legar não contaminado às gerações vindouras.

E não se julgue que uma acção em defesa do ambiente é difícil ou demasiado complexa. Urge que os poderes públicos adoptem uma política que incentive a defesa do ambiente. A concessão de meios materiais eficazes, a atribuição de incentivos fiscais e uma campanha nacional de consciencialização: eis três medidas fundamentais para a salvaguarda do ambiente. (...)

2.Jul.90

CAPITAL

De um artigo de O. Gouveia Pereira

(...) Se a soberania for encarada não como uma acumulação centralizadora do poder, mas, antes, como a participação activa nos fluxos do poder, o poder de todos os Estados comunitários pode ser aumentado, beneficiando em maior medida os pequenos.

Pode dar-se como analogia o dinheiro: será que quem o acumula no colchão é mais rico do que quem o faz circular? Se houve Estados, como a Espanha Imperial, que se enganaram com a política da retenção da riqueza, acabando por soçobrar face à dinâmica monetária inglesa, do mesmo modo, os que detêm uma concepção estática do poder acabam por soçobrar perante os que compreenderam a sua vertente dinâmica.

Uma e outra forma de perceber o mundo político, conjugada com a capacidade ou medo de enfrentar incertezas e riscos, acabam por determinar a nossa percepção do mundo em que vivemos e, mais importante, do mundo em que iremos ou queremos viver. (...)

2.Jul.90

Comércio do Porto

De um comentário de Pedro de Andrade:

(...) Uma nova peça está a decorrer na Europa. Começou na União Soviética, estendeu-se ao Leste, tem repercussões no Oeste, propaga-se, um pouco, ao resto do mundo. Muitos actores alimentam dúvidas quanto aos papéis a desempenhar e mantêm-se expectantes à espera de ver que papéis assumem os outros. Porém, seja qual for o final - e esse só ocorrerá daqui a muitos anos, talvez décadas - aos seus autores/actores, agora, apenas restará uma atitude: terminar a obra ou ser devorado por ela.

Ainda que o peso do passado - e alguma inquietação perante o ressurgimento da Alemanha - façam com que alguns não o queiram reconhecer, estamos a observar um outro final: o do pós-Guerra. O mundo político e económico que durante estes cinquenta anos nos foi familiar está a desintegrar-se, para dar lugar a outro de contornos, por ora, indefinidos. (...)

2.Jul.90

Entrevista com Pedro Pires

Ao contrário do que ontem anunciámos, não publicamos hoje, mas apenas amanhã, a entrevista com o primeiro ministro de Cabo Verde, Pedro Pires. Aos nossos leitores, pedimos desculpa pela inesperada alteração.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
João Manuel Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Mário Guler Lima,
Néves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponaz, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria,
Marta António Martinho,
Marta João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tadeu, Marina Tavares Dias,
Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges,
Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Marta Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrámas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134, Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

O EFEITO DE ESTUFA DA CULTURA

Uma das notáveis contradições da política salazarista era a fobia do estrangeiro e, ao mesmo tempo, a ânsia pela reabilitação do prestígio internacional; sabe-se que essa fobia, acompanhada de um secreto desiderato de estar no clube dos ricos, redundou no oposto de uma política de abertura — a política do falso orgulho e da obstinação. No plano cultural, outras contradições se detectam que traduzem o mal-estar do autoritarismo de cunho provinciano e a aspiração a um universalismo «congénito»; ou entre a magnificência de uma «cultura multisecular» e a miniaturização do «bom português», feliz e resignado na sua ignorância e pacatice; ou, ainda, entre o endeusamento ideológico de uma «política do espírito» e a contrapartida da estilização da cultura popular de que a «aldeia mais portuguesa» ou o bailado do Verde Gaio são exemplos; para não falar em manifestações espontâneas de um certo pirismo nacional que teve terreno abundoso no cinema, no cançonetismo, nas artes menores.

A mentalidade aldeã, simplista, desconfiada, intrinsecamente chauvinista, detestando tudo o que não fosse avistado do perímetro geográfico da freguesia, por um lado; a pomposidade das manifestações oficiais e o circuito fechado dos «premiáveis» ou dos que se prestavam ao papel de «grande fachada» cultural, por outro, são os limites extremos de uma política que teve muito de construção teórica, mas também de arrastamento pela mediania do chamado «gosto comum».

Sem esquecer que grandes nomes das artes e das letras fecundaram com a sua força individual várias gerações, reportamos ao timbre oficial de uma «cultura» que representava ou que pretendia incutir duas grandes ideias-força: a do santo ritmo

português, cujos acordes soavam de Santa Comba como por detrás de pesados cortinados, e a doutrinação do «papel civilizador» de Portugal, que soubera transpor ou dar o grande passo da asfixia rural para o espaço ultramarino, onde expandira potencialidades que o meio rarefeito nacional impedia. O paisagismo da política nacional e internacional retratava, assim, um sonambulismo secular, em que o acaso, o imprevisível, de mãos dadas com os «grandes» que pensavam e discerniam a História Nacional se conjugavam para dar entido «moderno» ao império antigo. O respeito pelo passado, numa perspectiva ultranacionalista, permitia absorver erros e desastres, defeitos e virtudes no mesmo abraço ideológico que levava a verdade ao povo e que no mesmo gesto a divulgava no estrangeiro. As «casas do povo», embora do âmbito assistencial, e as «casas de Portugal», de timbre turístico-propagandístico traduziam essa ambição pendular, fiscalizada no topo pelo homem que se deixou envolver pela auréola de missionário da nacionalidade: Oliveira Salazar.

Estará a democracia a preparar-se para compreender a situação herdada e suas raízes dormentes no «espírito nacional»? Não será tempo de encarar retrospectivamente o efeito das noções de patriotismo postico fomentadas durante cinquenta anos sobre a população portuguesa e talvez detectar aí o vírus de um ódio ou desprezo pelo que é «nosso»? A voracidade com que se destruíram as orquestras sinfónicas portuguesas e se substituíram por uma estrangeira não denotará, a nível oficial, um desprezo paradigmático, que, a nível popular, se detecta no rápido enleio por modelos culturais estrangeiros, sobretudo americanos? Não estará a democracia a confundir a integração no espaço europeu com a lusofobia que, em tempos idos, teve várias manifestações entre nós, das quais as mais notórias foram as que levaram à perda da

independência? Não estará o painel nacional cravado de estigmas de ideias dissolventes, pretensamente regeneradoras? Estará esta geração, de recorte tecnocrático, habilitada a compreender a premência do reforço do que caracteriza o povo português?

Fala-se muito em epopeia, porque estão à porta datas e efemérides; propagandeiam-se comissões e estabelecem-se projectos gigantescos, promovem-se acções no estrangeiro com amplitude ambiciosa; mas que ideia têm os portugueses da realidade nacional directamente resultante de dois factores históricos interligados: o derrube do regime salazarista e a falência do projecto colonial? O efeito esponja apaga o súbito (mas não inesperado) reencontro dos portugueses com a faixa extrema da Europa a quem chamam país, para logo «descobrir» outro espaço que impeça a sufocação. O trânsito foi tão rápido que não houve tempo para reflectir a «amargura» da perda. Não há «geração de 98» entre nós, como houve em Espanha quando se perdeu o império; não há quem escreva em Portugal «invertebrado» como Ortega y Gasset o fez para a sua terra. Os nossos traumas são deglutidos à pressa na amálgama europeia: já nem espaço há para compreender a epopeia doméstica que foi a emigração da segunda leva, anos cinquenta a setenta. A parcelização da alma portuguesa em resíduos de intolerância, ressentimento e rancor, o inapelável «retorno» a uma vivência «nacional», não teve expressão cultural; abruptamente, os grandes vectores da tradição são sacudidos e de imediato substituídos por outros que encaixam na ânsia por espaço que marcou a rota do portuguêsismo. Quando se dá o retorno do filho pródigo, a meta saudosa do reencontro com a realidade e a

condição autenticamente nacionais foi canalizada para a «desnacionalização» ideológica que o ritmo da temporalidade revolucionária da década de setenta enquadrava e que, na de oitenta, se expandiu para o quadro da integração europeia.

Continua por fazer o ajuste a nível da mentalidade nacional entre o que fomos e o que somos; entre o patriotismo unidimensional, retórico, folclórico, «cultural» do Secretariado de Propaganda Nacional, e o mito redentivista da «modernização» há um fosso que, por azar nosso, é onde está decalcada a nossa forma-conteúdo enquanto portugueses, e que permanece enterrado no grande esquecimento. A não coincidência da propaganda do Estado Novo com esses estratos, a forçada engrenagem do sentimentalismo popularucho erigido em doutrina de raça, o afrouxamento ideológico resultante de um excessivo paternalismo cultural, a ressurreição de valores passadistas deu azo a uma descaracterização cultural. Monstros sagrados da alma portuguesa como um Aquilino ou um Torga, para falar nos mais telúricos, reagiam a essa «massificação» simplista.

O nosso maior problema «nacional» neste *momentum* internacional que vivemos é de índole cultural. Os espanhóis, talvez por serem tantos e de boa cepa de pensadores, já detectaram o problema e já nos ultrapassaram em soluções. O empirismo político que redundava em soluções mundanas, que colhe à superfície as vaidades e ambições disponíveis, que emprega a estratégia míope do festivalismo bombástico, apenas consegue tapar por algum tempo a ponta do icebergue de uma cultura sujeita ao efeito de estufa de um processo antinacional. Proximamente, debruçar-nos-emos sobre o porquê do «tabu nacionalista» nesta era de transição.



Iva Delgado

CARTAS NA MESA

Droga

De acordo com um inquérito feito pela revista norte-americana «Scholastic Magazine», dirigido a 180.000 estudantes e composto de 15 perguntas, vinte e cinco por cento das crianças entre os 9 e os 17 anos pensam que podem experimentar drogas sem caírem no vício.

Para um especialista neste assunto, o mundo vai perder a guerra contra as drogas, caso não tome uma nova atitude perante elas, todas elas. Este especialista chama a atenção para o facto dos traficantes estarem a ampliar o mercado, vendendo droga a consumidores cada vez mais jovens.

«Se queremos programas educacionais e de prevenção realmente eficazes, temos de mudar a maneira com que as crianças olham as drogas, quer legais quer ilegais», diz John

Duff, autor do livro «A Verdade sobre as Drogas» e presidente internacional do programa de educação, prevenção e reabilitação Narconon, mundialmente reconhecido como a única rede verdadeiramente eficaz de centros de reabilitação que não utiliza drogas no seu programa.»

É preciso vencer esta guerra contra a droga! E não é por acaso que crianças cada vez mais jovens estão a ser incentivadas a tomar drogas.

Olhem à vossa volta e vejam se é verdade ou não que as drogas, legais e de rua, estão a chegar às mãos de crianças cada vez mais jovens!

Carlos Alberto Cordeliro
Leitor de Lisboa



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Tendo sido deliberado, na reunião da A.M.L., de 17 de Maio de 1990, ao abrigo do art.º 38.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março, com a alteração introduzida pela Lei 25/85, de 12 de Agosto, prolongar e sessão ordinária iniciada em 26 de Abril de 1990 e continuada em 3 e 17 de Maio de 1990, leva-se ao conhecimento dos srs. membros da Assembleia Municipal de Lisboa que essa sessão prosseguirá no próximo dia 5 de Julho de 1990, pelas 15 horas, na sua sede, sita na Rua Teixeira de Pascoais, nº 10, com os restantes pontos da Ordem de Trabalho em suspenso:

— Proposta 210/90 — Relatório de Actividades de 1989 e Conta de Gerência do Ano Financeiro de 1989, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea c) do art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 22 de Junho de 1990.

O Presidente
João Amaral

INTERNACIONAL

Não é provável que no Congresso do PCUS, que ontem iniciou os seus trabalhos, vença qualquer das linhas que se opõe a Mikhail Gorbachev

Consolidação ou cisão?

Especial para o «DL»

O primeiro dia do XXVIII Congresso do PCUS, que começou em ambiente de aguda polarização das forças conservadoras e reformistas, não deu ainda qualquer resposta à pergunta crucial: se é ou não possível manter a unidade do partido. Mas apontou, no entanto, que a maioria dos delegados prefere a consolidação.

No início dos trabalhos os delegados rejeitaram duas propostas, essas sim capazes de conduzir logo à cisão: a exigência de demissão imediata de todos os membros *bureau* político e do Comité Central, por terem arruinado a indústria e a agricultura do país, e a indicação de debater a questão da responsabilidade política do PCUS perante o povo.

Os delegados não aprovaram também uma outra proposta que pretendia que fossem ouvidos, além do relatório do CC do PCUS, correlatórios dos representantes das principais plataformas alternativas - democrática, marxista - e a saída do congresso constituinte do Partido Comunista da Rússia,

recentemente realizado em Leningrado.

Esta predisposição centrada da reunião magna do PCUS pode ajudar Mikhail Gorbachev, o qual, contrariando algumas expectativas, não se encostou à corrente radical e decidiu antes manter a posição equilibrada de procura de consenso, a impedir a cisão do partido, que muitos consideram quase inevitável depois da reunião dos comunistas russos.

Foi o próprio Ivan Polozkov, o conservador recém-eleito primeiro-secretário do PC russo, que afirmou não valer a pena exagerar as divergências no seio do PCUS: «A colisão de opiniões pode ser perigosa, mas só no caso dos opositores perderem o sentido da realidade».

Em todo o caso, e pelos dados disponíveis, é pouco provável que no Congresso vença qualquer das linhas que se opõem a Gorbachev. A «plataforma democrática» que agrupa os partidários das mudanças radicais está representada na reunião por apenas dois por cento dos delegados. Os conservadores estão muito melhor posicionados

mas, mesmo assim, precisam do apoio dos «moderados» das organizações partidárias das repúblicas. Ao que tudo indica, é pouco provável que o consigam.

Mercado e opção socialista

O relatório político proferido pelo secretário-geral do PCUS trouxe, porém, novas esperanças aos que pretendem a união. Por um lado, Mikhail Gorbachev apoiou sem reservas a linha de continuação de reformas radicais e da passagem para as relações de mercado, com a livre concorrência das mais diversas formas de propriedade e, por outro, assegurou aos delegados que o partido vai firmemente defender a «opção socialista e a perspectiva comunista».

Ao dirigir-se aos 4657 delegados, Gorbachev propôs uma concepção radical moderada de reorganização do PCUS: a abdicção das funções estatais e a democratização, mas também a manutenção, embora de forma renovada, dos princípios do centralismo democrático e da unidade territorial. O máximo de

independência para os partidos comunistas das repúblicas federadas, sem abdicar contudo da unidade organizativa do PCUS.

Na opinião de Alexandre Iakovlev, membro do *bureau* político, o programa apresentado por Gorbachev pode servir de base para superar a actual crise do partido. Para este dirigente, não há alternativa a Gorbachev no cargo de secretário-geral.

Os próximos dias vão clarificar se é ainda possível ou não evitar a divisão do partido. Mas há um outro facto a ter em conta: os congressistas não podem ignorar a multidão de comunistas que representam e não participam nesta reunião. E, em relação a esses, as últimas sondagens revelam que são favoráveis à continuação da *perestroika* na linha defendida por Mikhail Gorbachev.

Guennadi Petrov,
em Moscovo

União germânica soma e segue

Quem ainda não acreditava na disciplina dos alemães, mesmo do Leste, desta ficou mesmo sem dúvidas. O esperado assalto aos estabelecimentos comerciais após a união monetária, económica e social entre os dois Estados alemães não se concretizou. A serenidade demonstrada pelos alemães, que não se lançaram numa vaga frenética de consumo, foi motivo de grande satisfação para as autoridades de Bona, assim como para o *Bundesbank* da RFA, que só prevê pôr em circulação 4 500 milhões de marcos, ou seja a quinta parte dos 25 mil milhões enviados pelo banco central da RFA para distribuir pela RDA.

Nos mercados financeiros alemães - federais, os receios de uma queda do marco, assim como de uma descida das principais acções cotadas também não se justificaram. Assim, na sessão de ontem da Bolsa de Frankfurt os principais papéis como da Volkswagen, Siemens, Daimler-Benz e Deutsch Bank foram muito procurados, o que levou a uma subida de 1,8 por cento do índice DAX, desta praça financeira. O *deutschmark*, agora o único meio de pagamento nas duas Alemanhas, foi também muito procurado, provocando uma valorização desta moeda em relação as principais divisas.

Karl-Otto Pohl, presidente da Bundesbank, que no início do ano expressou algumas reticências quanto a uma união monetária acelerada, teve de reconhecer que «as preocupações tinham sido exageradas». O perigo de ver um disparo nos preços, na sequência de um aumento da procura, e de um acréscimo imediato das taxas de juro para combater a inflação não é agora de prever, pelo menos durante o período de transição que se estende até ao dia 9 de Julho.

Entretanto, a vaga de optimismo levantada pelo êxito da união monetária levou o Governo de coligação da RDA, a dar luz verde a noite passada, para a realização da união política entre as duas Alemanhas através da organização de eleições gerais pan-alemãs no próximo dia 2 de Dezembro.

Redacção DL/Lusa/AFP

Duzentos muçulmanos morrem em peregrinação a Meca

Pelo menos duzentos peregrinos muçulmanos morreram ontem num túnel de Mina, perto de Meca, provavelmente devido a uma falha no sistema de ventilação. Segundo um médico palestiano que socorreu imediatamente as vítimas, os peregrinos apavorados com a falha correram em todas as direcções, tendo morrido asfixiados e pisoteados. As autoridades sauditas ainda não divulgaram nenhum relatório sobre a catástrofe.

Mina, situada num vale rodeado por montanhas com centenas de metros de altura, é uma etapa importante no itinerário da peregrinação a Meca. Nos últimos anos foram abertos diversos túneis para facilitar a circulação entre os santuários.

Foi no interior de um destes túneis, chamado Mouayssam, com 20 metros de largura e várias centenas de metros de comprimento que se deu a morte de 200 dos milhão e meio de peregrinos que se deslocaram este ano à cidade sagrada do Islão.

Redacção «DL»/AFP

Kremlin levantou embargo à Lituânia

O Governo soviético levantou totalmente o bloqueio económico imposto à Lituânia, na sequência da resolução da crise surgida após a declaração de independência daquela república, disse o primeiro-ministro Mikolai Ryzhkov.

«Todas as restrições económicas impostas à Lituânia foram levantadas pelo Governo soviético», declarou Ryzhkov à agência noticiosa não-oficial Interfax.

As autoridades da Lituânia anunciaram no fim-de-semana que o abastecimento de petróleo tinha recomeçado, pela primeira vez em dois meses, permitindo o reinício da actividade laboral na única refinaria da Lituânia.

A decisão do Governo soviético foi tomada depois de Moscovo ter imposto à Lituânia o congelamento da declaração de independência como forma de quebrar o impasse nas negociações entre as autoridades centrais e os dirigentes da república rebelde.

Além dos cortes de petróleo, gás natural e carvão, Moscovo também proibiu a distribuição de produtos essenciais à população.

Centenas de fábricas foram encerradas devido à falta de matérias primas, causando o desemprego de mais de 50 mil pessoas.

Entretanto a Casa Branca exprimiu a sua satisfação pelo fim do bloqueio económico à Lituânia. Washington considera que a moratória de 100 dias, decidida pelo Parlamento daquela república báltica, não afecta a posição dos EUA, que nunca reconheceram a anexação dos Estados bálticos pela URSS, em 1940.

Retirada militar da Hungria

O general húngaro Antal Annues disse que 15 mil soldados soviéticos já abandonaram o seu país, ao abrigo dos acordos assinados entre a Hungria e a URSS.

Em entrevista ao diário de Budapeste «Pesti Hirlap», Antal Annues, salientou que o Ministério da Defesa já comprovou a saída de 334 comboios com armamento e 353 tanques.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

ESTA SEMANA HÁ JACKPOT



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

São Tomé e Príncipe

O rosto de uma oposição

Albertino Neto, líder da Coligação Democrática de Oposição de São Tomé e Príncipe foi recentemente para o seu país com vista a preparar a estratégia eleitoral a adoptar pela sua formação política, no contexto das aberturas do regime, encetadas por Pinto da Costa. A coligação surge de três movimentos de oposição sediados em Portugal: UDISTP, FRNSTP e ADNSTP. Esta última, tradicionalmente conotada com Miguel Trovoada, parece ausente, se bem que a CDOSTP continue a reivindicar a presença de alguns membros daquele movimento. Albertino Neto, militar e refugiado político, acusado de tentativa de golpe de Estado, encontrou-se em Abril com o Presidente Pinto da Costa. Segundo revelaram ao «DL» fontes do Governo português, nesse encontro o Presidente são-tomense convidou Albertino Neto para o cargo de chefe de Estado-Maior das Forças Armadas do país, cargo que estava para assumir quando foi preso.

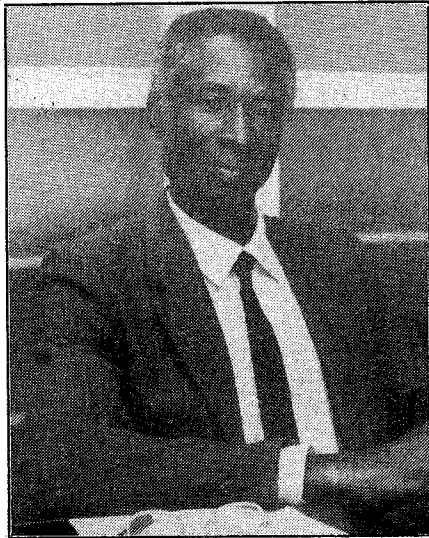
Em declarações ao «DL» o líder da CDOSTP afirmou no entanto que estava fora de causa «qualquer entendimento com Pinto da Costa».

Albertino Neto, líder da

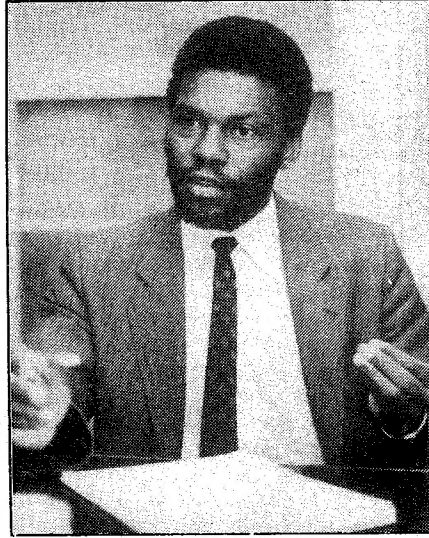
CDOSTP: «A oposição em Portugal era marcada por vários movimentos. Foi um dispositivo que nós adoptámos para que o nosso inimigo não nos pudesse destruir facilmente. Recordo que os regimes no poder em África não actuavam isoladamente. Agora, com o enfraquecimento do regime em São Tomé, precisamos de uma estrutura coesa, destinada a forçar a transição democrática».

Projecto de ressurgimento nacional

«Temos um projecto para o nosso país: um projecto de ressurgimento nacional. Durante estes últimos 15 anos, em que vigorou um sistema monolítico dominado pelo MLSTP, a degradação nas vertentes económica, política e social foi total. Depara-se-nos um país com uma dívida enorme, com um sistema social completamente arruinado e um sistema político que sempre primou pela ilegalidade. Nós apostamos numa liberalização da economia, pretendemos uma revisão profunda do sistema sanitário para fazer face aos surtos epidémicos dos últimos anos, assim como uma revisão de todo o sistema jurídico. Nunca houve justiça em São Tomé. A justiça



Albertino Neto, presidente da CDOSTP, exilado em Portugal



Luís Dias, responsável pelo Departamento Política da UDISTP



Quintiliano Amado, líder da FRNSTP

partia da vontade de Pinto da Costa. Pretende-se, portanto, uma reforma que salvaguarde o respeito dos direitos humanos».

«O que está em causa é a soberania nacional. Pretendemos, por isso, rever os acordos militares existentes com o Governo de Angola e da União Soviética. Mas estas questões serão submetidas a referendo ou devidamente clarificadas no nosso programa eleitoral.

Presidenciais

«O cenário das presidenciais é muito fácil de es-

tabelecer. Essencialmente, concorrem duas forças: uma que dirigiu os destinos do país logo a seguir à independência e outra que sempre se opôs a esse sistema. Temos consciência de que precisamos de um candidato suficientemente forte para derrotar Pinto da Costa. Mas não podemos definir ainda quem é esse candidato, porque ainda não estão criadas todas as condições para isso. Refiro-me, por exemplo, à aprovação da lei eleitoral - se prevê duas voltas nas eleições ou não - assim como à divulgação dos programas dos diferentes candidatos às presidenciais».

Luís Dias, representante da União democrática Independente de São Tomé e Príncipe

e responsável do departamento político da CDOSTP: «O objectivo desta coligação é o de terminar com as iniciativas isoladas. É óbvio que nós não estamos a pensar anular as forças que integram a coligação. O que nos interessa é a democratização do regime. Criados os mecanismos políticos locais para o seu aprofundamento e consolidação, cabe a cada movimento tomar a atitude que achar mais conveniente no sentido de continuar ou não na coligação. Damos bastante importância às eleições presidenciais, mas sobretudo às legislativas. A coligação pretende a eleição do seu candidato presidencial, mas também uma maioria confortável nas legislativas, que lhe permita pro-

ceder a uma nova revisão da Constituição.

Quintelhano Amado, líder da Frente de Resistência Nacional de São Tomé e Príncipe: «A coligação teve um encontro com Miguel Trovoada e com o Grupo de Reflexão, mas não se chegou a uma posição de compromisso. Posteriormente apresentamos a Miguel Trovoada um documento em que apresentamos seis pontos concretos para o nosso apoio à sua candidatura.

Miguel Trovoada disse que iria consultar os seus juristas. A verdade é que até hoje não nos foi dito nada. No entanto, esperamos que ele apresente a sua própria proposta».

Carlos Camponez

Trovoada prepara formação política

O antigo primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada, poderá vir a liderar uma organização política destinada a concorrer a futuras eleições no seu país. Antes do seu regresso a Lisboa, a 22 de Junho, Miguel Trovoada constituiu um «grupo de trabalho», formado essencialmente por quadros superiores e comerciantes, com a função de preparar a sua candidatura às eleições presidenciais.

Fontes próximas de Trovoada afirmaram ao «DL» que não é de excluir que estes núcleos de apoio venham a transformar-se num embrião para a formação de um partido que irá concorrer a futuras eleições legislativas. Estes núcleos estão a ser coordenados a partir de Lisboa. A visita de Trovoada a São Tomé e Príncipe permitiu também pôr em funcionamento um «grupo de trabalho» constituído essencialmente por quadros superiores e alguns comerciantes locais.

Entre Lisboa e São Tomé

O núcleo Central do «Movimento de Apoio à Candidatura de Miguel Trovoada» está a funcionar em Lisboa. Segundo um documento de 12 pontos a que o «DL» teve acesso, este «Grupo de Trabalho» tem por função, entre outros objectivos, a definição da estratégia eleitoral, a «compilação de textos de lei sobre a democratização do país», «elaborar uma previsão orçamental» para a campanha, «constituir e orientar os Grupos de Apoio que estão implantados em São Tomé e Príncipe e no estrangeiro» e «acompanhar o processo de democratização, agindo como grupo de pressão sobre o regime».

Oposição contacta Governo Português

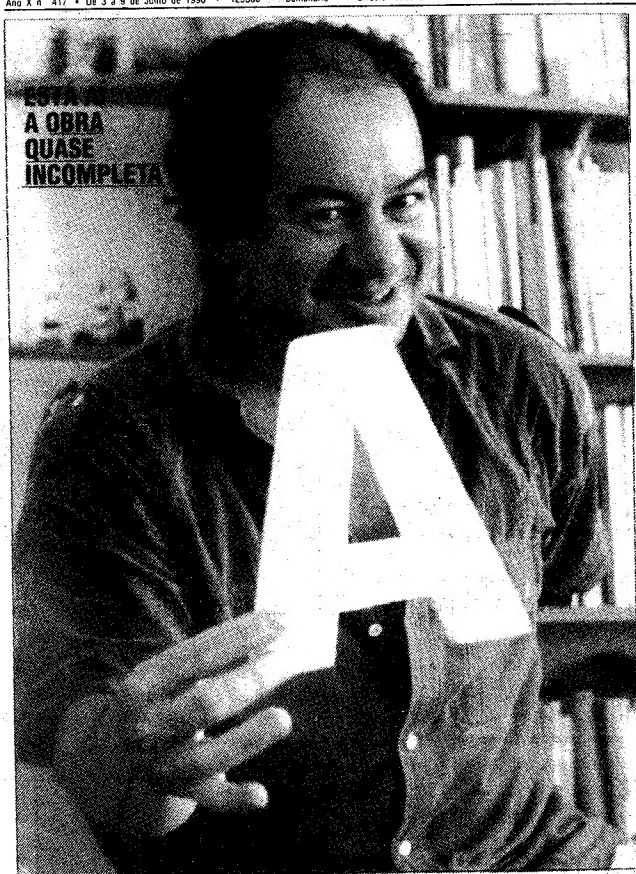
Miguel Trovoada, cuja partida para França estava prevista para quarta-feira, está neste momento a privilegiar os contactos com Portugal. Durante a sua estada em Lisboa, Trovoada irá estabelecer vários contactos com personalidades políticas do Governo português, empresários e algumas instituições financeiras. Quarta-feira encontrou-se com o secretário-geral do Partido Socialista, e almoçou com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso.

A Coligação Democrática de São Tomé e Príncipe (CDOSTP), desenvolveu nos últimos meses alguns contactos a nível político em Portugal, essencialmente com os partidos representados na Assembleia da República - à excepção do Partido Comunista Português -, embaixadas e empresas nacionais e estrangeiras. Alguns financiamentos para a campanha chegaram mesmo a ser prometidos por um consórcio turístico estrangeiro, em troca de algumas facilidades de investimento no futuro, em São Tomé.

Entretanto, no passado dia 23, a embaixada de São Tomé e Príncipe em Portugal encerrou os trabalhos de recenseamento da população são-tomense a residir em Lisboa. A oposição considerou que este processo não foi suficientemente divulgado, facto que explica o reduzido número de pessoas recenseadas, cerca de 300, geralmente consideradas próximas do Governo. O processo está a desenvolver-se agora no Porto, Braga e Coimbra.

C.C.

JL **ESTA SEMANA NÃO PERCA**
jornal de letras, artes e ideias



PIMENTA NA LÍNGUA

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES

PÁGS. 8/10

VERGÍLIO FERREIRA
EM NOME DA TERRA
ENSAYO DE MARIA JOAQUINA NOBRE JÚLIO
PÁGS. 16/17

B. PIVOT AO JL: «ANTES FUTEBOL QUE LIVROS»

ENTREVISTA DE CUSTÓDIA DOMÍNGUES, EM PARIS PÁGS. 6/7



POESIA CONDENADA AO SILÊNCIO?

REPORTAGEM E DEPOIMENTOS DE GASTÃO CRUZ E PEDRO TÁMEN PÁGS. 12

VIAGEM À VOLTA DE CAMILO

A CRÓNICA DE A. M. PIRES CABRAL PÁGS. 32

QUOTIDIANO

Compras em Espanha são mais caras

A Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) alertou, ontem, no Porto, os portugueses para o facto de «comprar em Espanha ser desvantajoso dado ser mais caro». De acordo com João Antunes, adjunto da direcção da DECO, os preços nos grupos de produtos estudados, desde os alimentares e de lazer aos de higiene, entre muitos outros, são, normalmente, mais caros 15 por cento em Espanha.

Em conferência de Imprensa, a DECO deu a conhecer os resultados de um

estudo de preços efectuado nas zonas fronteiriças de Portugal e Espanha, «alertando» assim os consumidores portugueses para as vantagens e desvantagens de comprar no país vizinho.

A revista espanhola de defesa do consumidor «OCU - Compra Maestra» efectuou, também ontem, uma conferência de imprensa, em Vigo, para informar os consumidores espanhóis do mesmo estudo, tendo o seu editor, José Mugica, estado presente no encontro com os jornalistas no Porto.

Letras sem provisão

A Faculdade está sem dinheiro para pagar aos professores e fazer face às despesas correntes

A Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa corre o risco de fechar. O alerta foi dado pelos órgãos de direcção do estabelecimento que acusam os ministérios das Finanças e da Educação de tentarem asfixiar financeiramente a faculdade e desrespeitar a autonomia universitária. O presidente do Conselho Directivo da faculdade, Victor Jabouille, disse, esta manhã, ao DL, que a situação financeira é bastante mais grave do que a dos anos anteriores, devendo ser prejudicados, entre outros, 109 docentes, muitos dos quais catedráticos. «Não se trata sequer de enviar um reforço financeiro para a faculdade, é sómente preciso que o Ministério das Finanças cumpra e pague «as verbas incluídas no orçamento deste ano que não está a ser respeitado».

O professor, que considera esta situação comum a outras faculdades e fazendo parte da política governamental de prejudicar as Universidades Clássicas em favor de outros ramos de ensino e dos estabelecimentos privados, disse que «nem sequer os aumentos previstos para a Função Pública foram canalizados para cá». Isto, acrescenta, «quando é sabido que as universidades privadas estão a receber subsídios».

Promessa do Ministério

Enquanto isto, o reitor da Universidade Clássica, Meira Soares, disse, hoje, à TSF, ter obtido, no dia de ontem, promessas do Ministério da Educação, de que ia ser desbloqueada uma verba para fazer face à situação.



Faculdade de Letras: os estudantes estão solidários com a direcção e o corpo docente

Se isto não vier a suceder, a Faculdade deverá encerrar devido à necessidade de aplicar os saldos positivos de 1989 no pagamento de subsídios de férias do pessoal.

Os presidentes dos conselhos Directivo, Pedagógico e Científico afirmam que esta situação de estrangulamento financeiro impede a contratação e substituição de docentes e funcionários não docentes.

Prejudicados são também o funcionamento de várias cadeiras dos cursos de licenciaturas, o acompanhamento dos estágios, a aquisição de equipamentos, bem como o pagamento a professores visitantes e as acções de intercâmbio internacional e de investigação científica.

A decisão do Ministério das Finanças é classificada pelos responsáveis dos órgãos directivos como «prepotente, ilegal» e violadora da autonomia universitária e considerada «um empréstimo forçado, sem juros e a muito curto prazo, concedido ao

Governo».

Para aqueles responsáveis, trata-se de uma medida que, «na sequência de outras já realizadas, como o corte de seis por cento no PIDDAC, materializa uma situação real de ruptura financeira», desencadeada pela «imposição de um orçamento de recessão».

Esta decisão reflecte ainda, para a universidade, a política «incoerente e inadmissível» do Ministério da Educação, a qual «desrespeita e ofende» a autonomia universitária.

Num comunicado distribuído à Comunicação Social, os órgãos directivos referem, a concluir, que «a descapitalização e asfixia das universidades ditas clássicas só podem ser entendidas como medidas que, em nome de outras prioridades, pretendem atingir, com o descrédito, os mais prestigiados estabelecimentos de ensino superior».

Os órgãos directivos da faculdade marcaram, para 17 de Julho, um plenário de

docentes, no qual será avaliada a viabilidade financeira do estabelecimento.

Entretanto, Leonel Nunes, responsável da Associação de Estudantes da faculdade afirmou, esta manhã, ao DL, a solidariedade dos alunos para com as posições tomadas pelos órgãos directivos e pelo corpo docente, mostrando-se disposto a partir para acções de luta comuns, que podem chegar à greve.

«De algum modo a faculdade deixou-se acantonar nas suas habituais dificuldades e o problema surge agora com maior realce porque não há dinheiro sequer para pagar aos professores, mas há outros problemas, é preciso não esquecer, por exemplo, que este ano lectivo houve cadeias cujas aulas só começaram em Abril, por falta de assistentes e que, em termos de manutenção e estruturas, as salas onde funcionavam as classes dos últimos anos foram fechadas porque chovia lá dentro», sublinhou Leonel Nunes.

B R E V E S

Despacho disciplina acesso à universidade

O Ministério da Educação aprovou o Regulamento do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior, a que se refere o artigo 5º do Decreto-Lei nº 354/88, de 12 de Outubro, para a matrícula e inscrição no ano lectivo de 1990-91. A primeira matrícula e inscrição em qualquer dos estabelecimentos e cursos está sujeita, segundo o despacho hoje distribuído no «Diário da República», em suplemento datado de 29 de Junho, a um número máximo de vagas fixadas pelas entidades competentes, nos termos do artigo 4º do Decreto-Lei nº 354/88, de 12 de Outubro. Válido apenas para o ano que se realiza, ao concurso de acesso podem apresentar-se os estudantes que tenham o 12º ano de escolaridade ou de habilitação legalmente equivalente, que não sejam titulares de um curso superior português ou estrangeiro e que tenham realizado a Prova Geral de Acesso (PGA).

«Tal & Qual» : dez anos de vida

Com a sua edição da passada sexta-feira o semanário «Tal & Qual» completou dez anos de publicação. Dez anos vigorosos e promissores em que teve como directores, sucessivamente, Joaquim Letria, Hernâni Santos, Mário Zambujal e, actualmente, Rocha Vieira. O número de aniversário insere uma divertida antecipação dos próximos dez anos da vida portuguesa, que provavelmente não estará longe da realidade. Ao seu director, Rocha Vieira, e a todos os nossos camaradas de profissão, os parabéns do «DL».

«Jornal de O Dia» muda de director

O nome de Adelino Alves, embora interinamente, passou a substituir, desde ontem, o de João Coito na direcção de «Jornal de O Dia». Inicialmente publicada sob o título de «O Dia», a publicação foi dirigida por Vitorino Nemésio, mais tarde por Carlos Pina, posteriormente por Brás de Oliveira e Alçada Baptista. João Coito explica a sua saída, na edição de ontem, por «ter chegado ao limite físico das suas possibilidades». Referindo-se ao seu sucessor, explica que «mais do que ninguém ele tem a seu lado a solicitude do verdadeiro Deus».

Lotaria Popular

1ª - 354341	3 000 000\$00
2ª - 344969	1 000 000\$00
3ª - 124357	500 000\$00
4ª - 100203	250 000\$00
Terminações em 4341	85 000\$00
Terminações em 341	60 000\$00
Terminações em 969	10 000\$00
Terminações em 357	3 500\$00
Terminações em 203	1 500\$00
Terminações em 37,40,50,74,80,83,92	500\$00

«O Diário»: trabalhadores querem salários completos

A administração da Editorial Caminho, empresa proprietária do jornal «O Diário», comprometeu-se ontem com a comissão negociadora intersindical, a «estudar a questão do pagamento integral dos salários», tendo ficado de dar uma resposta na quinta-feira, afirmou ao DL um dos trabalhadores do extinto matutino.

Já com a presença de Vítor Branco, presidente do Conselho de Administração da editora (ausente na última reunião se negociações) e de um elemento do Ministério do Emprego e Segurança

Social, a reunião de ontem pouco adiantou relativamente à anterior no que se refere às exigências dos trabalhadores, envolvidos num processo de despedimento colectivo.

Para os 90 trabalhadores do jornal extinto, a exigência principal é o pagamento integral dos salários, o que a administração da Caminho tem recusado cumprir, escudando-se no pagamento pela tabela da classe em vigor, que não é revista há três anos.

A reivindicação dos trabalhadores prende-se com o facto de a diferença entre os salários que efectivamente recebiam e os que constam

na tabela salarial, para efeitos do pagamento dos três meses e das indemnizações a que têm direito devido ao despedimento colectivo, representar, sobretudo para os mais antigos, um prejuízo de várias centenas de contos, explicou uma fonte da comissão negociadora intersindical.

Na reunião de ontem a administração da Editorial Caminho entregou à comissão intersindical um conjunto de dados sobre a situação financeira da empresa. Recorde-se que a justificação dada para o despedimento dos trabalhadores baseia-se na situação financeira do

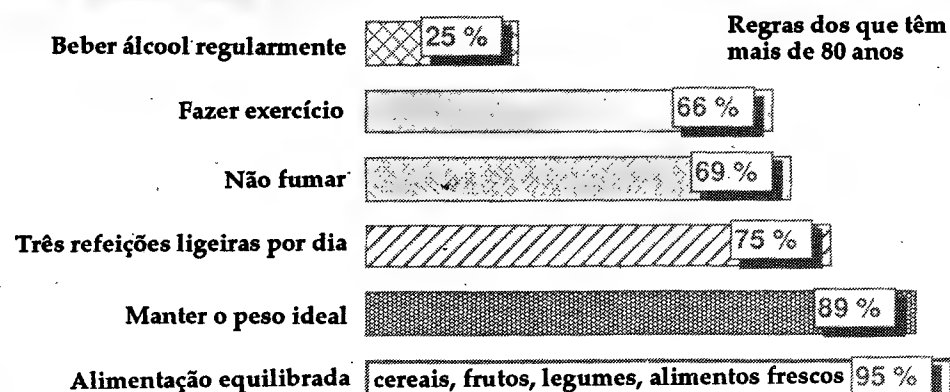
jornal, considerada insustentável. Um grupo de jornalistas e economistas encontra-se a estudar os dados fornecidos pela empresa, no sentido de verificar se a fundamentação apresentada é correcta. Amanhã, os trabalhadores de «O Diário» reúnem-se em plenário para estudar a situação.

Para quinta-feira ficou agendada nova reunião, na qual a administração da empresa dará a sua resposta às exigências dos trabalhadores. O prazo limite acordado entre as partes para o fim das negociações foi o próximo dia 13.

Instantâneo

O segredo da longevidade

Se quer chegar à idade de Matusalém, ou quase, já que o mito diz que o homem atingiu a idade de 969 anos, é preciso fazer esforços. Eis as regras de vida a respeitar:



O primeiro-ministro inaugura, hoje, uma estátua do intendente e uma nova residência para jovens, assinalando a passagem do 210º aniversário da instituição

Casa Pia homenageia Pina Manique

O primeiro-ministro, Cavaco Silva inaugura, esta tarde, no Restelo (Lisboa), um monumento a Pina Manique e uma nova residência da Casa Pia, para assinalar o 210º aniversário daquela organização de assistência social.

Com um orçamento anual de um milhão e oitocentos mil contos, a Casa Pia acolhe três mil e seiscentos jovens, de idades compreendidas entre os três e os 18 anos. Seiscentos e cinquenta estão internados nas suas residências. Lares dispersos por Lisboa e 7 colégios, constituem ainda o seu património, virado para as classes mais desfavorecidas, social e financeiramente.

A par do ensino escolar normal, a instituição ministra formação profissional, ligando a parte teórica ao adestramento prático nas suas oficinas, apetrechando assim os seus alunos com uma carteira que favorece o ingresso no mercado de trabalho.

O provedor da Casa Pia assegurou, hoje, ao DL, que os jovens formados nos centros de formação profissional da organização continuam a ter imensa procura por parte das empresas de diferentes ramos de actividade, «o que prova a qualidade dos ensinamentos que lhe são ministrados». Luís Martins Rebelo disse que é maior o número de pedidos das firmas que a capacidade de formação das escolas da Casa Pia.

Aquele responsável disse que aquela instituição continua a ser muito procurada por crianças e adolescentes votadas ao abandono. A instituição não pára, por isso, de crescer. Deverá ser inaugurada, no próximo ano, a primeira colónia de férias da Casa Pia, na Praia da Areia Branca, à Lourinhã e vai iniciar-se, em breve, na capital, a construção de um centro para crianças cegas e surdas. Há 120 crianças com estas deficiências que aguardam a abertura da escola.

Uma história de prestígio

Foi um quarto de século depois do terramoto de 1755 que o intendente da polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, fundou, a 3 de Julho de 1870, a Casa Pia, instalando-a no Castelo de São Jorge.

Desalojada pelas tropas do Marechal Junot, na sequência das invasões francesas, acabaria por se deslocar para o Mosteiro dos Jerónimos e, mais tarde, em 1883, passou a ocupar os terrenos anexos ao mosteiro, por altura da criação da provedoria. Do vasto historial caspiano ressalta o início do ensino de deficientes surdo-mudos, em 1834, por iniciativa do professor Jacob Rodrigues Pereira, sendo hoje o instituto com o seu nome o mais antigo estabelecimento de ensino em Portugal.

Da sua história constam nomes de cidadãos ilustres na vida portuguesa.

CONFERÊNCIA - SIMPÓSIO

Lisboa FORUM PICOAS - 6 e 7 de Julho

O SISTEMA ENERGÉTICO PARA O ANO 2000 - A PERSPECTIVA PORTUGUESA -

6.ª feira - 6 de Julho

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA 9H30

Presidida pelo MINISTRO da INDÚSTRIA e ENERGIA

Intervenção do COMISSÁRIO EUROPEU Cardoso e Cunha

TEMA: O Mercado Único Europeu de Energia

COFFEE-BREAK 10H00

PAINEL A

A EXPERIÊNCIA ESTRANGEIRA NA LIBERALIZAÇÃO DE SISTEMAS ENERGÉTICOS

Secretário de Estado da Energia, Dr. Ribeiro da Silva 10H30

TEMA: Liberalização do Sistema Energético Português

Dr. A. Roberts (Director Comercial da POWER GEN) 11H00

TEMA: A Experiência Inglesa na privatização do sector eléctrico

Dr. John B. Wing (Director da ERON POWER, Comp.) 11H30

TEMA: A Experiência Americana na gestão de um sistema de produção, transporte e distribuição de gás natural

DEBATE 12H00

PAINEL B

TECNOLOGIAS ENERGÉTICAS

Dr. Wolfgang Palz - Director da área de Energias Renováveis da DG XII - CEE 14H30

TEMA: Contribuições futuras das Novas Tecnologias para as Energias Renováveis

Dra. Isabel Cabrita - Directora do DEC (LNETI) 15H00

TEMA: Novas Tecnologias energéticas ao serviço da Utilização Racional de Energia

Prof. Eng.º Veiga Simão - Presidente do LNETI 15H30

TEMA: Responsabilidade dos Centros Tecnológicos e de Competência

COFFEE - BREAK 16H00

PAINEL C

ENERGIA E AMBIENTE

Eng.º Custódio Miguens - Director-Geral da Energia 16H30

TEMA: Limitações e estrangulamentos do sector energético

Dra. Constança Peneda - Impacte Industrial (LNETI) 16H50

TEMA: Energia e Impactes Ambientais

Prof. Henri Baguenier - Presidente do C.E.E.E.T.A. 17H10

TEMA: Binómio Energia- Ambiente

DEBATE 17H30

Sábado - 7 de Julho

PAINEL D

MERCADO INTERNO DE ENERGIA

Dr. Rui Vilar - Presidente da C.G.D. 9H30

TEMA: Problemática Fiscal Ligada ao Mercado Interno

Dr. Clive Jones - Director-Geral Adjunto da DG XVII (CEE) 10H00

TEMA: O Mercado Interno de Energia

Dr. Giorgi Gerini - Direcção E da DG XVII (CEE) 10H30

TEMA: Políticas de Acompanhamento

COFFEE- BREAK 11H00

PAINEL E

PLANEAMENTO ENERGÉTICO

Eng.º Nascimento Baptista - Coordenador do PEN 11H15

TEMA: Cenários Alternativos

Eng.º José Carvalho Neto - Membro da DG XVII 11H40

TEMA: Perspectiva Energética para 2010

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA 12H00

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

Discurso do MINISTRO DA INDÚSTRIA E ENERGIA 12H30

TEMA: "PORTUGAL - Um Sistema Energético para o ano 2000"

Organização do Ministério da Indústria e Energia — Informações: Telefone - 3463091/ext. 259



ministério da
INDÚSTRIA e ENERGIA

Entre marido e mulher ninguém mete a colher

A violência na relação conjugal, debatida no Congresso das Ciências Sociais, vítima invariavelmente a mulher. Apesar de o fenómeno não mostrar tendência para diminuir, há sinais de que a reacção às agressões é crescente

Em 1988, o motivo de 21 por cento dos divórcios apresentados ao Tribunal de Família do Porto foi a violência conjugal.

Entre 1985 e 1987, no Instituto de Medicina Legal, daquela localidade, 38 por cento das agressões registadas foram interconjugais, 95 por cento das quais contra a esposa. No entanto, este assunto raramente sai das quatro paredes do lar. «A polícia evita intervir e a justiça protege mal», afirmou Luísa Ferreira da Silva, ontem, no I Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, em Coimbra. Esta situação tem a ver fundamentalmente com duas questões: as dificuldades próprias do tema - considerado do domínio «íntimo, privado, motivo de «vergonha» para o homem e para a mulher» e a forma como os cônjuges reagem às agressões. «A mulher reage passivamente - «chora», «fecha-se no quarto», «amua» -, embora, interiormente, se revolte - «sente raiva» e, nalguns casos, «medo». O homem refere tristeza,

revolta contra si próprio, e tenta esquecer o que se passou - «vai dar uma volta». Ambos «pensam na hipótese de separação», mas não julgam vir a concretizá-la.

O que explica a ausência de bibliografia portuguesa e de estatísticas da justiça, dos serviços médicos ou assistenciais sobre o assunto.

Apesar destas dificuldades, Luísa Ferreira da Silva, do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, aplicou vários inquéritos, para estudar este fenómeno com repercussões importantes na estrutura familiar portuguesa, a nível da relação conjugal e da educação dos filhos. Em 180 inquiridos, 28 por cento afirmaram viver situações de violência interconjugual. Apenas em quatro casos foi preferida a agressão mútua do casal. Não aparece nenhum homem agredido pela mulher.

No entanto, não se pense que esta situação é exclusiva de Portugal. Como também não diz apenas respeito às sociedades tradicionais.

«Actualmente, a mulher tem tendência a reagir mais. No entanto, tudo se põe ao nível de casos individuais. Não se pode dizer que o fenómeno esteja a diminuir», disse ao DL Luísa Ferreira da Silva.

Esta situação é um exemplo da discriminação sexual de que a mulher é vítima. E apesar das diferenças culturais entre os vários países presentes neste congresso, o sexo feminino tem um papel subalterno em todos eles. Isso mesmo, focaram as comunicações apresentadas neste painel: «Mulher e família», presidido por Ana Nunes de Almeida. Onde participaram João Arricado Nunes, Universidade do Minho, João Lopes Filho, Universidade Nova de Lisboa (sociedade cabo-verdiana), Maria Ângelo D'Incao, Universidade Estadual Paulista, e Filomena Ferreira Mendes, Universidade de Évora.

Os grupos de trabalho puderam, ainda, escolher as seguintes temáticas: Rural-urbano, cultura-espaco-transnacional, estado e integração

social, política e organização, emprego e tecnologia e cultura emocionais de vida.

Desigualdades sociais

O tema da primeira sessão plenária do congresso foi «Democracia e desigualdades sociais». Apesar das diferenças dos países presentes, uma semelhança os une: a posição periférica ou semi-periférica na situação mundial. Esta mesa foi presidida por Boaventura Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, organismo promotor deste congresso. Fernando Henrique Cardoso, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento de São Paulo, João Ferreira de Almeida, Universidade de Lisboa, Carlos Lopes, Organização das Nações Unidas, Carlos Guilherme da Mota e Marilena Chauí, Universidade de São Paulo, e José Reis, Universidade de Coimbra foram os conferencistas.

«Os desafios das ciências sociais das sociedades de língua portuguesa

decorrem destas não serem muito desenvolvidas. Têm posições subordinadas no resto do mundo. O que levanta desde logo uma série de questões. Uma das quais tem a ver com a democracia e desigualdades sociais, precisamente porque são sociedades com uma curta tradição democrática e portanto, com uma curta tradição destas disciplinas, uma vez que estas se desenvolvem unicamente em contextos democráticos», afirmou ao DL Boaventura de Sousa Santos. A sociedade brasileira é paradigmática destas desigualdades. Marilena Chauí, secretária da Cultura do Município de São Paulo, referiu que metade dos mais pobres desfrutam de três por cento da renda nacional, enquanto que cinco por cento dos mais ricos tem 33 por cento. Estas situações colocam questões ao nível da estratégia social, nomeadamente, no que diz respeito ao papel dos agentes sociais. Este foi o segundo tema do congresso, debatido esta manhã.

Céu Neves

Desenvolvimento africano

Conflito Norte-Sul impede soluções

José Luís Cabaço é membro do Comité Central da Frelimo, Relações Internacionais. Foi ministro dos Transportes e Comunicações e da Informação. Para ele, um dos principais problemas africanos é o conflito Norte-Sul.

DL — Quais são os problemas que se colocam aos cientistas sociais em África no processo de desenvolvimento?

José Luís Cabaço — São as dificuldades intrínsecas ao próprio continente. Em especial no que diz respeito ao preocupante agravamento das relações Norte-Sul.

Este conflito não permite transparecer soluções visíveis. Antes pelo contrário, hoje o Sul vê com preocupação a intensificação das relações Norte-Sul. A relação Norte-Sul tende a impor padrões de compor-

tamento e de socialização, que indubitavelmente tem uma incidência positiva nas dinâmicas do continente, mas que se torna conflituosa com a própria dinâmica das sociedades africanas.

DL — Isso explica o «pesimismo africano», hoje aqui focado?

JLC — Sim. Porque os países africanos rodam em volta deste círculo vicioso e não encontram saída.

DL — Mas as transformações nos países de Leste também têm consequências em África...

JLC — Da mesma forma que os processos de transformação em África se reflectem no Leste. O modelo socialista aliciou as sociedades africanas, depois de se ter visto que o capitalismo não resolvia o problema. Hoje pode dizer-se

que as reformas socialistas não resolveram a situação. Só agora, mais conhecedores da realidade, podemos procurar soluções para avançar.

DL — Qual o papel do cientista social, intervindo através da participação política, como é o seu caso, ou apontando alternativas a partir de estudos da realidade?

JLC — Temos outras responsabilidades. Fundamentalmente devemos diagnosticar e desmontar soluções e darmos esses elementos aos sujeitos sociais, em particular aos políticos. Eles é que podem apontar medidas.

DL — Nessa perspectiva não se pode falar em países africanos, no seu todo.

JLC — Claro. Há uma simplificação quando se fala dos PALOP. Não se pode falar em Portugal, Brasil e Píses Angolanos de Língua Oficial Portuguesa. Existe uma individualidade que não se pode simplificar a uma representação comum. Temos especificidades, mesmo nas opções de carácter político. Somos cinco países.

DL — Qual a particularidade de Moçambique?

JLC — Tem duas especificidades imediatas: é o único rodeado de países de língua inglesa, sofre uma influência anglo-saxónica, é o único do Oceano Índico, com influências da cultura indiana.

DL — E no plano político?

JCC — Sofre uma guerra interna que provoca traumas sociais profundos. O que afecta até o próprio processo de formação da Nação. Os efeitos disso ainda não estamos em condições de analisar. Só com a paz podemos ter uma perspectiva mais global.

C.N.



Margarida Sagná reuniu-se com o Conselho de Administração dos CTT, em Lisboa

Dirigente cabo-verdiana estuda comunicações açorianas

A Directora Geral de Correios e Telecomunicações de Cabo Verde, Margarida Sagná, deslocou-se a Portugal a fim de debater algumas áreas de cooperação entre os CTT e o seu país e ver in loco soluções técnicas adoptadas pela empresa pública portuguesa nas comunicações entre ilhas açorianas.

Margarida Sagná, membro do Conselho de Administração da União Internacional de Telecomunicações (UIT), veio a convite da administração dos CTT e, no seu programa, tem agendada a possibilidade de uma maior cooperação dos serviços postais portugueses com o seu país. O programa inclui a sua visita aos Açores para um conhecimento aprofundado das «técnicas de vanguarda» das telecomuni-

cações entre as diversas ilhas açorianas, nomeadamente a rede analógica e digital que assegura as ligações telefónicas, de telex e dados que asseguram, também, a recepção de qualquer emissão televisiva.

Especial atenção irá merecer a rede integrada que liga Flores ao Faial, um feixe hertziano de 237 km e que constitui «o 6º maior salto em linha de vista, a nível mundial».

Margarida Sagná demonstrou interesse em conhecer o sistema instalado pelos CTT nos Açores para resolver os problemas de comunicações decorrentes da descontinuidade geográfica própria do arquipélago, dada a semelhança verificada com Cabo Verde.

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

Proc.º n.º 8480 3.ª secção

O DOUTOR ANTÓNIO SOUSA SANTOS, M.º JUIZ DE DIREITO DA 3.ª SECÇÃO DO 15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA:

FAZ SABER QUE foi distribuída a este Tribunal uma acção intentada pelo Ministério Público contra CARLA BRANCO VIEIRA, solteira, maior, residente na Rua Freitas Casul n.º 32-1.º-Esq.º e Dt.º, em LISBOA, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 11 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
(a) António Sousa Santos
O Escrivão-adjunto,
(a) Carlos Alberto
M. Fernandes

«DL» — 1.ª Pub — 3/7/90

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

P.º 6755 - 2.ª secção

FAZ SABER QUE foi distribuída à 2.ª secção deste Juízo uma acção contra ARMINDA RODA COELHO OLIVEIRA, residente na R. Cidade de Cardiff, n.º 31-cave em LISBOA, com o n.º 6755, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 5/6/90.

O Juiz de Direito,
(a) Flávio J.B. do Casal

A Escrivão-adjunta,
(a) M.ª Manuela A. Sereno

«DL» — 1.ª Pub — 3/7/90

QUOTIDIANO

A CEE, através do Ano Europeu do Turismo e de um subsídio seu de 1.800 contos, está neste momento, por um ou outro modo, soprando juntamente com o vento nas velas do navio escola «Creoula» que leva ao «Triângulo Português» (Continente, Madeira, Açores) 45 jovens portugueses residentes em países da Comunidade

«Creoula» abre as velas à CEE

Vão a esta hora no mar. Rumam à Madeira para depois alcançarem os Açores e voltarem, 26 dias depois, a Lisboa, desenhando, em viagem, no Atlântico, o «Triângulo Português». «Eles» são 45 jovens portugueses, filhos de emigrantes, residentes na Bélgica, França, Alemanha Federal e Luxemburgo. Viajam em projecto integrado no Ano Europeu do Turismo e subsidiado pela CEE em 12 mil ecus ou seja aproximadamente 1.800 contos.

Mas quem os abriga, quem trabalha ventos e vagas é o «Creoula», sólido e belo, esse antigo bacalhoeiro português dos bancos da Terra Nova, posteriormente transformado em veleiro da juventude, guarnecido e mantido pela nossa Armada e o qual eu trato por «quem», pois o «Creoula» parece-me ser mais do que navio, é pessoa. Partiram ontem.

Nos primeiros dois dias de viagem 15 a 20 por cento dos jovens vão «pagar o tributo a Neptuno». Os três anos de experiência do «Creoula», como navio-escola de juventude civil, e do seu comandante, capitão-de-mar-e-guerra Silva Dias, já garantem esta percentagem. Quer isto dizer que a previsão estatística é a de que, neste momento, pelo menos 6,5 jovens dos que ontem vimos embarcar na Doca da Marinha, estarão pura e simplesmente enjoados.

Entusiasmaticamente confusos

O «Creoula» já levou ao mar, desde 1987, cerca de dois milhares de jovens portugueses, em seis dezenas de viagens. Daqui surgiu um outro garantido dado empírico: após esses dois dias de enjôo ou adaptação, os jovens tornam-se verdadeiras aves de rapina e não há abastecimentos nem esforçado trabalho dos cozinheiros de bordo que os satisfaçam plenamente.

No almoço prévio ao embarque, durante o embarque e enquanto já a bordo do «Creoula» iam calmamente sendo arrumados nas camaratas do navio, os rapazes e raparigas, de idades entre os 16 e os 22 anos, mostraram-se entusiasmaticamente confusos.

Nenhum deles teve experiência anterior de vela. Não foram explicitamente informados pelas embaixadas e consulados portugueses nos países onde residem de que a viagem no «Creoula» não iria ser um cruzeiro de luxo, um desses essencialmente preenchido por sonecas à sombra da vela grande, serenatas ao luar no convés, enquanto o navio deslizaria por mar chão e com cálida brisa favorável, desenvolvendo-se um pouco de casto namoro junto às amuradas e vendo as manas vagas passar, com as suas pontas de espuma fosforescente... Nada disso.

O mistério dos escutelros

O boletim de inscrição distribuído pelo Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas só menciona as «tarefas normais diárias» de bordo. Depois espraia-se acerca da realização, no «Creoula» em navegação, de «jornadas de reflexão sobre a problemática da juventude no contexto do espaço europeu» e acerca da participação em «actividades culturais e recreativas».

Nada sobre as fainas de mastro (manobra das velas), nada sobre os quartos, diurnos e nocturnos, ao leme, de vigilância à proa e à popa, nada sobre os serviços na copa e na cozinha, nada sobre a baldeação do convés, a limpeza das camaratas e das casas de banho, nada sobre os exercícios de abandono do navio e de fogo. E tudo isto ocupa tempo, cansa, dá vontade de dormir. Deixará, ao que se prevê, pouca disponibilidade para as tais «jornadas de reflexão sobre a problemática...» etc, etc.

Marta Vidal, 20 anos, filha de portugueses emigrados para o Luxemburgo. Increveu-se porque uma pessoa conhecida da embaixada a avisou. Doutro modo não teria sabido, como muitos outros jovens portugueses no Luxemburgo não souberam.

O papel de inscrição dizia, segundo ela, que se tratava de uma viagem à Madeira e aos Açores, «num barco antigo». E acrescentava-se que os

inscritos deveriam ser escuteiros... Mais nada.

A menção de «escuteiros» deixou atónitos, em Lisboa, os representantes das entidades promotoras da viagem: a Associação de Utentes das Pousadas de Juventude, a Associação Juvemedia, a Câmara Municipal de Lisboa e o já mencionado Instituto de Apoio à Emigração. Nunca ninguém pensara ou sonhara sequer com tal condição!

«...se calhar val ser um jogo»

Para a Marta, a motivação da viagem não é propriamente a «problemática da juventude no contexto do espaço europeu». E também não mencionou especial interesse pelos Descobrimientos Portugueses.

Referiu sim que queria conhecer a Madeira e os Açores, admitiu uma curiosidade pelos barcos à vela, «por serem diferentes» e, quando alertada para os trabalhos que a esperavam a bordo, mostrou bom senso ao responder: «Nós ainda não nos conhecemos mas vamos ter que nos ajudar uns aos outros, trabalhar todos juntos, nada de criarmos problemas, sermos todos amigos e fazermos aqui as coisas que nunca fazemos em casa o que, se calhar, vai ser um jogo».

Diz quem já tem três anos de experiência de «Creoula»: «Há jovens que vêm para cá e de certo modo são apanhados de surpresa pelas tarefas da vida a bordo. Alguns, a princípio e porque foram mal esclarecidos, chegam convencidos de que vão fazer um cruzeiro, apanhar muito sol e, depois, nos portos, terem muito tempo para se divertir. Ora o que é certo é que isto muitas vezes não acontece e a maior parte do tempo é passada a navegar. Mas a experiência mostra que a grande maioria deles se adapta bem e que é grande a solidariedade e o sentido de responsabilidade que neles se desenvolve».

A esta hora, lá no Atlântico, já começou tal aprendizagem para os 45 rapazes e raparigas do «Creoula».

Paulo David



Ainda a viagem não havia começado e já dois jovens do «Creoula» não resistiam à tentação clássica: subir a um dos mastros



A foto «histórica» do embarque. Também aí se confirmou a falta de informação prévia dada aos jovens: a maioria trazia malas rígidas, quando a regra manda sacos e mochilas flexíveis, para facilidade de arrumação quando vazios

Carreira peculiar

A carreira do capitão-de-mar-e-guerra Silva Dias tornou-se, nestes últimos três anos, peculiar, senão única, na Armada portuguesa: comanda um navio, o «Creoula», em que a maior parte da guarnição é, geralmente, formada por jovens civis que pouco ou nada percebem de vela. O que é que ele aprendeu com isso? Estamos na minúscula câmara do comandante, poucas horas antes da partida do navio, para a viagem ao «Triângulo Português».

Ele lembra que a nossa Armada tem uma tradição de navegação à vela, tradição essa que até há poucos anos era apenas ensinada, na sua parte prática, através do treino de mar dado, em termos profissionais, aos jovens que saíam das aulas de marinharia da Escola Naval.

Essa prática era ministrada durante as viagens de instrução da «Sagres», da «Polar» e inclusivamente do «Vega».

Mas Silva Dias reconhece que esta sua

experiência, no «Creoula», é de facto inédita, pois a maior parte dos jovens que embarcam no antigo bacalhoeiro nunca tiveram contacto com o mar nem, possivelmente, seguirão a carreira da marinha. Acrescenta que ao longo destes últimos três anos aprendeu bastante com o que há de diferente nesta vida do «Creoula» e que é uma diferença muito rica.

Segue-se a provocação: «Gostaria de acabar a sua carreira naval como almirante da juventude?».

Recuperado de um discreto ataque de riso, o comandante Silva Dias responde: «Eu desconfio que já sou um bocado...enfim... Sou um capitão-de-mar-e-guerra, já estou no fim da minha carreira. Mas sinto que com esta experiência no «Creoula» tenho rejuvenescido. De maneira que qualquer dia não acabo a minha carreira como almirante mas sim como guarda-marinha da juventude».

P.D.

No final de cada ano lectivo, os problemas do ensino assumem uma acuidade só ultrapassada pela que revestem na abertura das aulas. Daí a oportunidade de publicação dos três artigos insertos nestas páginas e que, embora focando problemas muito diversos, convergem na perspectiva crítica ao nosso sistema de ensino e às suas múltiplas deficiências.

A prova geral de acesso ao ensino superior

Convém desde já que se diga que a ideia da Prova Geral de Acesso (PGA) ao ensino superior é uma boa ideia, uma vez que se trata de uma prova que pode introduzir algumas correcções positivas nos estilos e práticas educativas. O mesmo não se pode dizer da sua concretização prática. É útil também dizer desde já que a política de *numerus clausus* é inevitável, pelo menos nos cursos mais procurados, pelo que não será analisada neste texto.

Fundamentalmente, podemos considerar dois tipos de avaliação: uma dita de *certificação*, onde a questão essencial reside na atribuição de uma *certificação de competências* e outra dita de *ordenação* ou *seriação*, cujo objectivo é ordenar os avaliados. Os testes a utilizar para a avaliação de certificação devem apresentar características completamente distintas das da avaliação de seriação. De facto, enquanto na avaliação de seriação, é fundamental garantir uma elevada variância ou variabilidade das notas (quanto maior for a variabilidade das

notas, maior probabilidade existe de que os seleccionados sejam diferentes dos não seleccionados), na avaliação de certificação a variância deve ser mínima, permitindo, no entanto, estabelecer uma distinção clara entre *competência* e *não competência*. (É evidente que podemos considerar também processos de avaliação que envolvem simultaneamente aspectos de certificação e de seriação. No entanto, em geral, numa determinada situação, uma das componentes sobrepõe-se à outra). Quando se utiliza um processo de avaliação para seriação pressupõe-se, como é evidente, que todos os candidatos apresentam as competências mínimas adequadas.

Como exemplo de avaliação de certificação temos o exame de condução ou o exame para obtenção de um *brevet* de piloto; como exemplo de avaliação de seriação podemos considerar o processo de escolha de um determinado número de pilotos para uma companhia aérea ou o melhor condutor para uma determinada

função. Por vezes, utilizam-se também os termos «avaliação em mérito absoluto» para a avaliação de certificação e «avaliação em mérito relativo» para a avaliação de seriação.

O processo de avaliação apresenta algumas características que é importante que sejam consideradas. Em primeiro lugar, a avaliação é sempre um processo subjectivo. Não há avaliação objectiva (convém não confundir testes de *cotação* objectiva, como é o caso dos testes de escolha múltipla, com avaliação objectiva). Por outro lado, toda a avaliação está submetida a uma certa margem de erro, que pode ser reduzida mas não eliminada. Note-se que as fontes de erro têm origem quer directamente nos intervenientes na avaliação quer no contexto em que ela se realiza. Uma outra característica importante é a do processo de avaliação apresentar um importante efeito - o chamado efeito de *backwash*. Em termos simples, este efeito consiste no seguinte: o processo de ensino e aprendizagem é fortemente

condicionado pelas expectativas que os alunos têm face ao processo de avaliação.

Podemos questionar-nos sobre o tipo de avaliação que se deve considerar no acesso ao ensino superior: certificação de competências ou seriação de candidatos? A generalidade dos docentes do ensino superior está principalmente interessado na certificação de competências (o que é perfeitamente compreensível, uma vez que são amplamente conhecidas as dúvidas que os professores de um determinado nível têm das capacidades e conhecimentos com que os alunos saem do nível imediatamente anterior...). No entanto, um ponto de vista mais «aberto» leva-nos a considerar facilmente que a certificação deve ser da responsabilidade do ensino secundário - a «entidade» responsável pela formação - enquanto que o processo de seriação deve ser independente do ensino secundário tendo, simultaneamente, em consideração os interesses do ensino superior e o currículo que os alunos frequentaram.

Note-se que a concepção dos responsáveis do Ministério da Educação sobre se as provas de acesso se destinam a certificar ou a seriar é algo confusa. Por exemplo, num recente documento da Secretaria de Estado do Ensino Superior, distribuído no Conselho Nacional de Educação, escreve-se que a PGA é uma «prova nacional, de avaliação do desenvolvimento intelectual do candidato, do seu domínio da língua portuguesa ao nível da compreensão e da expressão e da sua maturidade cultural». Como compreender, então, que um aluno possa ser colocado no ensino superior e obter 10% ou mesmo 0% na PGA? (Isto pode suceder em certos cursos pouco procurados, uma vez que não há limite inferior para a nota da PGA nem para as notas nas provas específicas). É evidente que, deste modo, a PGA não se destina a certificar a competência do candidato mas apenas a contribuir para a sua seriação.

Somos, assim, levados a considerar uma nova questão: qual o melhor processo de seriação? Com base nas

informações do secundário? Com base em provas específicas por disciplinas ou cursos? Com base em provas gerais, sem correspondência directa com os currículos? Com base numa combinação destes processos? Todas estas soluções apresentam vantagens e desvantagens. Uma boa solução tem de ter em conta quer as vantagens e desvantagens das diferentes soluções quer as características do processo de avaliação que através foram indicadas.

O uso exclusivo das informações do ensino secundário não tem em conta a diferença entre avaliação de certificação e avaliação de seriação. Por outro lado, sendo a avaliação do secundário essencialmente da responsabilidade de cada professor e estando envolvidos centenas e mesmo



Estudantes

Estabilidade de emprego para uma nova e

Em cada ano que passa, em cada concurso que abre, aumentam as nossas preocupações quanto a uma estabilidade profissional e de local de trabalho, cada vez mais sonho e menos realidade.

São muitos, mais de 13 mil, os docentes do 1.º ciclo do Ensino Básico que, ano após ano, esperam conquistar um lugar de trabalho certo. Os do Quadro Geral esperam poder mudar-se para um local mais próximo da sua residência. Os dos Quadros Distritais, mais de 10 mil, aspiram por um lugar no Quadro Geral e por sua vez os contratados, cerca de 3 mil, anseiam desesperadamente por um lugar, pelo menos, nos Quadros Distritais (neste caso está em jogo não só o local de trabalho certo, mas acima de tudo, a garantia de emprego e progressão na carreira).

Somos ao todo cerca de 41 mil docentes, dos quais cerca de 29 mil pertencemos ao Quadro Geral (no Continente). Todavia, todos os restantes são absolutamente necessários ao sistema e têm-no servido sem que em contrapartida lhes seja dada qualquer estabilidade: tanto podem estar a trabalhar na ponta sul de um distrito como na ponta norte.

Ao concurso que decorreu recentemente

para o Quadro Geral do 1.º ciclo do Ensino Básico estiveram presentes 192 vagas positivas e 4749 negativas (no Continente)!

Da intenção à prática

Se é verdade que se verifica um recuo assinalável no ingresso no sistema educativo (crianças com 6 anos de idade), não deixa de ser verdade que nada tem sido feito para, aproveitando esta situação, se dar uma atenção prioritária à elevação da qualidade de ensino.

Na nossa óptica, a diminuição da população escolar não pode nem deve servir de desculpa para se diminuir o número de lugares do Quadro Geral ou afirmar que há professores a mais neste sector de ensino.

Se é reconhecido «que são graves as situações de insucesso escolar, designadamente no 1.º ciclo do Ensino Básico, e urge actuar com rapidez, no sentido de melhorar a eficiência do ensino nesse ciclo inicial de escolaridade»; (resolução do Conselho de Ministros de 10.12.87); se se considera «que não basta garantir o acesso à educação, mas também promover, de modo generalizado, o sucesso educativo de crianças e jovens...» (resolução do Conselho de Ministros de

10.12.87), o que implica uma grande diversidade de respostas educativas; se a própria Lei de Bases do Sistema Educativo estabelece que compete ao Estado a responsabilidade de «promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares» (art.º 2.º); se é amplamente consensual que urge a modernização do sistema de ensino, permitindo assim que a escola possa responder aos desafios que hoje se lhe colocam; *Então porque não se passa da intenção à prática? Porque não se aproveita a conjuntura para se darem passos em frente na concretização dos objectivos colocados no plano teórico?*

Não querendo reduzir a verdadeira amplitude da problemática equacionada, não podemos deixar de colocar algumas questões directamente relacionadas com a vertente *estabilidade profissional/quadros*.

Estabilidade e quadros

São milhares os professores que com mais de 36 anos de serviço se desejam aposentar e não o fazem porque o ME insiste, em sede de ECD, em fazê-los aguardar até 1992 por aquilo a que já agora têm direito.

O critério para criação de lugares mantém-

se nos 25 alunos/turma/professor (sabemos que o normal é uma turma ser formada inicialmente com 25 e terminar o ano com instantes mais alunos provenientes de transferências, matrículas tardias, etc.).

O critério para suspensão de lugares foi alterado de 15 para 25 alunos o que origina quer o aumento de alunos/turma, quer o aumento de professores titulares de lugar suspenso.

O ponto 8 do art.º 4.º do decreto-Lei n.º 35/88 não está a ser aplicado de forma generalizada e mesmo quando e onde tal se verifica esses lugares de apoio não estão a ser incluídos no Quadro Geral tal como o Decreto-Lei indica.

A Lei de Bases do Sistema Educativo refere que «no 1.º ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas» (art.º 8.º n.º 1 a); «são estabelecidas e desenvolvidas actividades e medidas de apoio e complementos educativos visando contribuir para a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolar» (art.º 24.º); «Nos estabelecimentos de ensino básico é assegurada a existência de actividades de acompanhamento e complemento pedagógi-



Auto Monumental do Arceiro
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Estudantes manifestando-se, em 1989, contra a Prova Geral de Acesso

milhares de professores, como compreender que se pudesse utilizar essa informação numa situação de seriação?

O uso de provas específicas para acesso a diferentes cursos, utilizado em Portugal até há dois anos atrás, apresenta algumas características positivas. De facto, pode permitir a verificação de pré-requisitos em disciplinas fundamentais para os cursos e, simultaneamente, permitir orientar externamente a forma como é leccionado o 12.º ano que, não esqueçamos, é um ano de preparação para o ensino superior, pelo menos com a actual estrutura.

Concluindo: todo o processo de acesso deve ser considerado como um processo de seriação, não como um processo de certificação. Deve ser da responsa-

bilidade das instituições de ensino superior (porque não criar uma «joint-venture» entre instituições?). Pelos seus efeitos positivos sobre as práticas escolares, a PGA deve ser mantida, mas com um peso muito reduzido ou, preferencialmente, apenas para «desempate». A PGA deveria igualmente contemplar questões de «literacia numérica», um maior número de itense assumir-se como um teste permanente ao estado do sistema educativo.

Quanto às provas específicas, há que acabar com o amadorismo com que são concebidas. Desde há dezenas de anos que em Educação se dominam as técnicas de construção de testes. Mas, infelizmente, quem já alguma vez respondeu a um teste pensa que sabe construir testes. Assim,

não admira que as provas específicas sejam tão inadequadas para o fim a que se destinam. Admitindo que as provas específicas são cientificamente concebidas (o que não significa que sejam 100% fiéis), devem ser estas as provas a utilizar para seriar os candidatos ao ensino superior.

O acesso ao ensino superior tem sido, como muitas outras questões, analisado superficialmente e, frequentemente, sujeito a manipulações. O documento do Ministério da Educação atrás referido é um bom exemplo de uma das manipulações estatísticas mais interessantes que já foram publicadas. A sua análise será tema de um próximo artigo.

Vitor Duarte Teodoro
Docente da Universidade Nova de Lisboa

escola

cos, de modo positivamente diferenciado, a alunos com necessidades escolares específicas»; (art.º 25.º); «...podem ser ministrados cursos especializados de administração e inspecção escolares, de animação sociocultural, de educação de base de adultos, e outros necessários ao desenvolvimento do sistema educativo» (art.º 33.º p.2).

O Decreto-Lei n.º 286/89 de 29 de Agosto cria a «área escola» como área curricular não disciplinar, com objectivos ao nível da «concretização dos saberes através de actividades e projectos multidisciplinares, a articulação entre a escola e o meio e a formação pessoal e social dos alunos». O mesmo diploma refere: «Os estabelecimentos de ensino organizarão actividades de complemento curricular... visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos» onde integra o desporto escolar, e ainda «no 1.º ciclo do ensino básico podem as escolas... proporcionar a iniciação de uma língua estrangeira...»

Creio não haver dúvidas em concluir que muito há a fazer e, sobretudo, que muito pode ser feito. Todavia o ME vem mostrando, há vários anos, a incapacidade e/ou falta de vontade política para alterar esta situação. A reforma do sistema educativo caminha lentamente e, particularmente, em aspectos que poderiam minimizar a redução do número de lugares do Quadro Geral.

Estamos certos que:

- Quando os critérios para criação e suspensão de lugares forem alterados no sentido de servir os alunos e o seu sucesso escolar;
- Quando forem dadas as condições a que os professores próximos da aposentação têm

direito;

- Quando a Lei de Bases do Sistema Educativo for cumprida;
- Quando a Reorganização Curricular for aplicada em todas as suas vertentes;
- Quando, em vez de se cortar a hipótese dos professores em exercício poderem candidatar-se a especializações, tal for incentivado;
- Quando a formação complementar necessária aos actuais professores para exercerem áreas educativas inexistentes e necessárias à luz das novas reformas for pensada seriamente e posta em prática;
- Quando ao Quadro Geral for dado o âmbito das verdadeiras necessidades das escolas;

Então o número de professores com estabilidade de local de trabalho será muito maior, a instabilidade profissional menor, a pluridocência no 1.º ciclo possível e, de certeza, será dado um passo em frente na construção da tal escola de sucesso.

Quando pretende o ME agarrar os problemas de frente dando-lhes a resolução adequada?

«Uma sociedade em mudança exige uma nova escola para o decénio que antecede e prepara o séc. XXI. O desenvolvimento do País assim o exige». Nesta como noutras matérias os professores têm uma palavra a dizer e saberão fazer ouvir a sua voz.

(Resolução do 3.º Congresso Nacional dos Professores)

Isabel Barreiro
Professora, membro da Direcção do SPGL/FENPROF

A polémica reforma do ensino de Filosofia

No século XIII, no *Tractatus de bono et malo*, Guillaume d'Auvergne pronunciava-se sobre a beleza da acção honesta e diz que, tal como a beleza dá prazer a quem a vê, assim também a beleza interior proporciona o deleite ao espírito⁽¹⁾. De facto, na Idade Média havia uma compreensão da ligação entre beleza e utilidade, tal como entre beleza e bondade, «pulchrum» e «ap-tum», e entre «decorum» e «honestum».

Este exemplo de uma ligação que cada vez mais hoje ganha sentido serve para introduzir alguns aspectos à polémica que a discussão dos programas de Reforma do Ensino da Filosofia tem vindo a suscitar nomeadamente pela Corporação Universitária. É sibilina a atitude que uma parte desta instituição tem tomado, face à proposta dos novos conteúdos a leccionar no ensino secundário. Todavia o cerne do problema é essencialmente este. O projecto em discussão destina-se de facto a ser ensinado no secundário.

Como professor neste grau de ensino, sinto que este projecto de alteração é honesto e por isso, belo e bom. Senão vejamos. Nas finalidades destinadas a desenvolver a capacidade e possibilidade argumentativa do aluno articulam-se dimensões que tendo origem no sentir se relacionam por osmose com o compreender, o argumentar e o dizer desembocando no criar, tudo isto partindo de um prisma de *Contemporaneidade* que se desenvolve em *problemas* que formam temas. Há uma liminar rejeição do historicismo que o «actual» programa permite, e é obviamente negativo. Sem dúvida que é inquestionável a importância do tratamento dos problemas da Lógica, Epistemologia, Ética e Estética, consenso que já será talvez mais volúvel em relação à Racionalidade do Mundo Contemporâneo. No fim de contas, o que importa é atribuir um estatuto de dignidade e responsabilidade a uma disciplina que de facto ora não se apresenta como tal.

Quem nega a urgência de uma reforma de fundo, e não fica perplexo com a pobreza (des)organizativa do programa actualmente em vigor particularmente veiculando nos conteúdos do 10.º ano? Muito se poderia dizer do que hoje se ensina e de como a motivação para a Filosofia é parca. Basta-me referir apenas a impossibilidade de diálogo que esta míngua hoje existente produz, e que sem dúvida será responsável pela incompreensão do Poder face à obrigatoriedade do ensino da Filosofia no secundário como suporte de quaisquer *entradas* dos alunos num mundo vivo, seja ele qual for. Será que esta incompreensão da utilidade e da beleza da Filosofia bem como da sua honestidade e bondade não faz com que os nossos actuais melhores alunos sejam os que compreendem a Matemática, ao invés daqueles que se ocultam nas Humanísticas e, se pudessem, recusavam uma disciplina como o Português? Não será também esta incompreensão que proporcionou a extinção de algo tão necessário a nível ministerial como o Gabinete de Filosofia?

Do que tenho visto, escutado e analisado, parece-me que a maioria dos ensinantes do ensino secundário compreendem as virtualidades deste projecto programa. Claro que não cabe aqui desenvolver aspectos específicos dos novos conteúdos, que foram remetidos à sua instância própria, bem como a forma de os aplicar cuja responsabilidade obviamente cabe ao Ministério da Tutela. O que importa é

manifestar o agrado por este projecto bem como fazer sentir aos detractores a urgência de uma atitude positiva e mentalmente saudável.

Na nossa experiência de portugueses todos sabemos que é mais fácil falar, do que saber guardar silêncio e escutar. Usando a imagem camoniana do Velho do Restelo mostra-se a sua impossibilidade do *fazer*. Pelo meu próprio envolvimento nas situações surgidas há dois anos sinto da utilidade de enunciar alguns factos, sobretudo com o intuito de mostrar o problema desdramatizando-o. Nessa altura o que se pretendia e que foi tacitamente explicitado era a extinção pura e simples ou uma parcelar substituição por uma nova disciplina designada História das Ideias e da Cultura, que alterava a obrigatoriedade do ensino filosófico para todos os currículos e permitia o seu ensino por parte de docentes habilitados em História.

Surgiu então uma vigorosa intervenção por parte de alguns professores, o que deu origem à actual equipa que trabalhou este projecto e que o consolidou no texto agora apresentado. Se não mais, teve o mérito de compreender a situação mais principalmente produzir, *fazer* no seu sentido poético, trabalho.

Necessário se torna também informar, que de um modo ou de outro tem havido um grande espírito de abertura manifestado, quer nas deslocções a diversas zonas do País, quer na intenção explicitada de introduzir alterações ao texto final nomeadamente o encurtar do programa e a diferente estruturação das subunidades temáticas, tudo com o muito ténue apoio do Ministério da Educação. Para além disto é grato verificar um aspecto ético. É que os autores deste projecto tiveram a coragem de se mostrarem e assumirem o seu trabalho sobretudo antes da sua aprovação, evento que é absolutamente inédito. Isto lembra-me que apesar de nove anos de prática do uso do actual programa, desconheço ainda como, quem e porquê o terá idealizado e projectado.

De tudo o que fica exposto ressalta um sentimento que não se queda só aí, antes se alarga para uma compreensão maior. Hoje há um novo dinamismo na Filosofia, por muito que isto seja difícil de digerir a certos espíritos que além da intencionalidade mais se preocupam na construção de intriga sofisticada, ao arrepro da investigação. Esta deslegância é hoje claramente contrastada nos inúmeros exemplos de produção filosófica tanto a nível das muitas e boas traduções, quer a nível da informação sobre diversas perspectivas de produção quer ainda pelos múltiplos e bons trabalhos de investigação tanto a nível de Mestrado e Doutoramento.

Esta polémica e viva discussão em torno do projecto mais não faz do que inquestionavelmente provar que a *Filosofia está viva* e é vivificante sendo também de obrigatoria leccionação nos futuros programas do ensino secundário, com o contributo sólido deste Programa que é gerador de novos alentos e não perspectiva a Filosofia como uma atitude filosófica, antes como uma capacidade de desenvolver num posterior interesse, o que permite a possibilidade de operacionalidade a todos os saberes.

Daí o meu optimismo.

João Andrade

Professor do ensino secundário
(1) - *in Arte e Beleza na Estética Medieval, Umberto Eco, trad., port., Editorial Presença, Lisboa 1989, pp.32-34.*

B R E V E S

Abertura de fronteiras põe PSP à prova

O comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado, afirmou ontem que a redução dos controlos fronteiriços nos países da CEE, a ocorrer em 1993, vai aumentar «as oportunidades de crime» em Portugal. Discursando na cerimónia realizada frente ao Mosteiro dos Jerónimos, por ocasião do 123º aniversário da corporação, aquele responsável sustentou que o nosso país «corre o risco de de poder vir a ser o paraíso dos criminosos e o caixote do lixo dos drogados, vagabundos e marginais da CEE». Considerou que outro acontecimento que deverá «pôr à prova» as capacidades da PSP será a presidência portuguesa das Comunidades Europeias, no primeiro semestre de 1992.

Escuteiros dão apoio a turistas jovens

Centena e meia de jovens de ambos os sexos participam, até 31 de Agosto, no projecto Scout Tourist Service, que tem por objectivo informar e acompanhar gratuitamente os jovens turistas estrangeiros que chegam à estação ferroviária de Santa Apolónia e ao terminal da Rodoviária Nacional sito na Av. Casal Ribeiro, em Lisboa.

Fundação Gulbenkian auxilia vítimas de terramoto

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian resolveu conceder um subsídio extraordinário de 7 500 contos para auxílio às vítimas do terramoto no Irão. O auxílio será prestado sob a forma de oferta de medicamentos que serão postos à disposição da Embaixada do Irão em Lisboa.

Reunião de confraternização do D2EF-Angola 1965-67

Os componentes do D2FE-Angola 1965-67 assinalam o 25º aniversário da sua ida a Angola através dum almoço de confraternização, no próximo sábado, antecedido de uma visita guiada ao Aquário Vasco da Gama, no Dafundo, onde se realiza a concentração dos participantes, pelas 11 horas da manhã. Os interessados devem manifestar o seu interesse através dos telefones 2475161 (com gravador Co. José Albuquerque), 8516241 (Euclides Araújo, depois das 22 horas) e 331264 (Rui Covas, depois das 20 horas).

Alguns anos após ter servido de meio para matar um homem numa rua de Londres, um veneno mortífero está a ser dado como um novo tratamento do cancro

Substância assassina pode salvar vidas

Poderia ter sido algo saído directamente de um filme de James Bond... O exilado búlgaro Georgii Markoff, que esperava pelo autocarro numa rua apinhada de gente, em Londres, sentiu repentinamente uma dor lancinante na perna.

Algumas horas mais tarde estava morto, vítima de uma cápsula de platina disparada para a sua perna, a partir de um guarda-chuva modificado, empunhado por um assassino desconhecido.

A cápsula continha ricina, um dos venenos mais mortais conhecidos pelo homem. Mas actualmente, alguns anos após ter morto Georgii Markoff, a ricina está a passar de assassina a salva-vidas.

Se as recentes experiências resultarem positivamente, poderia ser a chave para um novo tratamento do cancro, o que traria novas esperanças aos milhares de pessoas que padecem dessa doença.

É seguramente uma substância considerada improvável de fazer bem a alguém... pois este pó branco, derivado de castoreo comprimido, é tão mortal que o Exército Britânico, após o ter experimentado durante algum tempo como um possível agente tóxico, o abandonou.

Apenas uma milésima de grama é suficiente para matar um homem.

Mas numa recente conferência em Hamburgo, cientistas - principalmente da Alemanha Federal, dos Estados Unidos e de Israel - afirmaram que tinham tido êxito



Os cientistas descobriram que a longevidade dos animais tratados através do «Bio-míssil» foi prolongada em cerca de 400 por cento

ao injectar moléculas de ricina em células cancerígenas de cobaias, esperando utilizar o veneno mortal como um agente de combate ao cancro.

Peritos médicos admitem que até agora todas as formas de tratamento do cancro - incluindo as radiações - têm tido uma grande desvantagem.

Qualquer que seja o agente anticancerígeno utilizado destrói não só as células cancerígenas, mas também as células saudáveis que as cercam. Mas a injeção de moléculas de ricina parece ultrapassar este obstáculo.

A base do novo método foi na verdade iniciada há 20 anos, quando os cientistas começaram a fazer pesquisas sobre lectinas - proteínas vegetais que levavam as células vermelhas a juntarem-se. A ricina é um membro do grupo das lectinas.

As lectinas têm também outras propriedades incríveis. Fazem com que as moléculas de açúcar se prendam às superfícies de certas células, formando uma espécie de barreira protectora, e parecem ser capazes de apontar a diferença entre uma e outra espécie de células.

Ajudam também a estimular a produção de linfócitos, que se encontram em todo o fluxo sanguíneo e que constituem o mecanismo de

defesa contra os agentes que provocam o cancro.

A principal pesquisa neste campo está a ser levada a cabo pelo professor Nathan Sharon e uma equipa de cientistas, no Weizmann Institute em Rehovot, Israel.

A maior parte da sua pesquisa tem-se baseado em transplantes de medula, onde frequentemente surgiram problemas de rejeição devido à acção dos linfócitos.

A equipa do professor Sharon afirma estar no caminho certo para ultrapassar esta situação, extraindo os linfócitos da medula antes de um transplante.

Os cientistas descobriram também que as lectinas produzidas pelas sementes de trigo e de soja provocam uma reacção mais poderosa, quando introduzidas nas células cancerígenas.

Estas células unem-se rapidamente após terem recebido apenas uma diminuta dose e morrem gradualmente, enquanto que as células saudáveis requerem uma elevada dose para actuarem de forma semelhante.

A esperança é que os cientistas possam em breve introduzir membros deste subgrupo altamente tóxico de lectinas - às quais a ricina pertence - em células cancerígenas de seres humanos.

Eles já sabem que uma única

molécula de ricina é suficiente para bloquear toda a produção de proteína dentro de uma célula e matá-la rapidamente.

Inevitavelmente, há enormes problemas que têm de ser resolvidos. As lectinas atacam uma célula «residindo» nas moléculas de açúcar presas à membrana da célula, e tipos específicos de moléculas de açúcar permitirão às lectinas passarem através delas em direcção ao interior da célula, como uma porta de passagem. A não ser que os assassinos possam de alguma forma ser cuidadosamente alvejados, podem certamente falhar e atacar os alvos errados.

Detective e assassino

Os cientistas agora pensam que podem ter encontrado uma possível solução. Uma molécula de ricina é composta por duas partes distintas - a detective, que «fareja» a molécula de açúcar e actua sobre ela, e a assassina, que depois aparece em cena.

Uma vez que a detective não é muito esquisita quanto ao tipo de molécula de açúcar que ataca, os investigadores pensam que a resposta é retirá-la toda e substituí-la por um agente mais cuidadoso.

Para isso seria necessária alguma astúcia por parte da engenharia genética, mas não é impossível.

Pois que com a ajuda da moderna tecnologia genética, algumas células podem ser persuadidas a produzirem anticorpos que apanhariam e matariam intrusos que lesassem o organismo.

Já foram efectuados testes na Universidade de Dallas, Texas, pelo biólogo Ellen Vitetta, em cobaias que sofrem de leucemia linfática, uma forma particularmente virulenta da doença.

Descobriu-se que a longevidade de animais tratados foi prolongada em cerca de 400 por cento.

Os cientistas dobraram agora a nova combinação, o «Bio-míssil», o que é uma definição muito acertada - procura o alvo e depois destrói-o.

Mais testes estão agora a ser feitos. Se os resultados forem favoráveis, o Bio-míssil será testado num doente canceroso humano, talvez no final deste ano.

Ironicamente, o veneno mortífero que tem tirado milhares de vidas, pode tornar-se um dia na chave vital da forma de salvar milhões.

Agência Europeia de Imprensa

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38\$85	44\$85
ALEMANHA FED. (marco)	86\$85	88\$05
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$033	4\$283
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	123\$85	126\$35
(notas de 5 a 1000)	124\$35	126\$85
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	1\$378	1\$498
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	143\$95	147\$45
(notas de 5 a 1000)	144\$45	147\$95
FINLÂNDIA (marka)	37\$00	37\$60
FRANÇA (franco)	25\$85	26\$55
HOLANDA (florim)	77\$15	78\$25
IRLÂNDIA (libra)	234\$00	238\$00
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (ieno)	\$911	\$966
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
GRã BREITANHA (libra)	255\$90	260\$40
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUÍÇA (franco)	102\$55	104\$05
VENEZUELA (bolívar)	2\$625	3\$425

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OIRAS ANÚNCIO

P.º 196/89
3.º Juízo
2.ª Secção

O DOUTOR CARLOS M.G. DE MELO MARINHO, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras.
FAZ SABER QUE na acção de Divórcio Litigioso N.º 196/89 pendente na 2.ª Secção do 3.º Juízo deste Tribunal, movida pela Autora Maria Euridice da Silva e Castro Gomes contra Fernando Augusto Rodrigues Gomes, residente em parte incerta, com última residência conhecida na Rua de Malanje, lote 48 - 1.º C em Carcavelos, é este Réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela Autora.

Oeiras, 20 de Junho de 1990

O Juiz de Direito,
(Carlos M.G. de Melo Marinho)
A Escrivã Adjunta
(Lucília Rosa Serra Coelho Ramalho)

•DL - 2.ª Pub - 3/7/90

CULTURA

Atribuição dos «Sete» de ouro, ontem, no Tivoli

And the winner is...

O coração tem razões que a razão desconhece, até porque é ele que se agita sempre que um cinéfilo vê o Tivoli reaberto, e de preferência, com uma «boa casa». Ontem, no velho cinema da Avenida a lotação não esgotou, os balcões permaneceram semi-desertos, mas a animação geral terá lembrado a alguns noites de estreia há muito idas.

A ocasião era, no entanto, bem diversa. O semanário «Sete» distribuía os seus prémios (os «Se7e» de ouro) às personalidades que mais e melhor se teriam destacado no meio artístico português em 1989. Pena é que a maioria dos premiados não tivesse comparecido à cerimónia, não nomeando, em vários casos, um único representante para efeitos de chamada ao palco.

A partida, os nomeados para esta espécie de Oscars à moda do «Sete», totalizavam cerca de duas centenas de pessoas. Um júri constituído por 40 elementos, viria finalmente a eleger os vencedores de cada uma das secções que, ontem à noite, foram divulgados sob os apupos ou o veemente aplauso da assistência, conforme a importância dos casos. Os mais aplaudidos foram quase sempre os que se viam a consagrar vencedores e, aqui é de salientar a entusiástica ovação que acolheu tudo o que respeitava à peça «What happened to Madalena Iglesias?», um entusiasmo que, no entanto, contrasta com o pouco calor com que foram recebidas as nomeações para obras incomparavelmente menos comerciais como «Fausto. Fernando. Fragmentos».

De resto, estas são as coisas que mais frequentemente acontecem numa cerimónia amaneirada como a de ontem à noite, uma festa dita do espectáculo português que, verdade se diga, não perdeu de vista o modelo norte-americano, decalcando os rituais próprios da dis-

tribuição dos Oscars em Hollywood. Nomearam-se cinco ou seis bons candidatos à vitória final por secção, mostraram-se os seus retratos mais expressivos em écrans gigantes colocados no palco, manteve-se o suspense entre os circunstâncias para, finalmente, se anunciar o nome do artista ou o título da obra premiada, com a frase «E o vencedor é...», tal como durante mais de sessenta anos se fez ouvir na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas o proverbial «And the winner is...».

Aliás, para gáudio da organização do espectáculo, tudo decorreu normalmente. Os colunáveis convidados falaram dos costureiros que vesti-

ram as beldades da noite, os apresentadores Fernando Gomes e Elsa Galvão cometeram uma ou outra «gaffe» sem importância, até que João César Monteiro introduziu, quanto a nós, a nota de diferença de uma noite sem excessos.

Quatro «Se7es» para «Recordações da Casa Amarela»

Atribuíam-se os «Se7e» relativos ao cinema e César Monteiro, tal como, de certo modo, se previa, arrebatou os troféus para a melhor realização e para o melhor filme («Recordações de uma Casa Amarela»). Pareceu-lhe demais, sobretudo, se Joaquim Pinto ficasse de fora. O mestre chamou o discípulo

ao palco e deu-lhe um dos seus prémios, mas a assistência, talvez entretida com outras preocupações, passou ao lado do gesto. E, no entanto, tudo o mais que passou pelo palco do Tivoli, na noite de ontem, pautou-se por aquela trivialidade que torna as coisas esquecíveis, sem, no entanto, as tornar necessariamente desagradáveis.

Em matéria de cinema, os restantes «Se7e» de ouro foram distribuídos por José António Loureiro (pela fotografia de «Recordações da Casa Amarela»), Luís Miguel Cintra (melhor interpretação masculina em «Uma Pedra no Bolso») e Manuela de Freitas (interpretação feminina também em «Recordações de Uma

Casa Amarela»).

Quanto ao teatro, o vencedor indiscutível foi «What happened to Madalena Iglesias?» que conquistou o prémio para o melhor espectáculo e para a melhor interpretação masculina. A encenação premiada foi a de «Fausto. Fernando. Fragmentos», a cargo de Ricardo Pais, a interpretação feminina foi a de Manuela de Freitas por «A Pécora» e a cenografia foi igualmente a de «Fausto. Fernando. Fragmentos», da autoria de António Lagarto.

Os premiados vindos da RTP também não surpreenderam por aí além. «Vamos Jogar no Totobola» (programa), José Medeiros (realização), Álvaro Costa (apresentação), Manuela Moura Guedes (informação), Margarida Moreira (animação) e Mário Viegas (interpretação). Na música, os distinguidos foram os Tourné (produção), Maria João Pires (pelo seu espectáculo no Coliseu), Sétima Legião (pelo disco «De um tempo ausente»), Sérgio Godinho (música popular pelo disco «Aos Amores»), Teresa Tarouca (fado por «Canta Pedro Homem de Mello»), Orquestra La Folia (clássica) e António Emiliano (instrumental de «Gavoreth» e «Fausto. Fernando. Fragmentos»).

Em rádio, os prémios foram atribuídos ao programa «Savoy» (Correio da Manhã Rádio), a João Gubern pela autoria de «Elevador da Glória», na mesma emissora, António Macedo (locução) e Miguel Monteiro (informação), ambos da TSF.

Uns vieram, outros não e foi-se para casa, já a noite ia na adolescência, com quase nada na retina, a não ser aquela imagem de Joaquim Pinto, estupefacto no palco, com o prémio que César Monteiro lhe meteu nas mãos.

Maria João Martins



O Secretário de Estado da Cultura assiste ao espectáculo



João César Monteiro oferece um dos seus «Se7es» a Joaquim Pinto



António Cruz recebe o prémio da melhor interpretação masculina de teatro

Daniel Blaufuks: a primeira exposição individual na Ether América, «Dreams» e outros restos

1. Daniel Blaufuks, fotógrafo de profissão, aparece agora com a sua primeira exposição individual na Galeria Ether/Vale Tudo Menos Tirar Olhos -, provida, como é hábito desta galeria, do respectivo catálogo completo (ainda em fase de impressão*).

A sua rápida afirmação no panorama da fotografia portuguesa contemporânea, o interesse que tem movido junto do público e da crítica (nacional e internacional) dispensam uma descrição detalhada do seu percurso e evolução, que abrange os últimos dois anos. Refiro apenas que este percurso o levou, em 1989, a receber o 1º Prémio do Concurso Anual da Kodak Portuguesa, que o levaria a estar presente no concurso internacional em Arles e, no corrente ano, a receber uma Menção Honrosa, no mesmo concurso.

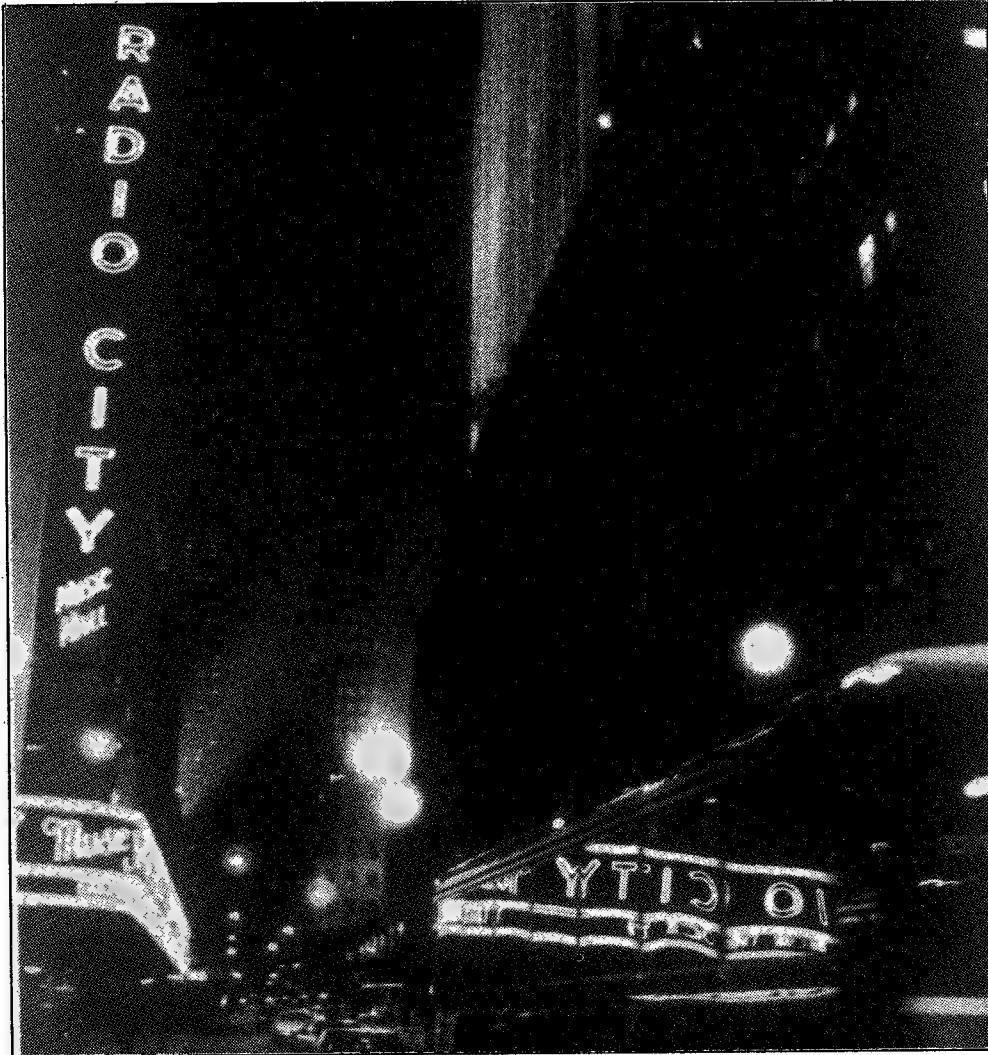
2. São fotografias de vários lugares do mundo: Nova Iorque, Boston, Veneza, Lisboa. O conjunto das fotografias, à excepção de três - situadas num plano de antecâmara - encontra-se instalado para além de uma cortina negra, cuja função parece ser a de impor um certo respeito pelo percurso a iniciar, todo ele envolto em média-luz. Esta média-luz combina-se harmoniosamente com uma outra componente da instalação: metade das fotografias (o lado esquerdo) está montado em caixas de luz, o que lhes confere uma textura semi-transparente (textura de negativos), e um certo efeito mágico, encantatório e repou-

sante daí decorre.

A alusão óbvia à *camera obscura* não é tão óbvia quanto poderá parecer. Em vez de representar uma câmara escura, ela parece, pelo contrário, apresentar a metáfora da «câmara escura» como suporte redundante da exposição. Não se trata de aludir à câmara escura, mas de usá-la como alusão de um olhar ou de uma visão (no sentido interior da palavra...) de que a câmara escura é o efeito e não a causa: *visão* uterina, onírica, do deslumbramento interior e perverso de cada um.

3. Nada é escuro neste conjunto de fotos. A escuridão a partir da qual as fotografias são feitas e na qual obsessivamente persistem é apenas o sinal de uma interioridade (disforizante) devolvida a cada um que as vê e a partir da qual se podem pensar muitas coisas.

O olho duplicado (nº1, Lisboa) que parece tudo ver, inclui no espaço intermédio uma outra lâmpada/olho apagada, «afogada» entre as duas primeiras. Esta imagem remete para o seio protector (maternal) mas ambivalente: dá luz, permite ver, mas aparece também como presença controladora, onnipotente e inquietante. A legenda «Fast Food» (nº5, Florença) reforça esta inquietação básica (oral) na relação com o(a) outro(a): «come depressa», poderíamos, invertendo a ordem consciente, traduzir. Toda a fotografia aparece como um protesto em que a ordem da ideologia que compete ao «fast food» - tão



difundido na América - estaria aqui posta em causa pela escuridão que envolve o letrado luminoso, e que de algum modo o rejeita a um nível latente. Haverá coisa pior do que dizerem-nos «come depressa»? Este elemento é, apesar de tudo, bivalente, ao insinuar também a aprendizagem da noção de tempo (*fast*) como elemento estruturador da realidade e do futuro, ganhando a oposição lento/rápido um sentido que é preciso pensar.

A fotografia da bomba de gasolina (nº16, Aveiras) re-investe a fantasia materna, ainda associada à oralidade (a bomba como metáfora alimentar). Ponto luminoso no deserto da estrada, ela aparece como elemento de ancoragem, pacificador, aliado à visão nocturna que, redundantemente, nos envia para o espaço do sono/sonho, lugar de (in)quietação da alma.

A voracidade mortífera (sono=viagem=morte=negação do tempo) que poderá estar ligada ao desejo (insinuado na imagem da bomba-seio) é, entretanto, positivamente controlada pela aparição quase discreta, no canto lateral direito, de uma sombra paralelepípedica erecta (um prédio?), representante da ordem do mundo (pai) e que surge como elemento protector contra a iminência da desordem interna (fusão/morte).

A imagem tem um equilíbrio perfeito. No jogo entre a densidade e o esbatimento das luzes, a geometria triangular que os objectos formam entre si existe sere-

namente, permitindo a percepção do caminho e a continuação da viagem.

4. A história que parece unir estas fotografias encontra-se numa ideia triptica obsidante. É uma espécie de solidão quieta, contemplativa e expectante: a foto nº10, o relógio, cujo círculo desagua num cordel frágil, metáfora da espera infantil disforica; as máquinas desertas (nº11), o Canadian Club, que «espera por si», para o acolher e ser amado - «The Best in the House» (nº16), projecção da fantasia megalómana e paradiática, em cuja identificação o sujeito hesita, mantendo-se de fora; a noite em que se espera vendo passar os carros (nº15) - «counting cars», como dizia um poema de Paul Simon («America»).

Depois, há ainda o sofá com o seu guarda-pó, que se guarda, no seu lençol branco, puro e inocente, à espera que alguém resolva um dia descobri-lo na sua nudez para ali adormecer (nº18). E o homem sentado no banco que já não sabe o que espera, de tanto tempo que passou desde que ali está. Apenas está (nº19).

5. Mas é também a história do desencontro. Do homem cujo olhar impressionantemente nítido se torna visível pela escuridão total em que o rosto mergulha: os únicos signos visíveis são o chapéu, a orelha - femininos -, contrastando com o masculino, a gravata. Sabemos no entanto muito bem para onde está a olhar. Vê, mas não é visto, o que, a um nível latente, nos remete para o seu contrário: não vê ninguém, totalmente submerso pelo

seu signo poderoso: a gravata (nº13, Bolonha).

O desencontro assenta também na afirmação de um paradoxo, ou no protesto inconsciente em aceitar a sua superação. A fotografia nº4, por exemplo, mostra-nos uma coluna/phallus fortemente iluminada, que submerge em negro tudo o que a cerca, à excepção de dois sinais: um, que aponta firmemente o caminho (a seta dos sinais de trânsito) contrasta violentamente com um grande N, no topo esquerdo da fotografia, e que nos faz pensar num «redondo» NÃO.

As portas (do corpo feminino), situadas à sombra (literalmente) da coluna iluminada, mostram-nos, em diagonal, esse «não» vindo do Alto, que não é senão o lugar de Deus, pai todo-poderoso. A cena é por de mais superegógica, proibitiva, e o seu tom de pesadelo é acentuado pelo modo estático/fixo que a suporta (a expressão fotográfica).

A memória fantasmática dessa «porta fechada» reinicia na fotografia nº8 (Nova Iorque), onde, no letreiro sobre as portas fechadas se diz, paradoxalmente, «Service», mas que, portudo o que resta da imagem, «não serve ninguém», pelo menos de momento. A obsidante porta fechada aparece também, e logo no início, na primeira fotografia da exposição (na antecâmara) aqui suportada pela sequência fállica de duas bandeiras americanas.

A foto nº6 (Veneza) mostra-nos, por sua vez, o átrio imponente de uma estação de comboios (?), pelo qual

várias pessoas circulam mas ninguém pára, a não ser, precisamente, o olhar de quem o capta - ou de quem o vê na fotografia. Nesta entrada bela e escura, insinua-se na penumbra, ao alto, um painel publicitário onde recorre o fantasma oral: é o anúncio a uma bebida que, inequivocamente, está longe. A longura do objecto combina-se com o esquema perceptivo de toda a fotografia, envolta em negro (no interior da estação) e neblina (no exterior).

6. A última foto (por referência ao catálogo) - nº21, Veneza - é para mim talvez a mais bela do conjunto. Três luzes iluminam três pessoas. Um comboio espera no cais da estação. Uma personagem está em primeiro plano, traz um boné e uma lanterna. As duas outras caminham ao fundo, e toda a área humana da fotografia está envolta em neblina, que não nos permite, sequer, vislumbrar o sexo do par que caminha. Será o sexo dos anjos?

Não posso deixar de recordar algumas célebres cenas cinematográficas de gares: a do aeroporto - também envolta em neblina e noite - do final de «Casablanca», com o seu triângulo amoroso; a gare de comboio por onde repetidamente circula o casal Ingrid Bergman/Gregory Peck em «A Casa Encantada» de Hitchcock, perseguindo uma memória de infância.

É também uma imagem mítica, ideal, que esta fotografia persegue, na qual o homem da lanterna (o narrador) inventa o par que ao fundo se aproxima, mas sob a condição lírica (e narcísica) da sua dessexualização. A luz, que aparentemente ilumina (afirma), na verdade apenas nega a realidade perturbadora das origens. É uma história terna, que todos gostamos de contar.

7. Deste conjunto de fotografias ressalta pois a persistência, melhor seria dizer teimosia (!) em adoptar a *camera* como instrumento exploratório e comunicativo, não do mundo exterior, mas da relação do sujeito com ele. E o jogo de luz e sombras em que esteticamente se molda este universo fotográfico não é mais do que a consolidação dessa projecção autêntica do interior, através da qual o desejo se configura e se pode exprimir.

*As vicissitudes pelas quais este catálogo ainda não está disponível para o público foram já afluídas na imprensa. Mas é preciso que se saiba que a responsabilidade do atraso não é da galeria, mas da litografia com que a Ether trabalha, que, se sempre cumpriu com rigor a exigência requerida, neste caso essa qualidade não se confirma: neste momento, é já a terceira vez que o catálogo é devolvido por não corresponder à exigência da galeria e do autor.

Margarida Medeiros



teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO



Manuel de Figueiredo

ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO

«Deliciosamente provocatório»

«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»

«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»

«Expresso»

«Diário de Lisboa»

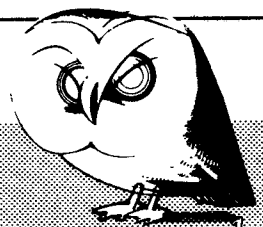
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A - 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa pontualmente
Não é permitida a entrada na sala depois do início

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CINEMA DE PARIS



olhar de mocho

Reformas

A palavra-chave dos simplórios, ideologicamente de direita, aplicada ao comunismo e ao partido comunista da URSS, consiste em «descobrir» que o «comunismo não é reformável». A frase serve para, cómoda e egoisticamente, retirarem quaisquer veleidades aos idealistas que ainda sonham com um partido comunista que não seja marxista-leninista, estalinista, e que continue de pé, desempenhando determinadas funções políticas face aos sistemas capitalistas. Ainda ontem, no Telejornal, o correspondente Carlos Fino revelou esta mentalidade: falou em cisão, retomou o tema da «última oportunidade», comparou Gorbachev com Mário Soares - o socialismo na gaveta -, e referiu a rápida corrida para o abismo da desagregação.

É evidente que o comunismo não é reformável, porque qualquer sistema totalitário, por definição, comunga da infalibilidade divina, não podendo, por isso, ser alterado nas suas estruturas. Um folhear rápido pelos calhamaços históricos revela isso mesmo: sistemas totalitários não se reformam. Eles acabam, desaparecem do mapa, muito embora, por vezes ainda continuem a manter o nome ou um pseudónimo. O cesaropapismo medieval, também não era reformável, por isso acabou. A Inquisição também não era reformável e por isso foi obrigada a esconder-se sob pseudónimo. E cisão também tivemos que o Lutero se viu confrontado com a possibilidade de reformar o papismo. A chamada «Reforma» foi uma solução alternativa e não passa de um eufemismo da realidade da verdadeira cisão.

Mas a preocupação é outra, quando o final do comunismo soviético é exageradamente badalado. Não haverá subjacente a essa euforia um desejo de teor fundamentalista, uma espécie de vontade de reconquista total do mundo pelas ideologias estruturalmente opostas à comunista? Um capitalismo à rédea solta, convencido de que poderá esticar todas as molas de retenção e que se declare não só imune ao desgaste como infalível e totalitário? Um capitalismo sem democracia?

Hoje e amanhã vamos ter, nós portugueses, em Sesimbra, em conclave máximo, reunião dos representantes mais ousados do anticomunismo.

Ninguém sabe o que irá dali sair, e provavelmente, a reunião acabará em folclore.

Mas, pelo menos, um facto é certo: poucos ou muitos, existem lobos fundamentalistas a pretenderem levantar cabeça e retomar páginas de vergonha da História.

Como o comunismo não é reformável, muito possivelmente ele acabará com Gorbachev no papel de Hamlet ou rei Lear com todo o trágico e burlesco das figuras de Shakespeare. Mas ainda teremos de aguardar alguns anos ou décadas para saber se a era pós-comunista se mantém democrática sem fantasmas fundamentalistas nem caças às bruxas.



José Sousa Monteiro

Tal é o título do único filme de Jean-Luc Godard que na «nova vaga» do cinema francês teve lugar ímpar. «Enfim, Godard chegou», quase se poderia dizer quando ele apareceu, há exactamente trinta anos, no panorama cinematográfico, a pôr em causa a própria linguagem narrativa, para além das histórias que contava. E assim foi ele fazendo, cada vez de mais difícil maneira, numa filmografia de certo modo marginal - e importantíssima.

«Nouvelle Vague», com o título propositado que tomou, é a obra mais acabada do autor - e a mais pessimista também, demonstrando a fragilidade dos seres, passageiros efémeros que nada sabem de si próprios, na grande viagem da natureza. E esta é-nos dada, pela primeira vez no cinema de Godard, com uma imensidão que secundariza as personagens, suas vítimas num círculo fatal em que a história se resolve.

Uma bela e misteriosa



Jean-Luc Godard

mulher dirige seus negócios e recolhe um homem frágil e deprimido - que deixa simbolicamente afogar-se, num passeio de barco. Um ano depois, outro homem lhe aparece, o contrário do pri-

meiro, que se impõe, e é ela quem entra em depressão e tenta afogar-se no mesmo local. Quase o faz - mas o homem (que se parece com o primeiro como se seu gêmeo fosse) estende-lhe a mão. «Éras

então tu...» diz-lhe ela - e tudo fica dito, dentro de um diálogo muitas vezes enigmático, vindo de textos de Dostoiévski, de Schiller, de Chandler... E dentro de uma música que tudo envolve, como a paisagem e a Natureza.

Se o homem em questão é o mesmo, o mesmo actor interpreta as duas personagens, o que não é, evidentemente, original. Mas o que não se esperaria é que Alain Delon, galã e «mauvas garçon» do cinema francês, melhor ou pior e mais comercial, assumia as duas identidades sob a direcção de Godard - como admirável intérprete que pode ser.

História de uma história, palavras de palavras, música de música - o filme tem um segundo grau que J. L. Godard seria o realizador com mais direito moral e estético a imprimir, ou criar, no quadro do cinema francês, hoje em dia. Numa «nova vaga» que assim se assume, sublima e impõe, em refluxo.

H. Galy-Carles

Agnes Baltsa em Lisboa

A meio-soprano grega Agnes Baltsa chegou ontem a Lisboa, para depois de amanhã actuar no ex-cinema Tivoli. A recita de Agnes Baltsa, que pela primeira vez canta em Portugal, inclui «La Gazza Ladra», «A Italiana em Argel», «Semiramide» e «Dona del Lago», de Rossini; «A Dança das Horas», de Ponchielli; a «Favorita», de Donizetti; «Intermezzo», «Cavalleria Rusticana» e «Voi lo Sapete», de Mascagni; e «Le Cid», de Massenet.

Saramago apresenta livro de Mia Couto

José Saramago apresentará amanhã, no Hotel Embaixador, o novo livro de Mia Couto, «Cada Homem é uma Raça».

A sessão de lançamento, promovida pela Editorial Caminho, está marcada para as 18.30 horas.

João de Melo no Peru

O escritor João de Melo recebe hoje no Perú o prémio Cristóvão Colombo de novela instituído pela União das Cidades Capitais Ibero-Americanas, pela obra «Gente Feliz com Lágrimas». O prémio, no valor de 750 contos, é entregue a João de Melo pelo Nobel Camilo José Cela. É a primeira vez que um escritor português recebe este prémio.

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — EP

DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
GABINETE DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO

ANÚNCIO

CONCURSO PARA PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE EMPRESAS OU GRUPOS DE EMPRESAS CANDIDATAS À ELABORAÇÃO DE ESTUDOS E PROJECTOS DE EXECUÇÃO DE INSTALAÇÕES FERROVIÁRIAS NA REDE DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

- Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, propõem-se modernizar a sua rede dotando-a de novas instalações de estações e troços de plena via através da realização de estudos e projectos de execução de instalações ferroviárias. Para os referidos projectos serão convidadas as empresas ou grupos de empresas que forem seleccionadas no concurso de pré-qualificação.
- As condições para pré-qualificação podem ser consultadas pelos candidatos, às horas normais de serviço, a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio, podendo ser requeridas cópias das mesmas contra o pagamento de 5000\$00, a pagar em dinheiro, na seguinte morada:
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA, 1.º ANDAR, PORTA 175-F
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO
- 1196 LISBOA CODEX
- A recepção dos pedidos de candidatura terá lugar até às 17 horas do dia 03 de Agosto de 1990, na morada indicada. Os pedidos de candidatura, apresentados em triplicado, deverão ser dactilografados ou impressos e em língua portuguesa.



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

CULTURA E ESPECTÁCULOS

A depurada exposição antológica de desenho, pintura e azulejo de Manuel Cargaleiro, na Galeria Municipal de Arte, de Almada, dá uma perspectiva mais justa da obra do - diga-se - irrecusável pintor e ceramista

As mãos no barro, os olhos na luz

"Nasci em Vila Velha de Ródão, na Beira Baixa. Em 1928, os meus pais compraram esta quinta, aqui no Monte da Caparica, e vim cá fazer os dois anos. Quando era miúdo, em vez de brincar com as outras crianças, passava a maior parte do tempo a modelar bonequinhos de barro que ia cozer à Olaria do Monte da Caparica. Ainda hoje conservo alguns deles! Esse oleiro (José Trindade) começou a oferecer-me barro muito bom, fiz alguns progressos e passei a pintar os meus trabalhos com restos de tinta das obras que o meu pai ia fazendo nas casas da quinta".

Terá começado assim o trajecto artístico de Manuel Cargaleiro.

Ocupado com os estudos para a futura estação do Metropolitano, do Largo do Rato, a partir de obras de Arpad Szénes e Vieira da Silva, Cargaleiro prepara também as exposições para o Museu de Guéthary (França) e Gal-

eria Nasoni, em Lisboa.

Este quase auto-retrato surgiu de uma conversa com o pintor Rogério Ribeiro quando organizavam esta exposição de pintura, desenho e azulejo.

"Mais tarde (1945) já tinha feito muitas experiências com vidros e tintas da maneira mais artesanal que se possa imaginar, na tal olaria de fogo aberto, aqui no Monte da Caparica. As peças eram cozidas entre dois grandes tachos de barro sobrepostos, que funcionavam como uma mufla improvisada".

No ano seguinte, Manuel Cargaleiro conheceria na Fábrica Santana os pintores Rogério Amaral e Hein Semke, companheiros de experiências de cerâmica.

Mas seria uma conferência sobre Arte Holandesa do Século XVI, proferida pelo professor Luís Reis Santos (mais tarde director do Museu Machado de Castro, em Coimbra), que despertaria o pintor até então adormecido.

"Um dia - já andava nos últimos anos do liceu - um colega de Almada (João Ribeiro), com quem costumava visitar exposições, convidou-me para assistir à conferência. Fiquei de tal maneira fascinado que procurei saber o seu número de telefone e pedi-lhe que viesse ver os meus trabalhos. Quando os viu, o professor soltou uma exclamação e disse-me: *Vou-te apresentar a alguém que vai gostar muito do que tu fazes*. Como aquilo era tudo muito frágil, meti os trabalhos numa caixa com serradura, e o nosso encontro foi na Brasileira do Chiado. A pessoa com quem me ia encontrar era o pintor e ceramista Jorge Barradas. Viu atentamente os meus trabalhos e disse-me que fosse ter com ele à Fábrica Viúva Lamego".

No início dos anos 50, «A Brasileira do Chiado» continuava a ser o único centro cultural de Lisboa.

Manuel Cargaleiro passou

a frequentar o café e a sentar-se à mesa de Américo Durão, António Duarte, Carlos Botelho, Diogo de Macedo, Hein Semke, muito embora

Brasileira - e continuou na Caixa Geral de Depósitos e ESBAL. Mas a grande oportunidade de Manuel Cargaleiro surgiu no «I Salão de

da António Arroio convidou o pintor José Escada para me ajudar".

Em 1956 é aberto o concurso para revestir a azulejos toda a Cidade Universitária. Manuel Cargaleiro ganha e o concurso é anulado. Entretanto, o escritor Ruben A. foi com o artista à Cidade Universitária, ainda em fase de construção, e fotografou o módulo feito para o concurso.

Pouco tempo depois Cargaleiro é chamado ao Ministério das Obras Públicas: proibem-lhe que faculte essas fotografias aos órgãos de Comunicação, sob pena de nunca mais poder trabalhar para o Estado. Perante isto, pede uma audiência ao ministro da Educação e apresenta o seu pedido de demissão do Ensino. Paradoxalmente, a bolsa de estudo de cerâmica que lhe era sistematicamente sonegada, foi-lhe atribuída e Manuel Cargaleiro pode partir descansadamente para Faenza, Itália. Estamos em 1957, e em final desse ano desloca-se novamente a Paris, onde fixou residência. É nessa altura que se dedica mais à pintura a óleo e a guache.

"Fazia cerâmica em Gien e pintava a óleo em Paris", conta o artista antologado na Galeria Municipal de Arte, de Almada. "Em finais de 50, o ambiente artístico em Paris era uma maravilha. Comecei a expor na Galerie Edouard Loeb, e foi este marchand que passou algum tempo me aconselhou a comprar um pequeno apartamento no prédio onde também ele morava, o número 19 da rue des Grands Augustins. Todos os meses Edouard Loeb dava uma grande festa, e entre os convidados estavam Marx Ernst, Jean Arp, Baldaccini, Serge Poliakoff, Camille Bryen, Jesus Soto, sei lá mais quem!".

E agora, volvidos quase quarenta anos, como é que Cargaleiro vê a sua Paris?

"Os artistas continuam a dar-se uns com os outros... Telefonam a perguntar se podem vir, se podemos jantar juntos, mas tudo combinado com alguns dias de antecedência. Não existe mais a espontaneidade com que, por exemplo, o pintor Camille Bryen vinha a minha casa com a mulher beber uns copinhos de Porto, de que ele tanto gostava! Grandes amigas foram também as pintoras Magdalena Radulesco, Sonia Delaunay e Marcelle Cahn. Em Paris, os artistas continuavam a dar-se com os críticos, poetas e escritores. Em Portugal, não sei bem como acontece porque eu vivo a maior parte do ano em Paris".

Jorge Fallorca



o poeta Francisco da Cunha Leão, seu antigo professor, constituiu-se o polo de atracção do jovem artista, que ficava horas esquecidas a ouvi-lo.

Foi também em 1950 que organizou, sozinho e com as naturais dificuldades, o «I Salão de Artes Plásticas da Caparica», nas salas do primeiro andar do Café Papo-Seco. Nessa altura, Manuel Cargaleiro frequentava o Curso de Ciências Geográficas da Faculdade de Ciências. Mas foi sol de pouca dura, pois três anos bastaram para que se matriculasse na Escola de Belas Artes, com a natural apreensão da família.

"Era trocar o certo pelo inseguro", conta o artista, embora afirme ter gostado e aprendido muito na Faculdade de Ciências.

"A reprodução de tecidos vegetais ao microscópio inspiraram-me e comecei a pintar as primeiras telas abstractas. Aliás muitas das minhas obras dessa época chamam-se «Composições Microscópicas». Deixo a faculdade e vou para a ESBAL. A vida para um artista era extremamente difícil. Foi um período de grandes preocupações para mim, porque queria continuar a aprender e a trabalhar na pintura e na cerâmica. Para poder ter dinheiro para o material concorri à Caixa Geral de Depósitos e fui colocado na Caixa de Aposentações".

O que é curioso verificar na carreira de Manuel Cargaleiro é a espontaneidade com que a roda de amigos ou simples conhecidos o incentivaram sempre.

Foi assim no liceu, nas fábricas Santana e Viúva Lamego, nas tertúlias da

Arte Abstracta», que a Galeria de Março organizou em 1954.

Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szénes, que se encontravam em Lisboa, visitaram a exposição e mostraram bastante interesse em conhecer melhor Manuel Cargaleiro.

"Convidaram-me para almoçar, e foi assim que comecei a nossa amizade. Quando regressaram a Paris, continuei a visitar a mãe da Vieira da Silva. Fui pela primeira vez a Paris, em 1954, numa viagem que o pintor Carlos Botelho me organizou e fiquei no Hotel Toullier, ao lado da Sorbonne".

1955/56: a viragem

Quando faz essa viagem, Manuel Cargaleiro já é professor de cerâmica na Escola António Arroio. Na sequência do êxito da exposição de cerâmica na Galeria de Março, o pintor Lino António - então director da António Arroio - propõe ao ministro da Educação o nome de Cargaleiro para preenchimento de uma vaga, o que se concretizaria.

"A minha ida para a escola como professor foi uma pequena revolução, porque comecei a ensinar processos de cerâmica mais modernos, de decoração e técnica, que rompiam com o ensino tradicionalista da época. Mas tive sempre o apoio do pintor Lino António e do inspector do ensino Calvet de Magalhães. Por outro lado, as minhas aulas passaram a ser frequentadas por muitos ex-colegas da ESBAL, que se tinham matriculado como alunos livres. Para que eu pudesse dar as aulas todas, o director

5 a 20
Julho
1990

VII
FESTA
DE TEATRO
DE ALMADA
FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO

PROGRAMA

ALMADA VELHA

Quinta, 5, 22.15h. P. Cerca	DEVOCIONÁRIO, de Etelvino Vazquez	TEATRO DEL NORTE	Lugones, Espanha
Sexta, 6, 21.30h. P. Cerca	AUTO DA ÍNDIA, de Gil Vicente	MARIONETAS DE LISBOA	Lisboa
Sexta, 6, 22.30h. P. Cerca	A DONA DO BORDEL, de Gilberto Fernandes	VIC MILITELO	S. Paulo, Brasil
Sábado, 7, 16h. T. Municipal	FELICIDADE E ERVA DOCE, de Peter Shaffer	C. T. DE ALMADA	Almada
Sábado, 7, 22h. P. Cerca	A PALAVRA DE HONRA DOS TRÊS MOSQUETEIROS de Valerie Petrov	STUDENTINA TEATR	Sófia, Bulgária
Domingo, 8, 16h. Incrível	DIÁLOGO SOBRE A PRUDÊNCIA E O AMOR de Ian Luca Caragialle	TEATR LUDIC	Iasi, Roménia
Domingo, 8, 22.30h. P. Cerca	HACIA LAS SOMBRAS VERDES, de Finn Methling	COMPANIA TEATRO NUEVO	Madrid, Espanha
Segunda, 9, 22h. P. Cerca	ESTÓRIAS A CAVALO NUM BARBANTE Teatro de cordel do séc. XVIII	TEATRO DO TEJO	Lisboa
Terça, 10, 22.15h. P. Cerca	FESTIVAL DA OTITE, de Carlos Paulo	A COMUNA	Lisboa
Quarta, 11, 22h. P. Cerca	IF LIFE BEGINS TOMORROW, mímica	STÚDIO PANTOMIMY	Sczezin, Polónia
Quinta, 12, 22.30h. P. Cerca	LA NIC A WET de Isabelle Lamouline e Alain Mebiroux	THÉÂTRE DE BANLIEUE	Bruxelas, Bélgica
Sexta, 13, 22h. P. Cerca	A ESTALAJADEIRA, de Goldoni	CDIAG	Loures
Sábado, 14, 16h. T. Municipal	OS TRÊS CHAPÉUS ALTOS, de Miguel Mihura	INTERVALO	Algés
Sábado, 14, 22h. P. Cerca	SALADA, textos de palhaços	TEATRO DA CORNUCÓPIA	Lisboa
Domingo, 15, 16h. T. Municipal	FELICIDADE E ERVA-DOCE, de Peter Shaffer	C. T. DE ALMADA	Almada
Domingo, 15, 22.30h. P. Cerca	ODE MARÍTIMA, de Álvaro de Campos	JOÃO GROSSO	Lisboa
Segunda, 16, 22h. P. Cerca	MARGARIDA DO MONTE, de Marcelino Mesquita	A BARRACA	Lisboa
Terça, 17, 22h. Incrível	PLATONOV, de Tchekov	TEUC	Coimbra
Quarta, 18, 22h. Incrível	TRISTE ANIMAL, de Javier Maqua	COLECTIVO MARGEN	Oviedo, Espanha
Quinta, 19, 21h. Incrível	CONCERTO REGIE SINFONIA		Porto
Quinta, 19, 22.30h. P. Cerca	A CASTRO, de António Ferreira	TEATRO IBÉRICO	Lisboa
Sexta, 20, 21h. P. Cerca	REDOBLANDO, teatro de rua	COLECTIVO MARGEN	Oviedo, Espanha
Sexta, 20, 22.30h. P. Cerca	AMOR A QUANTO OBRIGAS de Gil Vicente - Adaptação de Virgílio Martinho	C. T. DE ALMADA	Almada

As representações têm lugar no PALÁCIO DA CERCA, INCRÍVEL ALMADENSE, TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA E PÁTIO DO PRIOR DO CRATO. Assinaturas e Bilhetes à venda no Teatro Municipal de Almada. Tel.: 275 21 75 • 275 65 67

Exposição documental do Homenageado da VII Festa - o cenógrafo MÁRIO ALBERTO. Exposições de Artes Plásticas, Animação de Rua, Feira de Artesanato

Apoios: Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Juntas de Freguesia do Concelho de Almada

Expresso

TS

anilena

anilena

Radio Comercial

PÚBLICO

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA • COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crítica de teatro

Um amigo em casa

O **ESTRANGEIRO EM CASA**, de Richard Démarcy. Tradução/Adaptação: Luís Vasco (colaboração, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro, José Mário Branco). Dramaturgia / Encenação / Cenografia: João Mota. Figurinos: Carlos Paulo. Música: José Mário Branco. Colaboração: António José Martins e José Pedro Caiado. Coreografia: Cristina Graça. Interpretação: Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro, Paulo Ferreira, Álvaro Correia, Jorge Estreia, Rita Salema, Victor Soares, Jorge Loureiro. Homens-orquestra: António José Martins e Quim Preto. Comuna: Estreia: Sala Nova / 31-05-1990.

Só o facto de estarmos distraídos, aqui e nos outros lugares da comunicação, explica, sem explicar e muito menos sem justificar, que tenha passado quase despercebido o acontecimento que foi a estreia pela Comuna, na mesma noite, de dois espectáculos de grande exigência, da responsabilidade do mesmo encenador, João Mota: «Um Eléctrico Chamado Desejo» de Tennessee Williams, e «O Estrangeiro em Casa» de Richard Démarcy. Tratou-se, no entanto, de um acontecimento provavelmente único em Portugal e raro em qualquer parte do mundo, sobretudo tendo em conta as condições de trabalho em que vivem aqueles como os outros grupos portugueses. É claro que o que podia ser um acontecimento (para o caso comemorativo do 18.º aniversário do grupo) podia ser um «acto falhado», bastava que os dois espectáculos, ou um deles, constituísse um fracasso. Não é o caso, como tem sido reconhecido generalizada-

Depois de «Os Dois Corcundas e a Lua», a Comuna volta a interessar-se pela dramaturgia de Richard Démarcy que é um daqueles poetas do teatro que tendem a ser insuficientemente ob-

servados num mundo tão desatento como o nosso. Poeta da palavra mas também poeta do acto teatral, Richard Démarcy é igualmente um poeta da fraternidade como todo o seu teatro reflecte e não apenas o directamente político como «As Fábulas Teatrais sobre a Revolução Portuguesa», ou de como o escritor compreendeu e amou os cravos do 25 de Abril (Falar de Richard é também falar de Teresa (Mota) companheira constante da sua vida e da sua poesia.)

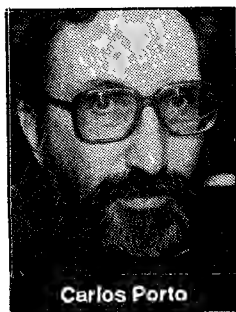
Teatro político é também esta outra fábula de um emigrante árabe apanhado pela contra-revolução racista que está a fazer de França, humanamente, um país inviolável, antes ainda dos Le Pen ocuparem impudicamente o palco da fama (a peça é de 1981). «O Estrangeiro em Casa» é uma história das loucuras do mundo, com cadáveres guardados no armário, como em Arthur Koppitt e meninos em revolta, como em Vitrac. Nesse mundo à procura de um sentido, duas personagens são estrangeiras: o emigrante pro-

curado pela polícia, que é na estúpida versão de Luís Vasco um cabo-verdiano; o rei, encarnação do poder (via estômago, principalmente). O cabo-verdiano passa logo a ser o amigo e companheiro dos jovens; o rei, cúmplice dos velhos.

Delineadas as fronteiras, o conflito, que se exprime através do «non-sense», do burlesco, do satírico, desvenda o sentido trágico da história que conta e da história em que assenta.

O espectáculo português sobre o texto de Démarcy constitui uma daquelas proezas que faz o prazer do teatro. A começar pelo trabalho de tradução-adaptação que é mais do que isso: transformou a peça de Démarcy, tanto sob o ponto de vista de estilo como de sociologia da sua conflitualidade, numa obra portuguesa, com uma tal energia, uma tal autenticidade, como raramente se tem feito entre nós. Não se trata apenas da adaptação da personagem, trata-se de todo um discurso teatral. Este aspecto fundamental articula-se com a leitura cénica de João Mota, de uma eficiência, de uma liberdade e de um rigor assombrosos. Dir-se-ia que João Mota veio encontrar agora, 17 anos depois, o

que queria fazer num dos primeiros espectáculos da Comuna, «Brincadeiras». A partir de um texto tão forte como é o de Richard Démarcy, ele construiu um espectáculo de uma inventi-



Carlos Porto



dade, de uma capacidade de tecer as várias redes que o constituem, de uma eficácia na direcção de actores, absolutamente convincentes. As soluções encontradas pelo encenador no que se refere ao espaço (como a ligação actores-músicos), ao ritmo (cena do ataque), à recreação (os bonecos que substituem as personagens que representam o inimigo) são sempre soluções de grande criatividade.

Neste espectáculo, contudo, não se pode falar apenas do texto ou da encenação porque

é como um todo que ele funciona: o trabalho dos actores é nele fundamental até porque o teatro de Démarcy é um teatro de actores. Carlos Paulo é Viri Diano, não apenas o emigrante, o estrangeiro, também, na sua serenidade, o mensageiro, aquele que traz a palavra essencial, mesmo que essa palavra signifique a morte. A este admirável trabalho de Carlos Paulo corresponde uma criação notável, num registo cómico muito rico, de Cucha Carvalheiro. Mas os intérpretes das crianças (Álvaro Correia, Jorge

Estreia e em especial Rita Salema) ajudam a exprimir o fantástico que João Mota arrancou do texto de Richard Démarcy. Todos os actores (ainda, Paulo Ferreira, Victor Soares, Jorge Loureiro e os dois músicos) ajudam a exprimir essa corrente do fantástico e do absurdo que corre pelo espectáculo. Outro elemento fulcral é a música de José Mário Branco que cria a atmosfera, os ritmos, a convivialidade, a energia e a doçura que o espectáculo exalta.

Um belo espectáculo, este.

No Atelier
Edmundo Cruz

Pintura espanhola e polaca

Até ao próximo dia 22, no Atelier Edmundo Cruz - em Colares - está patente uma exposição com obras de pintores espanhóis e polacos, que pode ser vista aos sábados, domingos e feriados entre as 12 e as 20 horas e ainda às quartas e sextas-feiras das 16 às 19.

Dão doze, os artistas representados na galeria da Alameda Coronel Linhares de Lima, Nº 14 B, na Várzea de Colares: os polacos Piotr Partyka e Jaroslaw Gruzewski e os espanhóis António Arnau Magro, Cebrian, Francisco Calabuig, Fuster, Helios Gisbert, Henrique Navarro, Jaime de Jaraiz, Moreno de Garay, Raimundo e Ricardo Sacristan.

EX
T
E
R
N
A
T
O
S

MARQUÊS DE POMBAL
RUA MORAIS SOARES, 93 (AO CHILE) T. 834658

ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA) T. 706974

REGIME 7.º, 8.º e 9.º ANOS
NORMAL: 10.º, 11.º e 12.º ANOS

CURSO GERAL PLANOS PRÓPRIOS - em 2 anos e no regime de UNIDADES CAPITALIZÁVEIS

REGIME GERAL
INTENSIVO: COMPLEMENTAR

**30 ANOS
AO SERVIÇO
DA EDUCAÇÃO**



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do art.º 41.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março, com a alteração introduzida pela Lei 25/85, de 12 de Agosto, convoca uma sessão extraordinária da AML para o dia 5 de Julho de 1990, pelas 17 horas, na sua sede, sita na Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10, a qual de acordo com o n.º 2 do art.º 67.º do Regulamento se iniciará com o período de intervenção do público para apresentação de assuntos de interesse municipal e pedidos de esclarecimento dirigidos à Mesa, prosseguindo com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Proposta 204/90 — Alargar a área de recrutamento a indivíduo não vinculado à Administração Pública para provimento do cargo de Director do Departamento de Gestão Urbanística e autorizar o provimento no cargo de Director daquele Departamento do Sr. Arqt.º Sérgio Amador Seabra Teles de Menezes e Melo, enviado à AML ao abrigo da alínea f) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março;
- 2 — Proposta 186/90 — Que se opte pela taxa de 1,3% para a Contribuição Autárquica sobre prédios urbanos, respeitante ao ano em curso, enviada à AML ao abrigo da alínea 1) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março;
- 3 — Proposta 187/90 — Lançamento de derrama para 1991, enviada à AML ao abrigo da alínea p) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março;
- 4 — proposta 173/90 — Revisão do Plano da Avenida da Liberdade, enviada à AML ao abrigo da alínea i) do n.º 1 do art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;
- 5 — Proposta 219/90 — Plano do Pormenor de zona sinistrada do Chiado, enviado à AML ao abrigo da alínea i) do n.º 1 do art.º 39.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março;
- 6 — Proposta 205/90 — Aprovar a alteração ao Capítulo IV do Regulamento Geral das Canalizações de Esgotos da Cidade de Lisboa; aprovar uma tarifa de ligação e uma tarifa de conservação de esgotos, respectivamente de 0,7% e 0,25% do valor patrimonial dos prédios para vigorar na cobrança de 1991, enviada à AML ao abrigo da alínea c) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março;
- 7 — Deliberar sobre representantes da AML no Conselho Geral dos Hospitais de Lisboa nos termos do disposto no art.º 25.º do D.R. n.º 3/88, de 22 de Janeiro.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 22 de Junho de 1990.

O presidente
João Amaral

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Só dois símbolos como aposta napolitana

O San Paolo de Nápoles, de há muito habituado a erguer-se como um tiro para ovacionar as façanhas de Ferrara, Carnevale ou De Napoli, está a esta hora numa cruel encruzilhada: continuar considerando Diego Maradona o seu rei, seja qual for a corte que enrede o diabrete ou, punhando toda a força do coração, incentivar delirantemente a sua «squadra», não se importando de ali figurarem milaneses, sempre vaiados quando descem ao povoado dominado pela Mafia e pela Camorra. Sejam eles do Inter (Zenga, Bergomi, Ferri, Berti ou Serena), apareçam eles recordando o Milan (Donadoni, Ancelotti, Maldin, esse espantoso Baresi que teima em zombar com todos os árbitros e a calcar as directrizes fiéis, jogando com a camisola fora dos calções como se estivesse em pelada de bairro).

Os napolitanos moram (indecisos) perante esse cruel dilema: continuar quase venerando Don Dieguito, saudando euforicamente as jogadas que (certamente) vão ser rubricadas pelo maior génio actual do futebol ou, pelo contrário, por um dia votarem o ídolo ao ostracismo, preferindo cerrar os taípaes à tradicional rivalidade que os divide (quase afrontosamente) de Turim e baterem palmas, incentivarem, conduzirem ao triunfo o prodigioso Schillaci, o duro Marocchi, o científico De Agostini ou o experiente Tacconi?

E como se passará o ancestral afastamento dos «tiffosi» napolitanos das hostes do Sampdoria, normalmente obrigadas a entregarem o ouro aos donos do cofre? Que irá debaixo da pele de Mancini, Vialli, Vierchowood ou Pagliuca, sabendo-se que qualquer deles pode ser atirado para o circo sem antecipadamente saber se as brincadeiras com as suas pandeiras ou o bailado com uma inconstante bola aos pulos conseguirá conquistar uma leve fatia dos aplausos normalmente apenas encaminhados aos que acompanham, atapetam e servem veneravelmente Sua Majestade Maradona?

E há casos de artistas que, visceralmente, entram tremendo no santuário do futebol napolitano (o romano Giannini, o preciso Baggio ainda remetido de Florença) bem mais desejosos de estarem a meia dúzia de milhas requebrando-se ao sol de Ischia ou Capri que sob o olhar viperino dos apaixonados por Carnevale e Di Napoli.

Bem: não haverá grande aposta se adiantarmos que, em Nápoles, toda a cidade é hoje parceira de Vicini e seus alunos, deitando para trás das costas a idolatria por Maradona que, desta feita, vem embrulhado em outra bandeira, para esgrimir pelo seu país com uma Itália que colocou tudo na balança de molde a poder estar, às 19 horas de domingo, no monumental palco olímpico de



Treino italiano aperta com preparação dos guarda-redes: Zenga (Inter), Tacconi (Juventus) e Pagliuca (Sampdoria)

Roma. E a única equação que cresce à medida que os ponteiros do relógio se aproximam da hora do duelo reside em aquilatar-se o que pode valer a «azzurra», ainda intocável nas suas malhas, sem ter sofrido no véu da noiva o mais leve dos beijos namoradinhos ou quanto pode exibir essa Argentina que, para além de sair a terreiro europeu para solidificar um precioso título, ainda dispõe de potencial suficiente para defender uma tese onde, evidentemente, o último argenteo será Diego Armando Maradona, o inultrapassável nesta geração. Um «team» a quem Carlos Bilardo ainda não conferiu os automatismos tão do gosto do antecessor, espécie de ex-libris de César Luis Menotti.

Sabe-se, de ciência exacta, que quando o francês Michel Vautrot correr a cortina para principiar a apresentação, tanto Vicini como Bilardo ainda estarão cogitando com os seus botões sobre a melhor esquematização táctica a cumprir na arena verde. De qualquer modo, os exércitos estão superpreparados, não es-

pantando que os transalpinos possam inicialmente exibir, com camisetado azul, calção branco e meias cor do céu, uma esquadilha integrando Zenga (1), o «libero» Baresi (2), a trindade normal de «backs» (o capitão Bergomi com o n.º 3, Ferri em 6 e Maldini com o sete nas costas), protegendo um quarteto de meio-campo onde existe uma dúvida (De Agostini ou Vierchowood, camisola 4 ou 8), já que certos devem estar Donadoni (17).

De Napoli (11) e Giannini (13). Na frente, um homem vive com toda a Itália confiando nos seus pés ou na cabecinha que também já rubricou belos golinhos: Schillaci (camisola 19). A seu lado, uma figura sujeita a opção de última hora, conforme os astros mandarem: Baggio (15) ou Vialli (21).

Para contrapor este poderio, a Argentina (camisola azul e branco com riscas verticais, calção preto e meias brancas) não estará com conversas mais complicadas: atira para a roleta as suas melhores estrelas e seja lo que

Dios mande. Goycochea (12), forçado substituto do infeliz Pompido, seja o defensor em derradeira instância, protegido por um quadrunvirato forte e muito destre, em termos atléticos excepcionalmente preparado e com despacho rápido para alívio de situações de emergência: Giusti (14), Simon (20), Ruggeri (19) e Olarticochea (16), antecipando o reino dos centro-campistas, dos homens-charneira entre a destruição e a construção: Troglio (21), Basualdo (4), Burruchaga (7) e esse tal desequilíbrio terrestre que usa o dez nas costas e todos o sabem que é o mestre da trigonometria com bola de couro.

Na guarda-avançada de Maradona vão morar Caniggia (8) e Dezotti (9), restando saber qual, entre os homens dos pampas e das tangadas, receberá carta de prego para depois tomar a cargo o policiamento de Toto Schillaci, esse perigo público que emergiu no ano 90 só para contrariar a maioria dos palpites meses a fio alinhados pelos «experts» em relação

a quem ia brilhar no mundial italiano. Mas, do mesmo modo, quem receberá de Vicini o colete de forças para tentar espartilhar o cinco estrelas da outra área?

Tudo irá saber-se mais para a noitinha, nada espantando que a coisa se arraste por duas horas e até tenha último e definitivo complemento na marcação de pontapés do círculo das grandes penalidades, quando a angústia tocar até à medula os dois homens que é preciso executar a sangue frio.

Espectáculo de truz, pelo menos em vibração nervosa. *El pile de oro* ou o tranqüilo Bergomi: quem vai gargalhar no lavar dos cestos? Sul-americanos retirando da praça com a cabeça inclinada, os bombos arrumados na mala? Europeus fazendo transbordar a euforia por tudo o que seja italiano por esse mundo fora?

Ainda é tempo de aceitar apostas. Só que, desta feita, apenas dois símbolos estão por escolher. Hoje, o fiel da balança apenas conta para Michel Vautrot.

INSTALE PORTAS DE SEGURANÇA E... VÁ DE FÉRIAS DESCANSADO



SEVES

SEVES - SISTEMAS ELECTRONICOS
E METALOMECANICOS DE SEGURANÇA LDA
Novas instalações
FUNDAÇÃO DE FEIRAS - 443 03 24

DESPORTO

Acidente na Benedita

Dias Graça em estado grave

Vítima de um acidente de viação ocorrido na Benedita, o futebolista do Benfica, Dias Graça, encontra-se internado em estado grave, no Hospital de Covões (Coimbra) entregue à unidade de cuidados intensivos, enquanto seu filho Miguel, de seis anos, foi remetido para o Hospital Pediátrico receando-se que não resista aos ferimentos recebidos. A mulher do jovem futebolista (Carla Maria) sofreu ferimentos ligeiros. De acordo com informações prestadas pela GNR, o causador do despiste da viatura conduzida por Dias Graça ter-se-á posto em fuga.

João Pinto poderá regressar

O major Valentim Loureiro afirmou ontem, durante a sessão de apresentação do novo elenco futebolístico do Boavista, que o jovem João Pinto poderá regressar ao Bessa, caso o Atlético de Madrid não liquide a dívida de 200 mil contos. Valentim Loureiro informou que Gil y Gil não poderá transferir o jogador sem que antes proceda à liquidação do débito para com o seu clube.

Quanto à eventual transferência dos benfiquistas Ademir e Abel para o Boavista, Valentim Loureiro afirmou existir essa possibilidade. Será que João Pinto poderá vir para a Luz?



Valentim Loureiro e João Alves: reencontro no Bessa

Braga apresenta-se

Raul Águas iniciou ontem os trabalhos de preparação para a nova temporada futebolística no SC Braga, que contará com um plantel de 24 elementos.

Os jogadores já assegurados para representar o Braga são Luis Manuel, Ricardo, Orlando, Chico Silva, Vítor Duarte, Carvalhal, Valtinho, Quim I, Moroni, Couto, Santos, Laureta, Kappa, Serrinha, Mário, Fernando Pires, João Mário, Quim II, Rui Manuel, Rogério, Pingo, Marcão, Vinicius e Gama.

Ricardo, Pingo, Carvalhal, Rogério e Mário fazem parte dos novos reforços, com Valtinho, Couto e Gama a integram os «regressados» ao clube. Orlando foi promovido à equipa orientada por Raul Águas, apoiado pelo adjunto Carlos Garcia.

Em contrapartida, saíram do clube Hélder, Guimarães, Virgílio, Radi, Vermelhinho, Eskilsson, Maside e Tiano.

Rui Barros: golo na abertura

Rui Barros disputou ontem o seu primeiro encontro com a camisola do Mónaco, em jogo, de carácter particular, frente ao FC Logano, tendo o seu clube vencido por 3-1 com a curiosidade de o jovem futebolista português ter marcado um dos golos e realizado uma exibição de gala.

Diamantino:

Marítimo na corrida

Segundo informa o jornal «Record» — edição de hoje — o Marítimo terá demonstrado interesse em contactar o Benfica sobre as condições em que poderia ser negociada a transferência do futebolista Diamantino para aquele clube madeirense. Recorde-se que o estrela da Amadora terá sido o primeiro clube a manifestar interesse na contratação do atleta e que este não estará disposto a estabelecer qualquer contacto, antes de definir a sua situação com o Benfica, com o qual tem contrato por mais um ano.

Sporting:

Manolo Vidal à beira da demissão

As dimissões no Sporting não páram de suceder. Agora parece ser a vez de Manolo Vidal abandonar o executivo onde desempenhava as funções de chefe do Departamento de Futebol, alegando incompatibilidades, naturalmente advindas do facto de Sousa Cintra ter contratado Álvaro Braga Júnior para ocupar o cargo que aquele dedicando sportinguista vinha desempenhando.

Portimonense:

Manuel João continua na liderança

Manuel João voltou a ser reeleito (já vai em 17 anos de liderança) para a presidência do executivo do Portimonense, em assembleia geral reali-

zada ontem e na qual compareceram 157 dos 2750 associados da colectividade. Afonso Pacheco Garcia foi eleito para a presidência da assembleia geral enquanto Fernando Barata (antigo líder do Farense) é o novo presidente do Conselho Fiscal.

Jorginho no Moulhouse

Depois de ter sido dado como certo no Marítimo (com o qual terá rubricado contrato por dois anos) e posteriormente contactado pelo Sporting, o brasileiro Jorginho que na passada temporada representou o Chaves, apresentou-se ontem no Moulhouse e a carta internacional já foi solicitada através do empresário Lucidio Ribeiro, à Federação Portuguesa de Futebol. No Marítimo diz-se que o jogador lhes pertence. Mais um imbróglio para os legalistas resolverem.

Coelho:

que destino?

O boavisteiro Coelho, que na passada temporada esteve ao serviço do Penafiel, já decidiu não regressar ao Bessa, admitindo a sua transferência para o Desportivo de Chaves.

Brassard

vai «estagiar»

O jovem guarda-redes internacional júnior do Benfica, Brassard, será emprestado por uma temporada preparando o seu retorno à Luz, onde, no momento presente, conta com a concorrência de Silvino, Bento e Neno.

Belenenses:

eleições para breve

Devido ao pedido de demissão dos membros do Conselho Fiscal por discordarem da decisão de ser feita uma auditoria às contas do anterior executivo, o presidente da Assembleia Geral do Clube (José Segarra) deverá brevemente marcar a data para o acto eleitoral que vise a reposição daquele órgão social.

Entretanto, o chefe de Departamento de Futebol, José Delgado, partiu para a Bélgica onde discutirá, com Henri Depireux, os planos de preparação da nova temporada.

B R E V E S

Dardo mais além

O britânico Steve Backley estabeleceu novo recorde do mundo no lançamento do dardo, ao arremessar o engenho a 89,58 metros, no decorrer do «meeting» de Estocolmo.

O anterior máximo pertencia ao sueco Patrik Bodén, com 89,10 metros, estabelecido no passado dia 24 de Março em Texas, EUA.

Backley, 21 anos, já havia demonstrado encontrar-se em grande apuro de forma no início deste ano, quando venceu os últimos jogos da Commonwealth, lançando o dardo a uma distância de 88,46 metros.

No mesmo «meeting», o nosso atleta Dionísio Castro participou na prova da légua, classificando-se na 3.ª posição com o tempo de 13.14.15. O vencedor foi o marroquino Khalid Skah com 13.09.55.

«Tour»: canadiano domina

O canadiano Steve Bauer continua a liderar a Volta a França após a 3.ª etapa (que foi ganha pelo italiano Moreno Argentin) tendo oito segundos de avanço sobre o holandês Frans Maasen (2.º classificado) e 26 sobre o francês Ronan Pensed (3.º). O nosso representante Acácio Silva ocupa o 105.º posto a 11 minutos e 47 segundos do líder.

Ténis: Torneio de Wimbledon

O sueco Stefan Edberg eliminou em três «sets» o norte-americano Michael Chang na quarta ronda do torneio de ténis de Wimbledon.

O checoslovaco Ivan Lendl, a procura da sua primeira vitória em Wimbledon, derrotou o norte-americano Bryan Shelton, por 7-6, 6-7, 6-4 e 6-4, qualificando-se para os dezasseis avos de final.

No sector feminino Steffi Graf e Martina Navratilova vão «despachando» a concorrência preparando-se para o confronto final.

Remo: título para a Académica

A Associação Académica de Coimbra conquistou o título nacional de remo na modalidade de Double scull, através da tripulação composta por Isabel Moreira e Susana Alfaia. Nos 2.º e 3.º lugares classificaram-se as representações da Associação Naval de Lisboa e Clube Infante D. Henrique.

TOTOBOLA

A nossa aposta 27/08.07.90

Admira-Lyngby.....	1
Sparta Praga-Neuchatel....	X
Slávia Sôfia-St. Gallen.....	1
Bochum-FC Tirol.....	1
Slovan Bratislava-Vesle.....	1
Norrköping-MTK.....	1
Bohemians-Malmö.....	1
Brondby-Rostock.....	1
Lucerna-Nitra.....	1
Vasas-Aarhus.....	1
Dusseldorf-Sturm Graz.....	1
Karl Marx-Ploiesti.....	1
B. Uerdingen-FC Berlim....	1

Montijo: título ao mérito

Ao vencer (1-0) o Lousada na final do campeonato nacional da III Divisão, o Montijo averbou, pela segunda vez no seu historial, a conquista do título. O derradeiro encontro do torneio ocorreu no Campo Pinto de Aguiar, na Lousã, e se o despique foi correcto, o desenvolvimento do jogo aceitável e a arbitragem (de Lourenço Ferreira, que acaba de ser promovido ao escalão superior da arbitragem nacional) a situar-se em plano aceitável, o final foi desagradável em virtude da entrada de elevado número de espectadores no recinto, com os montijenses a pretender felicitar os seus jogadores e os de Lousada para dirigir insultos ao juiz. Por este motivo o dirigente federativo Joaquim Conceição teve alguma dificuldade em proceder à entrega do troféu.

Para a história, aqui fica a «ficha» do jogo. Autor do golo: Luciano (sete minutos); fiscais de linha: António José e Jorge Martins; jogadores advertidos: Lima, Armindo e Cepinha; quem jogou: Montijo: Araújo; Lima, Mané, Cepinha e Gabão (Quim); Ronaldo, Luís Silva, Adérito e João Manuel; Luciano e Carlinhos (Fernando Jorge); Lousada: Ventuzelos; Mesquita (Vieira Eugénio), Lopes e Armindo; Agostinho, Raul, Caneco (Samboco) e Hermínio; Nelson e Cadjali.



Os campeões



caixa económica operária

Cooperativa de Consumo, C.R.P.L.
Rua Voz do Operário, 58 a 66 LISBOA

CONVOCATÓRIAS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo do Art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão ordinária, na sede social, pelas 20.30h do dia 12 de Julho de 1990, com a seguinte ordem de trabalhos:

APRECIACÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DAS CONTAS REFERENTES AO EXERCÍCIO DE 1987 E DO RELATÓRIO DA DIRECÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá, em segunda convocatória, meia hora depois com qualquer número de associados.

Lisboa, 22 de Junho de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ERNESTO JOÃO DA COSTA TEIXEIRA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo do Art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão ordinária, na sede social, pelas 21.30h do dia 12 de Julho de 1990, com a seguinte ordem de trabalho:

APRECIACÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DAS CONTAS REFERENTES AO EXERCÍCIO DE 1988 E DO RELATÓRIO DA DIRECÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá, em segunda convocatória, meia hora depois com qualquer número de associados.

Lisboa, 22 de Junho de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ERNESTO JOÃO DA COSTA TEIXEIRA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do Art.º 22.º dos Estatutos, convoco uma Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, na Sede Social, pelas 22.30h do dia 12 de Julho de 1990, com a seguinte ordem de trabalhos:

APRECIAR, DISCUTIR E DELIBERAR SOBRE A SITUAÇÃO DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá em segunda convocatória, meia hora depois com qualquer número de associados.

Lisboa, 22 de Junho de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ERNESTO JOÃO DA COSTA TEIXEIRA

DESPORTO

Amadora: luta dupla por uma estrela

Em dois anos de presença na principal divisão do nosso futebol, na temporada em que (pela mão de João Alves) conquista a Taça de Portugal e, por inteiro direito, entra na grande Europa uefeira, o Estrela da Amadora é isca para várias correntes directivas. Quatro, cinco ou (talvez) seis apareceram erguendo a proposta: duas candidaturas arrostaram com ventos e marés, surgindo numa corrida final cheia de alternantes, cada qual com a sua verdade.

Lista A: Jaime Salvado, empresário ligado ao ramo da construção civil, acredita-se que uma sólida confiança bancária e dinheiro na carteira para as primeiras impressões, que é quem adianta: Para já, limpar os 60 mil contos de dívidas da gerência actual, onde o presidente, quando quer vir do emprego para o clube, uma ou duas horas por dia, pede que alguém o vá buscar, porque não tem carro e só tem passe dos transportes colectivos. Como é que ele diz que pode dispor de dinheiro graúdo para fundo de maneio do Estrela?

António Soares (lista B), que tem estado ao leme da colectividade desde que a mais carismática figura amadorese nos deixou (o presidente estrelista José Gomes, agora com o nome colocado na frontaria do estádio do seu emblema) responde à letra:

— Tenho muita honra em ser trabalhador: chefe de serviços do controlo de crédito da Sotanco SA, uma firma que se dedica ao comércio de vidros. Há quatro anos fui secretário-geral, no 1.º mandato de José Gomes e, desde 1988, vice-presidente administrativo por doença do nosso chefe. Aos 50 anos, sei que um clube desportivo não pode estar dependente de um qualquer mecenas, muito meno de quem já perdeu uma jogada eleitoral e agora, para promoção, volta à carga.

Jaime Salvado não é de modas: intuitivamente continuando a directriz do Benfica

(que nada tem a ver com esta história, entenda-se...) promete uma grande equipa para a Europa. Com «estrelas» a sério...

Sai à liça António Soares e, tal como afirma Artur Montenegro, seu director de campanha, jura: Não tenho telhados de vidro. Fiz o serviço militar em Timor. Não devo nada a ninguém e os compromissos do Estrela serão liquidados nos prazos que definimos. Já agora em relação a Jaime Salvado: como é que está o caso da construção da Salvado & Filhos, na Avenida do Brasil, que a Câmara Municipal da Amadora considera de negativo impacto ambiental?

Salvado: Tudo difamações. Sou um homem de cabeça erguida. Sabe que o Estrela, como pagamento à maioria dos atletas e ao treinador que venceram a Taça, passou cheques para pagamento daqui a meses? Mais: a direcção que está lá deixou ir embora João Alves, um técnico apenas extraordinário! Mandei, por determinadas pessoas, que lhe oferecessem 2500 contos mensais: não quiseram. Um dia destes, para que o Baroti não se transferisse peguei no meu livro de cheques e entreguei-lhe 6000 contos. Só assim ele recusou propostas para mudar de emblema.

Réplica presidencial:

— O que ninguém pode garantir faço-o eu: os jogos que o Estrela tiver de disputar na Taça dos Vencedores das Taças serão feitos em nossa casa. Mesmo que o clube perca milhares de contos... Quanto a Jaime Salvado, é um perdedor nato. Eu sou um vencedor. Realmente, não tenho carro, não sei guiar, ando de autocarro: mas nasci quando a minha família era dona de sete prédios em Campo de Ourique e o meu avô tinha altos interesses na Agência Barata. Só que a vida dá muitas voltas e, hoje, nada me deslustra trabalhar de sol a sol. Torna-se fundamental saber gerir o que nos é entregue: só assim se compreende que, neste instante, te-



Júlio António: homem-forte da equipa que integrou as gerências de José Gomes e António Soares e agora firme apolante de Jaime Salvado.

nha um suporte financeiro bancário que assegure 150 mil contos para resolver qualquer problema do Estrela. De resto, somos benquistos nas relações com todos os outros clubes: se dizem que o passivo volante é de 50 mil contos já exageram, pois até falta rubricarem o contrato para a publicidade nas camisolas dos atletas e, até agora, nenhum credor nos bateu à porta.

Resposta de Jaime Salvado:

— Vamos conceder a Manuel Fernandes condições de trabalho que ninguém deu a João Alves. Não podemos entregar o clube a aventureiros: trabalho desde os 12 anos, fiz-me a mim próprio, toda a Amadora sabe que pode confiar na minha palavra.

É isso: dois autarcas (Sobral de Sousa e António Mira, ambos do PS), nomes incluídos na lista de António Soares pa-

ra a gerência do Estrela, quem o rápido embargo de obras de Jaime Salvado: só que Andrade Neves, actual presidente da mesa da assembleia geral e figura do bloco de Jaime Salvado, não concordou. Companheiro de partido, diz que não quer «ligação do assunto com as eleições no Estrela». Uma jogada que terá lugar na próxima 6.ª-feira e que, antes, merece de Jaime Salvado esta afirmação:

— A lista contrária está a entrar em destemperos, chegando a garantir que o nosso grupo é do PC, quando aqui tenho, a meu lado, cidadãos que vão desde o CDS ao PC, até incluindo o jurista António Barros, que é assessor de Cavaco Silva.

Toma a palavra Júlio António, gestor de empresa que tem figurado à frente do sector de Relações Públicas do Estrela:

— Estou com Jaime Salvado, tal como o António Bernardo, o Manuel Frade e o Júlio Correia, que também trabalharam com o António Soares. Nunca nos sentimos ou aderimos ao projecto dele: simplesmente era obrigatório deixar o Estrela e cumprir o seu normal ciclo de vida. Soares está subordinado a um horário de trabalho, das 9 às 19, que não lhe permite dar eficiente assistência ao clube. E isso já foi notado por José da Conceição Guilherme, um grande amigo do nosso emblema, tal como pela falange de apoio do Estrela, que nem sequer vê no campo o presidente que sucedeu a José Gomes. Temos projectos firmes e concretizações à vista: obras no campo, centro de estádio, abinas para jogadores e árbitros, prédio continuando o edifício onde está o bingo. Não queremos mecenatos mas apenas homens reais e competentes, que não entrem em calúnias.

António Soares reclinase: — Não me interessa o que possam dizer, porque a verdade está nas mãos de quem a quiser conhecer: ordenados, prémios, «luvas», tudo está pago aos futebolistas, com cheques pré-datados que vamos cumprir religiosamente. Só falta uma quantia pequena: 1500 contos para o Bobó e o Basaila. O Duílio recebeu 3000 contos só da vitória na Taça, 5000 tocam a João Alves e mil ao seu adjunto (Acácio). Este triunfo foi precioso, mas também requer largo investimento de dinheiro, até porque não queremos mais jogadores emprestados. Renovámos com Rui Neves e Sobral (três anos), Baroti e Pedro Xavier (duas épocas) e Melo (uma temporada). O Augusto Matine (do sector técnico) vai continuar. Temos obras para fazer urgentemente: sauna, gabinetes médicos condignos, departamento do futebol juvenil mais amplo. E volto a garantir: em lugar de irmos jogar para a Europa em casa alheia, teremos todos os encontros em nossa casa, ao dispor pleno da massa associativa.

António Bernardo (Toni) responsável pelos meninos do futebol amadorese, atira uma acha para a fogueira. E contrapõe.

— Disse, na lista de António Soares, que tinham contratado o benfiquista Diamantino: pura mentira, como o próprio internacional se apressou a declarar publicamente. Nós é que temos Álvaro sob compromisso e com a sua palavra de honra de que só será jogador do Estrela se Jaime Salvado vencer as eleições. Dizem que não o querem por ter assinado documento vinculativo com Jaime Salvado: esquecem-se que é um dos reforços solicitados por Manuel Fernandes e que, nesse sentido, tivemos o cuidado de o garantir a tempo e horas.

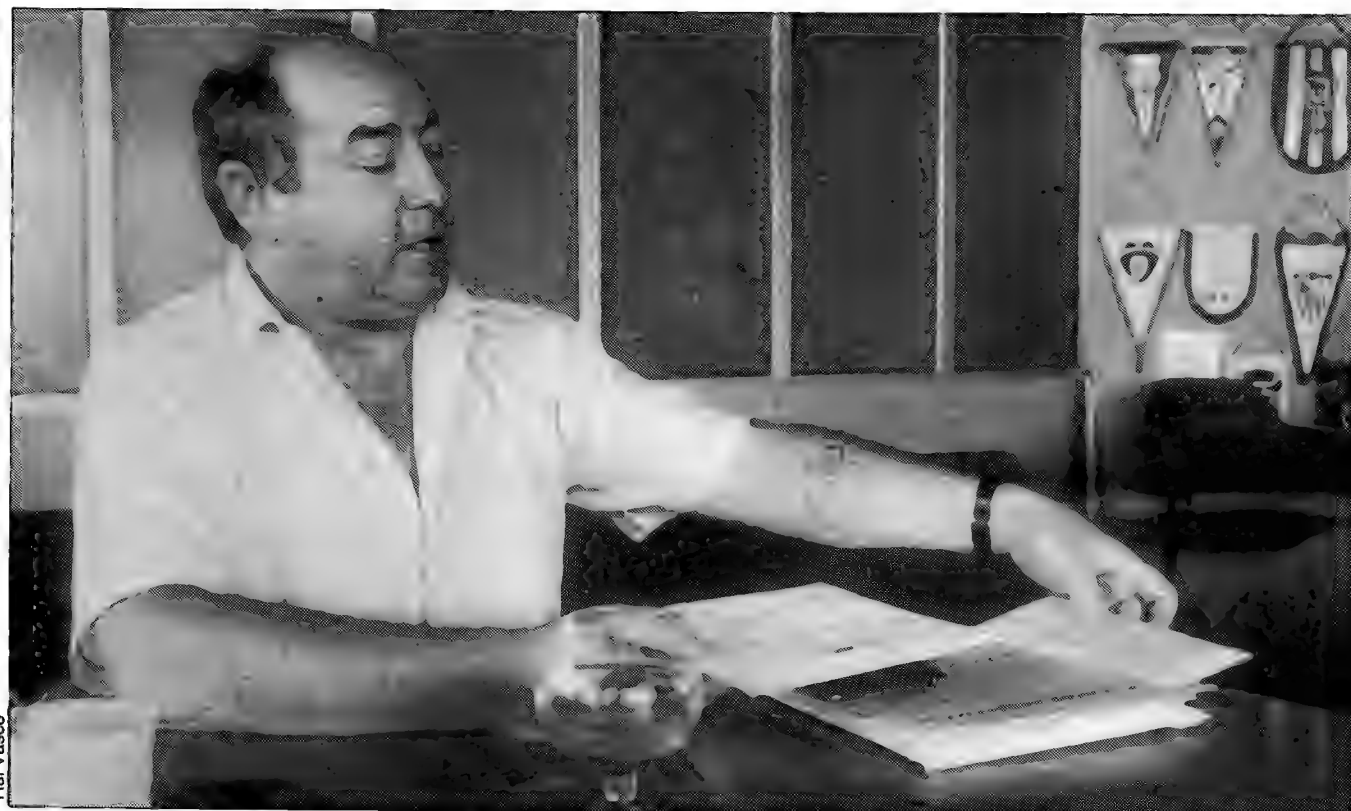
Paremos um pouco. No arranque para as eleições amadorese, perfilaram-se à partida vários nomes: Nelson Silva, José Maria Salvado, Aníbal Duarte, José Hernando, mesmo Artur Gomes, filho do falecido líder José Gomes. Pouco a pouco, os campos foram ficando definidos: hoje, apenas o actual presidente (António Soares) e um opositor (Jaime Salvado) cada qual com poderosos reforços a seu lado. Por exemplo: António Manuel Murtinheira Padrão Soares inclui na sua lista Fernando Valente Belo, Virgílio Manuel Sobral de Sousa e Guilherme Casimiro Amado (todos como presidentes-adjuntos) e, logo a seguir, Américo Cordeiro dos Santos, António Ribeiro Mira, Manuel Francisco Mestre Gonçalves, Antero Correia Jacinto, Mário dos Santos do Nascimento, António Manuel Piedade Milagres, Artur Manuel Menezes Montenegro Miranda e José Manuel Rodrigues Caneças de Moraes, em funções de vice-presidentes para diferentes áreas de trabalho. Mesa da assembleia geral: João Granja da Fonseca, Francisco Manuel da Mota, Fernando Manuel Fernandes, Eduardo Amadeu da Silva Rosa e Adolfo Henriques Anselmo.

— Pode escrever (diz António Soares) que continuamos em negociações para revalidar o contrato com Basaila, estando o acordo com o Vitória de Guimarães (a quem pertence o jogador) quase concluído. E, dentro, da linha de rumo há muito prevista para esta altura da temporada, acabamos de nos reunir com a Comunicação Social para ficarmos orientados sobre o modo mais aconselhável de servir a Imprensa, a Rádio e a Televisão dentro do nosso estádio. Recebemos a melhor receptividade dos jornalistas e os diversos pontos de vista, respeitantes ao labor da Comunicação Social no «José Gomes» transitam agora para a direcção do CNID, que nos prometeu um estudo perfeito dentro de poucos dias.

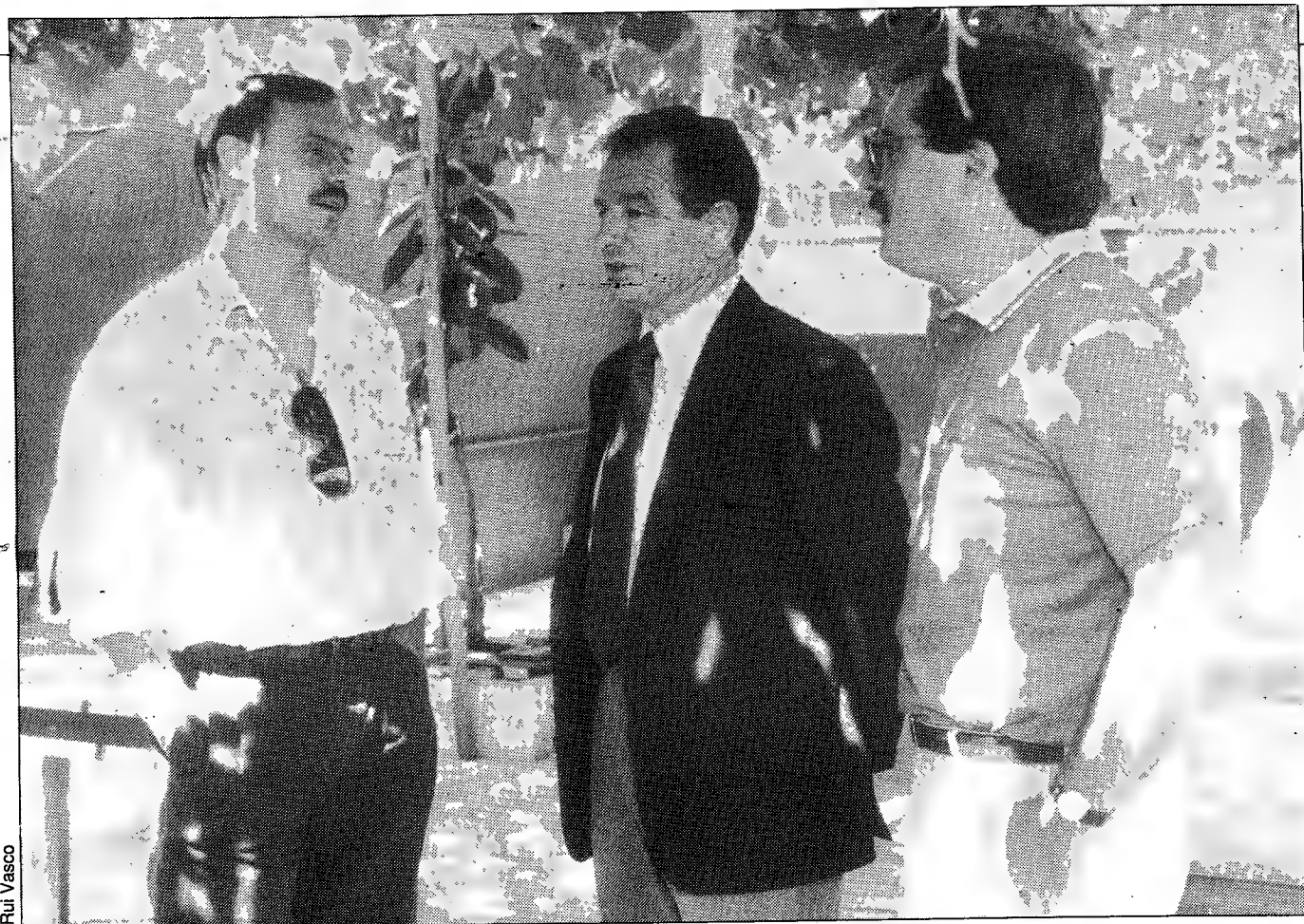
— E o caso de Álvaro? António Soares é categórico:

— Se a minha lista vencer as eleições, Álvaro é exclusivamente jogador do Jaime Salvado!

No programa da lista de António Soares, que vai a sufragio entre os quase 20 mil sócios do Estrela na próxima 6.ª feira, incluem-se tarefas



António Soares: «tenho um nome limpo, a minha lista é de unidade, sou trabalhador numa empresa da Amadora e não sinto vergonha nenhuma de não ser milionário»



Jaime Salvado entre o internacional de futebol Álvaro e António Bernardo (Toni) dirigente da actual equipa de António Soares que passou para o bloco oponente

atraentes: conclusão do campo n.º 2, construção de novas cabanas nos baixos da banca de sócios, novo camarote de Imprensa, edificação da zona comercial e apartamentos habitacionais na Avenida José Pontes, criação da Loja do Estrela, reciclagem dos números de sócios, cobertura total das bancadas dos sócios, aquisição de um novo autocarro, inauguração do busto de José Gomes, atribuição dos emblemas de ouro e prata aos sócios com 50 e 25 anos de filiação, criação do jornal do clube, comemoração condigna do aniversário do Estrela, instituição de um prémio de jornalismo desportivo e concretização (com a Câmara Municipal da Amadora) da cedência dos terrenos destinados ao novo estádio.

O director de campanha (Artur Montenegro, assessor da Câmara Municipal de Lisboa, no pelouro do trânsito e infra-estruturas várias) comenta:

— É um plano ambicioso mas que a direcção de António Soares pode realizar. Há novos jogadores: Valério, Agatão, Mário, Dimas, Mendes, Miranda, muito provavelmente também o portista Domingos. Álvaro tinha acordo com Soares: de repente achou que Jaime Salvado lhe dava mais dinheiro e passou a funcionar como arma eleitoral de um sócio de recente data (Jaime Salvado), tipo Mecenas que aparece quando os clubes estão na 1.ª divisão e saem deixando-os na 3.ª divisão ou nos distritais...

Jaime Salvado aparece novamente:

— Que obra fez António Soares até agora? Quem pagou as bancadas foi a Câmara. Os camarotes estão mal colocados: só gaiolas, jaulas autênticas de onde não sai um aplauso para a equipa: pode ali rebentar uma bomba que não se houve no relvado. Vamos já, mas mesmo imediatamente, construir novas cabanas e o 2.º campo. E melhorar a instalação sonora, que é uma vergonha autêntica. Olhe: e quanto à lista oponente, até tem um vice-presidente (Sobral

de Sousa) que detesta o futebol...

Adianta:

— Fui eu quem segurei o Barroti, que apareceu com o empresário a despedir-se do Estrela. Deixaram partir o João Alves por negligência: o sr. Soares nunca tem tempo para atender ninguém. Nem sequer para assinar cheques de pagamento a fornecedores, talvez porque as contas bancárias estejam carecas... Mais: arvorou-se em treinador e começa a contratar jogadores sem ouvir a opinião do técnico...

Carrega a sorte:

— Foi a família Salvado que emprestou as máquinas para as obras no estádio. A bancada que deveria custar 90 mil contos vai ficar à Câmara por 120 mil: pergunte ao Soares porquê... E aconteceu o cúmulo: os jogadores foram para férias com cheques pré-datados para daqui a seis meses!

Riposta o indigitado vice-presidente Sobral de Sousa:

— Estou com o Soares porque sempre me coloquei ao lado de homens competentes, honestos e íntegros. Vai mudar a qualidade do clube: sou sócio há 22 anos e já reparei que, de dois em dois anos, apetece ao Salvado ser presidente. Gasta umas massas e volta a ficar incógnito. Quanto ao Álvaro, está visto: não se integra na mística do Estrela. Fica com um dos Mecenas que só pode contribuir para a falência do clube, tal como recentemente aconteceu no Estoril. E o Farense safou-se por uma unha negra.

Jaime Salvado contesta:

— Não será presidente do Estrela quem quer, mas sim quem puder dispor de meios para isso. Tenho tempo, dinheiro e equipa. Vou criar um gabinete de planeamento e gestão financeira. E, mais coisas: o nosso plano é vasto. Ora note os capítulos do organograma de funcionamento: engrandecer a recordação de José Gomes: cumprir a vontade dos sócios, manifestar sempre toda a dedicação ao clube, consagrar ao Estrela todo o dinamismo, mostrar clareza de objecti-

vos e de métodos, gerir o clube em moldes empresariais, diversificar as fontes de receita, apoiar as modalidades amadoras, tudo fazer para levar o Estrela ainda mais alto, interessar a massa associativa nos projectos em curso e rentabilizar o Estrela em todas as suas potencialidades desportivas.

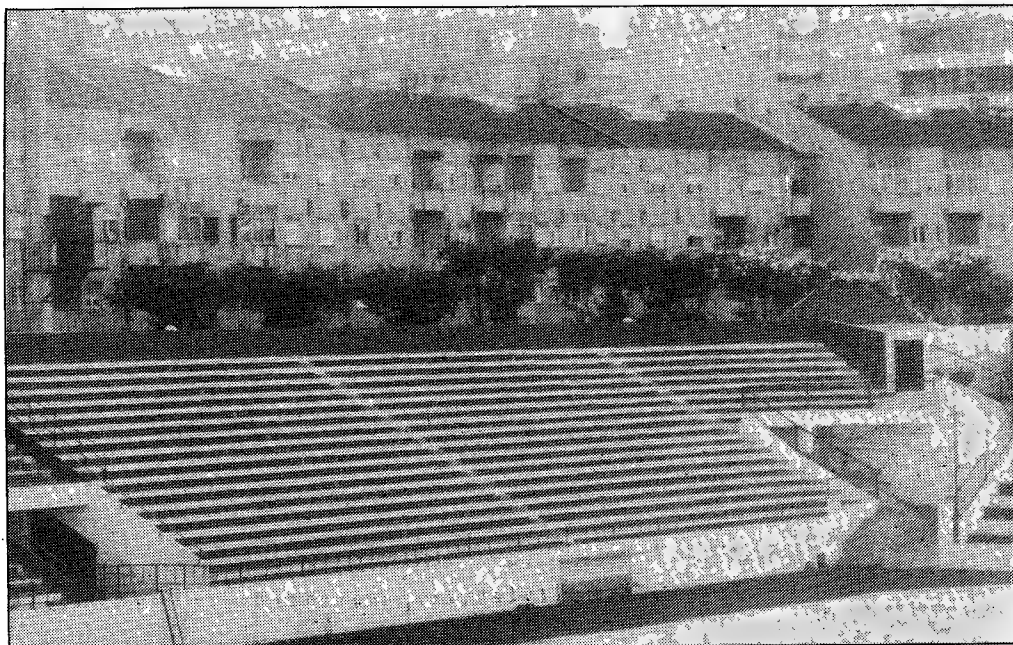
Um vasto programa debruça-se sobre diversos capítulos: explicação da escolha de nomes para a lista candidata, novos projectos e valorização das equipas de futebol, iluminação do estádio principal. Uma série de mudanças e novas obras (posto médico, cabanas e balneários, campo n.º 2, camarotes, lugares cativos, instalações para a Comunicação Social, parque de estacionamento reformulado, centro de estágio, criação da Cidade Desportiva) e ainda estudo de receitas para autofinanciamento do clube, gestão do pessoal, informatização dos serviços, salas de convívio e para troféus mais atraentes, criação de uma claqué, um pavilhão gimnodesportivo, novas viaturas para o Estrela, da secção de veteranos para prática de diferentes desportos. Enfim uma tarefa a que se propõem Jaime Salvado, Júlio António, Marques Pedrosa,

Carlos Franco, António Bernardo (Toni), Joaquim da Conceição, Horácio da Silva, Pedro Santos, Júlio Correia, Manuel Frade e Fernando Duarte (direcção indigitada), Andrade Neves, António Barros, António Adão. José Marantes e Silvino Morais (mesa da assembleia geral), José Baptista Fernandes, João Madeira, Augusto Júnior, Albino Cesário Amador e João Oliveira (conselho fiscal).

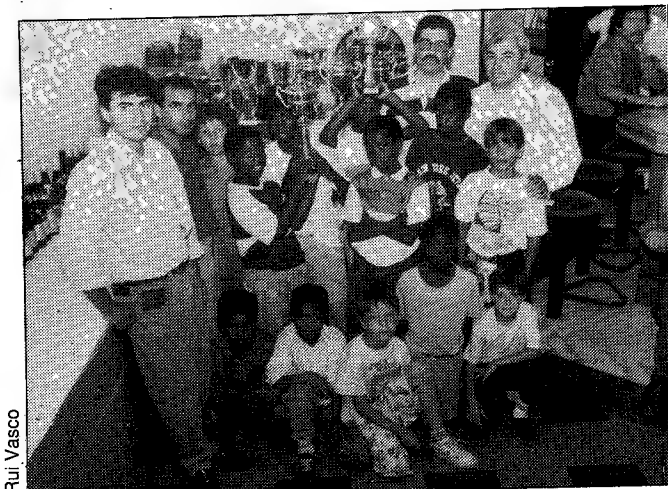
Esta noite, no novo Restaurante Campo Pequeno (propriedade de João Rocha) um grupo de associados e figuras de prestígio da Amadora vai prestar homenagem ao Estrela para assinalar a conquista da Taça de Portugal. Na comissão organizadora estão nomes que vão desde o sócio n.º 4 (Augusto Faria) ao associado n.º 6 (Aires Piteira). Vários oradores vão falar. Quem sairá consolidado na corrida: Soares ou Salvado?

Um clube que já não é de bairro, que trepou vertiginosamente para a 1.ª fila das colectividades desportivas portuguesas, em ponta final para eleição de comandantes. Quem vai tocar o Estrela no seu céu?

Neves de Sousa



Meninos campeões



Escolas: a turminha com o seccionista Zé Luís, treinador Pereira e os directores António Bernardo (Toni) e José Martinho



Infantis: o bloco enquadrado pelo técnico José Fernandes, director Martinho e seccionista Orlando



Iniciados: a formação ao lado do seccionista Orlando, do director António Alegria e do treinador Parreira

Obras na casa

Uma e outra lista comprometem-se a seguir os sonhos ambiciosos de José Gomes: erguer a bancada, dotar o seu interior com novos ginásios, instalações para a Comunicação Social (telefones, telexes, telefaxes, câmaras fotográficas) de molde a cumprirem as exigências de provas uefeiras e, nos baixos, ao lado de cabanas para jogadores e árbitros, salas para judo. Nas costas da edificação, lojas comerciais que podem render, a curto prazo, quantitativo financeiro capaz de tornar a vida do Estrela da Amadora livre e desafogada.

AGENDA

I Série N.º 151
Dia 3 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 216/90:
Aprova o novo estatuto orgânico do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e revoga o Decreto Regulamentar n.º 34/80, de 2 de Agosto.

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 217/90:
Isenta de emolumentos pelo serviço de visto do Tribunal de Contas um contrato de aquisição de material de defesa.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 497/90:
Cria uma comissão coordenadora de investigação da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto-Lei n.º 218/90:
Cria a Comissão Interministerial para as Migrações e Comunidades Portuguesas. Revoga o Decreto-Lei n.º 14/87, de 9 de Janeiro.

Ministério da Educação

Despacho Normativo n.º 45/90:
Reconhece alguns cursos como habilitação suficiente para provimento em lugares das carreiras técnico-profissionais. Revoga o Despacho Normativo n.º 3/86, de 7 de Janeiro.

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 498/90:
Alarga a área da Região de Turismo dos Templários (floresta central e albufeiras), na qual passa a ficar abrangido o Município do Entroncamento.

N.º 148
Dia 29 de Junho

SUPLEMENTO

Ministério da Educação

Portaria n.º 489/90:
Aprova o Regulamento do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior no Ano de 1990.

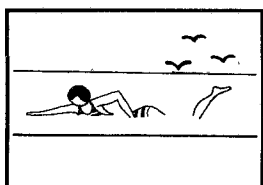
N.º 146
Dia 27 de Junho

SUPLEMENTO

Ministérios das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 477-A/90:
Actualiza as tabelas emolumentares, as cauções, as taxas, as licenças, as propinas e as multas previstas no Regulamento das Contrastarias.

SE
nada pouco
ou tem câlbras
não se afaste da praia



HOJE
CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu muito nublado no Minho e Douro Litoral e pouco nublado nas regiões do interior. Vento fraco. Neblinas durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado no litoral a norte do Cabo da Roca durante a manhã. Vento fraco ou moderado de Noroeste, soprando com rajadas durante a tarde no litoral oeste. Neblinas durante a manhã.

Mar pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco, soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral oeste. Neblina matinal.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de Noroeste soprando por vezes forte durante a tarde no litoral oeste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste.

Mar cavado com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

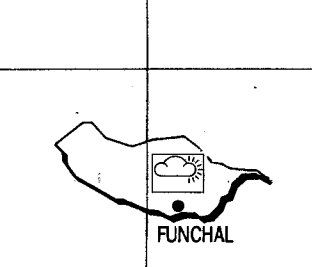
AÇORES

Em todo o arquipélago
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco por vezes moderado de Noroeste. Aguaceiros fracos.

Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA

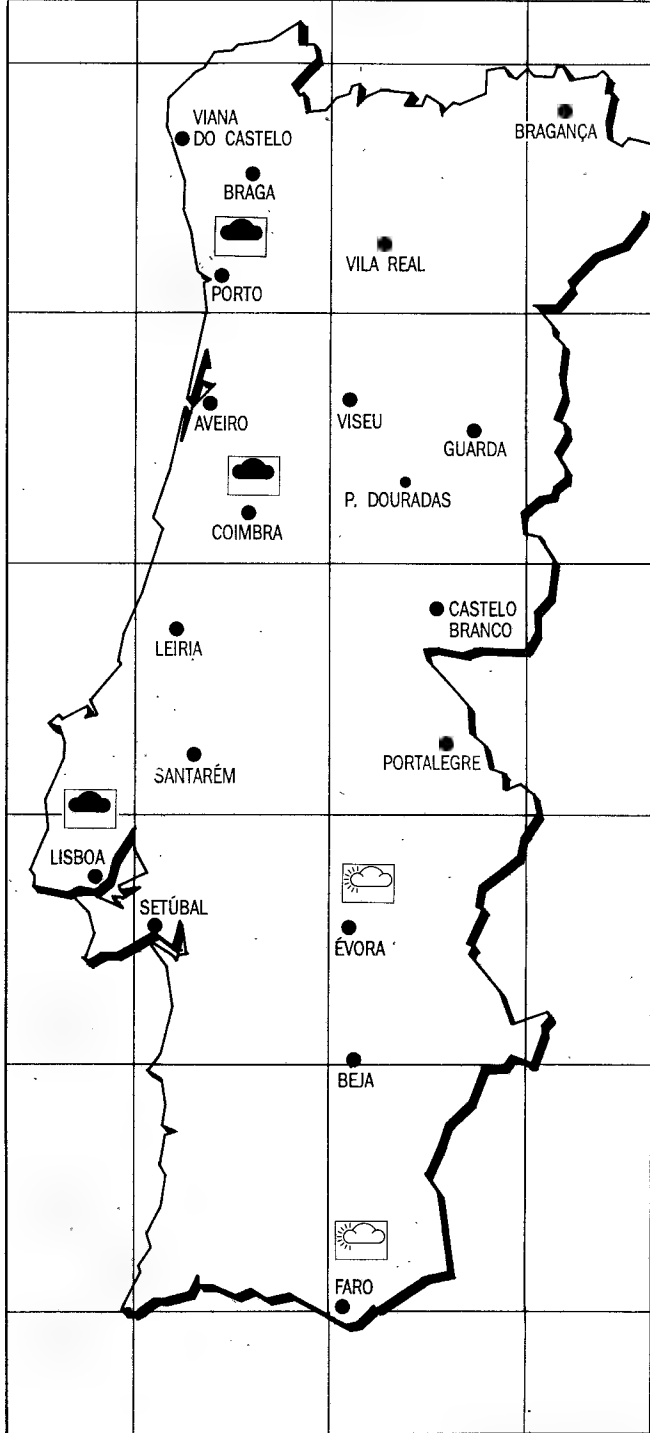


- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.57	3.0m	06.16 1.4m
00.25	2.9m	18.47 1.4m
Amanhã		
01.25	2.9m	07.06 1.3m
13.50	2.1m	19.37 1.2m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	12	12	P. nub.
V. Castelo.....	17	18	Neblina
Vila Real.....	15	16	M. nub.
Porto.....	16	16	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	17	17	Encoberto
C. Carvoeiro.....	17	18	Encoberto
C. Branco.....	16	17	P. nub.
Portalegre.....	14	14	Neblina
Lisboa.....	18	19	M. nub.
Évora.....	14	16	M. nub.
Beja.....	15	15	P. nub.
Sines.....	16	17	P. nub.
Faro.....	21	21	Limpo
Sagres.....	17	17	M. nub.
P. Delgada.....	18	19	M. nub.
Horta.....	19	19	P. nub.
Funchal.....	19	19	P. nub.

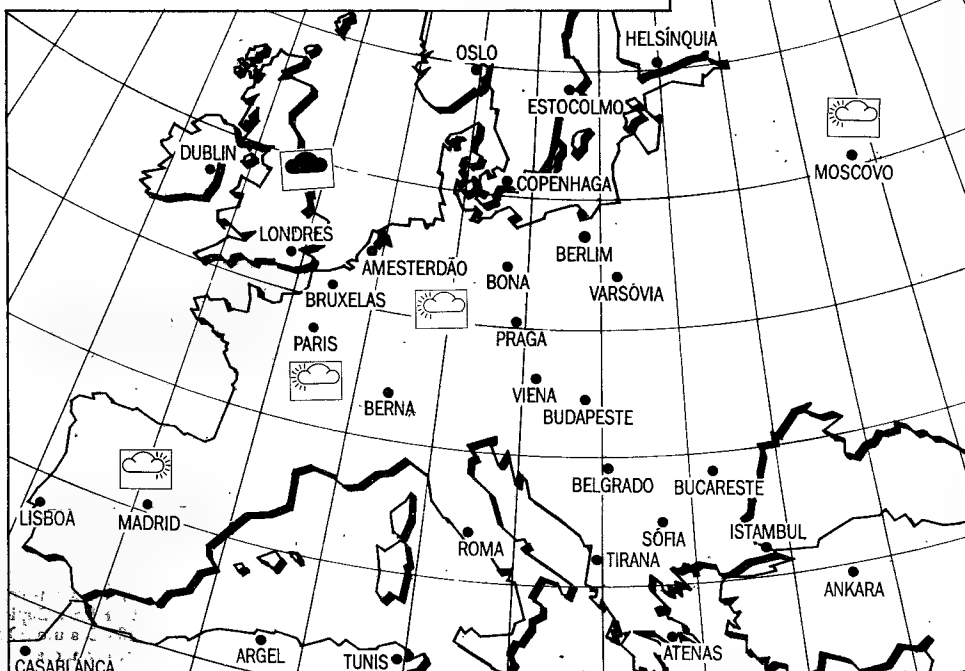
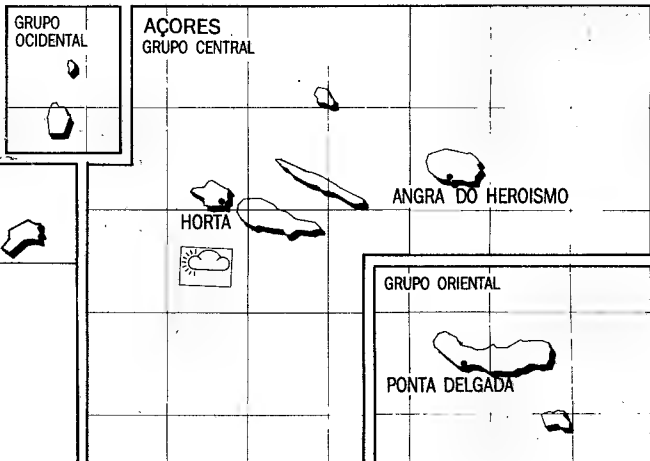
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 26; Porto, 22; Faro, 30; P. Delgada, 25; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	16	18	Limpo
Londres.....	8	10	P. nub.
Paris.....	12	12	Chuvoso
Bruxelas.....	11	11	M. nub.
Amsterdão.....	8	12	Bruna
Genebra.....	14	14	Chuva
Roma.....	19	23	Neblina
Oslo.....	11	14	P. nub.
Copenhaga.....	11	14	P. nub.
Estocolmo.....	12	15	P. nub.
Berlim.....	11	16	P. nub.
Vienna.....	10	14	M. nub.
Varsóvia.....	14	15	Chuva
Atenas.....	23	26	Limpo
Moscovo.....	16	19	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Buenos Aires.....	11	17	Limpo
Caracas.....	29	29	Nublado
Hong Kong.....	28	31	Limpo
Joanesburgo.....	1	17	Limpo
Los Angeles.....	19	31	Limpo
Montreal.....	15	24	-
Nova Deli.....	25	30	Nublado
Nova Iorque.....	19	27	Limpo
Rio de Janeiro.....	18	27	Nublado
São Francisco.....	12	22	Nublado
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	18	26	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Calvário:** Monge, Rua Lusitadas, 30-32, Tel. 3636704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Mercado do Chile:** Alcais, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha Franca:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfca, 373-B, Tel. 780548; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Leitão

Ribeiro, Rua A do Falcão, 3 A.

REFORÇO

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Campos de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaiais, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente;



Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Do Queiroz, R. Luanda, Lote 6-N, 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. Permanente; **Carlos, R. Se-**

MÉDICO DE URGÊNCIA



795 06 80/9

bastião Gama, 28-B - B. Casal S. Brás. Até às 22 h; **Clabel, R. Ant.ª Sardinha, 23-D,** Tel. 4938551. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo,** Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculan, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 II - Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS


Turismo difícil
no Centro

O Centro do País tem de ser desenvolvido como verdadeira região turística - concluíram em Coimbra os participantes de um recente colóquio a que presidiu o governador civil e em que participaram, credenciados para o efeito, representantes de todos os concelhos do distrito e ainda o presidente do município de Aveiro.

Brandt e Pompidou
em Bona

O presidente Georges Pompidou, da França, avista-se hoje com o chanceler Willy Brandt, da Alemanha Ocidental, num encontro em que abordarão as questões europeias mais delicadas. O dirigente francês, que realiza uma visita oficial de dois dias a Bona, é acompanhado pelo primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas e pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e da Ciência, os quais efectuarão conferências com os seus colegas alemães.

Carlos Botelho e Relógio
no «ABC»

Está praticamente concluída a revista para abertura da temporada do Teatro ABC, que marca o regresso da companhia após a digressão ultramarina. «Alto Lá com Elás», um original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha com música de João Nobre e J. Vasconcelos, conta com a colaboração dos pintores Carlos Botelho (nosso prezado colaborador) e Francisco Relógio, e ainda de Pinto de Campos.

EFEMÉRIDES

1950

• Tropas norte-americanas e norte-coreanas enfrentam-se pela primeira vez na Guerra da Coreia.

1962

• A Argélia ascende à independência, ao cabo de 132 anos de domínio francês.

1983

• Terminam, em Lisboa, os trabalhos do Congresso Internacional sobre Língua Portuguesa, que reuniu 700 congressistas de 25 nacionalidades.

1984

• O Governo português retira ao Presidente da República a iniciativa, em exclusivo, da propositura das Condecorações Portuguesas.

1985

• Israel inicia a libertação dos cerca de 700 prisioneiros, na sua maioria xiitas, que tem em seu poder na prisão de Atlit, na cidade de Haifa.

1986

• O Parlamento decide, por unanimidade, promover à categoria de cidades as vilas de Fafe, Seia, Albufeira, Mangualde e Maia.

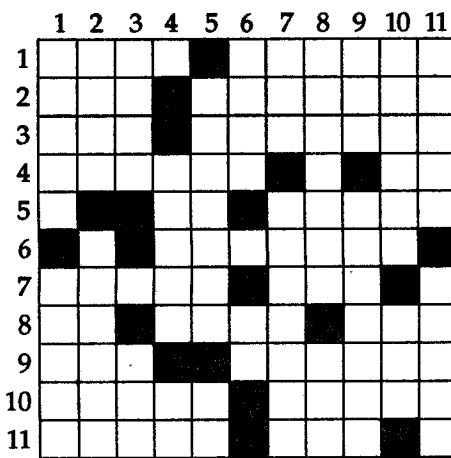
1987

• Klaus Barbie, conhecido como o «carneiro de Lyon» pelos crimes cometidos como chefe da Gestapo nesta cidade francesa, durante a Segunda Guerra Mundial, é condenado à prisão perpétua.

1988

• Um navio da frota norte-americana no golfo Pérsico abate, com um míssil, um avião civil iraniano («Airbus A-300») com 298 pessoas a bordo.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17951

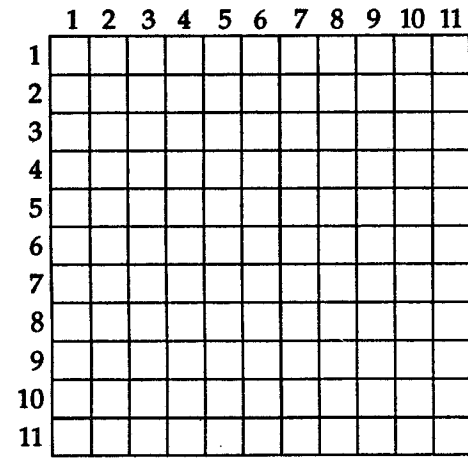
HORIZONTAIS:

- 1 - Juventude (fig.). Arrancais.
- 2 - Alcool de melão. Actor de o touro atingir com as hastes o toureiro.
- 3 - Espécie de formiga (Bras.). Combinaram.
- 4 - Antiga deusa fenícia, adorada em Cartago. Compaixão.
- 5 - Senhor. Cubras.
- 6 - Guardares segredo.
- 7 - Distribui em lotes. Igual.
- 8 - Preposição. Divisão de uma coisa. Conceder.
- 9 - Lírio. Compõe.
- 10 - Velha. Freguesia do concelho de Lousada.
- 11 - Cidade da Síria. Sadlo.

VERTICAIS:

- 1 - Proveito (fig.). Orquídea brasileira.
- 2 - Cidade de Itália. Refeição.
- 3 - Dependência do oceano Índico, no SO da Ásia. Ribeira de Portugal.
- 4 - Tiras de Fígado temperadas e fritas. Freguesia do concelho de Ponta de Lima.
- 5 - Rapariguita (Prov.). Ouro (s.q.).
- 6 - Planta do pé. Nota musical.
- 7 - Genro de Maomé. Rio do estado do Pará (Bras.).
- 8 - Estampa. Época.
- 9 - Oásis. Extraviado.
- 10 - Época da vida (pl.). Preposição.
- 11 - Ilha das Espórades. Em má hora (ant.).

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16761

HORIZONTAIS:

- 1 - Região ao S. da Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
- 2 - Animal bovino, do sexo masculino, adulto e não castrado. Cálcio (s.q.).
- 3 - Ruim. Feições.
- 4 - Carregaremos.
- 5 - Boneca (pop.). Combinais.
- 6 - Cordeiros.
- 7 - Motim das ruas. Sufixo que designa estado.
- 8 - Cólera. Sistema.
- 9 - Cânhamo de Manila. Alterar.
- 10 - Prefixo de negação. Alternativa. Pães de milho.
- 11 - Pertences. Tempo do verbo ser.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade dos Estados Unidos. Um milhar.
- 2 - Em o. Pronome pessoal. Saem frequentemente à rua.
- 3 - Fluir.
- 4 - Pequena árvore da família das Mirtáceas, de frutos comestíveis frequente no Brasil e cultivada em Portugal. A voz do lobo e de outras feras.
- 5 - O lado do vento. Cidade da Suíça.
- 6 - Fechar.
- 7 - Mulher que se intromete em tudo. Conc. do distrito de Cabo Delgado.
- 8 - Bisnaga. Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
- 9 - Filtras. Cupido.
- 10 - Costurei. O sono das crianças.
- 11 - Cabelos brancos. Aspecto amável.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA
N.º 17 950

HORIZONTAIS: QUERER. É. C6. 2 - Urso. IV. Cio. 3 - ER. Salivar. 4 - Raimu. Valor. 5 - Acra. Será. 6 - Arna. Ri. SS. 7 - Aira. Neon. 8 - Im. Ni. Calfe. 9 - Vinhedos. 10 - É. Olor. Sem. 11 - Ras. Morara.

VERTICAIS: 1 - Quera. VIVER. 2 - Urraca. Mira. 3 - És. Irral. 4 - Rosmaninho. 5 - Au. Ariel. 6 - Ril. Dom. 7 - VIVER. Coro. 8 - É. Varinas. 9 - Cala. El. Sa. 10 - Giro. SOFRER. 11 - O6. Rosne Ma.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA
N.º 16 760

HORIZONTAIS: 1 - DI. Amarra. 2 - Avisaríamos. 3 - Toca. Ralais. 4 - Alor. Emas. 5 - Rau. Apor. Rn. 6 - In. Suas. Mat. 7 - Adir. Tapa. 8 - Ivanhoe. Or. 9 - Caa. O6. Cusi. 10 - Ia. Ume. Aa. 11 - Au. Sr. Crê.

VERTICAIS: 1 - Dataria. Coa. 2 - Ivollância. 3 - Içou. Ivaf. 4 - Asar Sr.ª As. 5 - Ma. Au. N6. 6 - Arrepanhou. 7 - Riamos. MC. 8 - Ralar. Tecer. 9 - Amas. Ma. 10 - Oil. Raposas. 11 - Asentarias.

PROVÉRBIO:
QUERER É VIVER;
VIVER É SOFRER.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OS DELINQUENTES
Filme de Chris Thomson
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691276
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24

AMOREIRAS 10

UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/16 anos - Às 15.00 e 21.00

CAPITÓLIO

Parque Mayer
NUNCA TÃO FUNDO
Hard-core - 1.º escalão (pomo)
M/18 anos - Às 14.15, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O SARGENTO DE FERRO
Filme de Clint Eastwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
FORÇA ESPECIAL DE INTERVENÇÃO
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
JAMES BONDE CONTRA O S. SEX 69
Hard-core - 1.º escalão (pomo)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO ANDY WARHOL
CHELSEA GIRLS
Às 18.30
BLOW JOB
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O REGRESSO DE JEDI
Filme de Richard Marguana
M/6 anos - Às 14.00, 17.00
e 21.15

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00
e 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

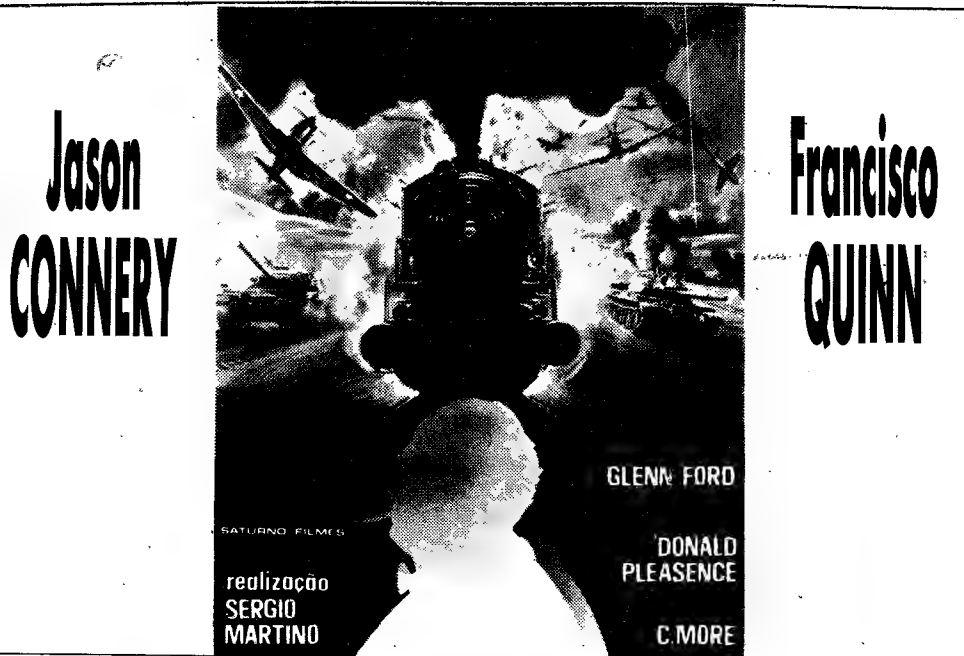
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OS DELINQUENTES
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45



EXPRESSO DE CASABLANCA Já em exibição nos cinemas
S. Jorge - Fonte Nova - Estú-
dio A.C. Santos

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Faria - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. das Condes, 4 - T. 326283
ALADINO E O GÊNIO
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua das Condes, 13 - T. 325309
PRAZERES ESCALDANTES DE Sissy
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St. António - T. 326305
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTEIO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTEIO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTEIO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTEIO 4

QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
O PRÍNCIPE DA PENSILOVÂNIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio
T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A
T. 706666
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
LAMBADA - A FUGA DA NOITE
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
LAMBADA A FUGA DA NOITE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

SALA 2

NOBRES VICIOS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
O ABISMO
Filme de James Cameron
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
LAMBADA
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA
MULHER E O AMANTE DELA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
A LEGENDA DAS 3 ESTÁTUAS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
BOM DIA MENINAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AZELHAS AO VOLANTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras da Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio
e no Estádio; 20.15: A Voz da Solidar-
iedade; 21.00: Diálogo; 21.30:
Imaginarário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

17.00: Horizontes. Programa da URTI;
17.30: Sonata para violino e piano em
Sol Maior, op. 78, de Johannes Brahms;
18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: In-
tegrais - As 32 sonatas para piano de
Beethoven, por Alfred Brendel; 19.26:
Álbum Musical. Obras de Delibes, Liszt,
Gounod, Joaquín Rodrigo, Mozart,
Johann Strauss, Verdi e Tchaikovsky;
20.44: Esta Madrugada na Antena 2;
21.00: Da Broadway ao West End - O
Musical; 22.00: Concerto barroco:
George Frideric Handel; 23.00: Eu-
rorádio. A Tribuna Internacional de
Música Electroacústica de Estocolmo,
1988; 00.40: Canção do Destino, de
Brahms; 01.00: Obras da primeira
metade do século XX: Bela Bartók;
02.00: Música na Madrugada. Noti-
ciários de hora a hora.

COMERCIAL

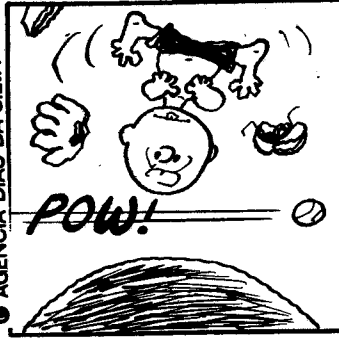
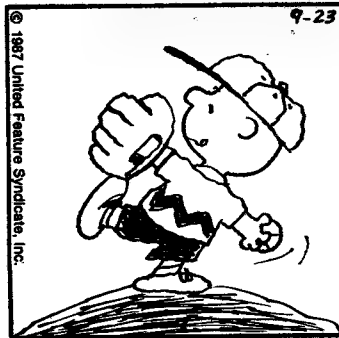
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00:
Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto
o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis;
21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religi-
os; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.
Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis;
21.00: Mercado de Sonhos; 00

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

15.50 - PAIS E FILHOS

1º episódio. Em 1886, o químico Carl Julius Deutz fundava uma fábrica de corantes e de alcatrão, acreditando, tal como muitos outros, que a química viria a ser determinante no futuro industrial na Alemanha. Em 1911, a fábrica de Carl J. Deutz era já uma empresa média e em fase de expansão. Deutz exercia sobre os seus empregados a mesma disciplina severa com que tratava a família...

17.00 - O MUNDO ANIMAL

3º episódio. Hoje fala-se da água, símbolo da força e da dignidade e que tem desaparecido aos poucos, devido, entre outras causas, ao uso dos pesticidas. O urso castanho gigante do Alasca e o seu comportamento social para sobreviver é o segundo aspecto focado.

17.25 - BRINCA BRINCANDO

18.30 - OS MARRETEINHAS

1º episódio

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.06 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA



No 1º canal às 20.15, mais um episódio da «Roda de Fogo»

20.15 - RODA DE FOGO

7º episódio

21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES

21.50 - PRIMEIRA PÁGINA

22.50 - CRÓNICA DO CRIME

23.50 - 24 HORAS

00.20 - REMATE

RTP-2

16.35 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS

32º episódio

17.00 - ZIRCUS, ZIRCUS

17.50 - NO RASTO DOS ANIMAIS SELVAGENS

1º episódio

18.30 - VIA RÁPIDA

18.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL ITÁLIA 90

Meias-finais: Argentina-Itália

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

22.10 - CINEMAGAZINE

22.35 - CINEMADOIS

«O Inferno é para os Heróis», um filme de Don Siegel (EUA), com Steve McQueen, Bobby Darin, Fess Parker, Nick Adams, Bob Newhart e James Coburn. Trata-se, porventura, de um dos filmes menos conhecidos entre nós interpretados por Steve McQueen e é uma ex-

celente crónica anti-belicista marcada por um desconcertante pessimismo. Steve McQueen encarna o céptico taciturno, amargurado e obstinado soldado que depois de ser despromovido se revolta contra a autoridade militar para no fim se transformar num herói mal-amado capaz de um gesto supremo de coragem mais por raiva do que por convicção.

SATÉLITE «ASTRA»

Mod. SAT 300/90

- Antena de 90 cm Off-Sat
- equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.
 - Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

Audimax T. 4106275 Algés

AMANHÃ
RTP-1

09.01 - BOM DIA

10.00 - ÀS DEZ

12.05 - A GATA COMEU

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.27 - BOLSA

13.30 - CLÍNICA GERAL

14.20 - ESTRADA LARGA

14.50 - CHETATKINS

15.50 - DESENHOS ANIMADOS

16.05 - ACÇÃO EM MIAMI

16.55 - O MUNDO ANIMAL

17.20 - BRINCA BRINCANDO

18.20 - JOGO DE CARTAS

18.45 - ITÁLIA 90

Meias finais: Alemanha-Inglaterre

21.05 - RODA DE FOGO

22.10 - TELEJORNAL

22.40 - BOLSA

22.45 - BOLETIM AGRÁRIO

22.50 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA

23.10 - LOTAÇÃO ESGOTADA

«2010, o Ano do Contacto»

01.35 - 24 HORAS

02.05 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL

14.30 - ESPAÇO INFANTIL

15.05 - FILHOS E FILHAS

15.30 - AGORA, ESCOLHA!

16.50 - O LICEU DEGRASSI

17.15 - O MENINO DOUTOR

17.40 - DE COMBOIO

ATÉ KILIMANJARO

18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

19.15 - ESPAÇO INFANTIL

19.50 - VIA RÁPIDA

20.00 - CLÁSSICOS DA TV

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - VAN GOGH

22.25 - CHARLES DE GAULLE

23.15 - A VANTAGEM DE SER PRINCE

00.05 - ESPECIAL DESPORTO

Torneio de Tenis de Wimbledon em diferido

Itália

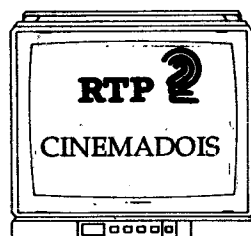
MUNDIAL DE FUTEBOL

9



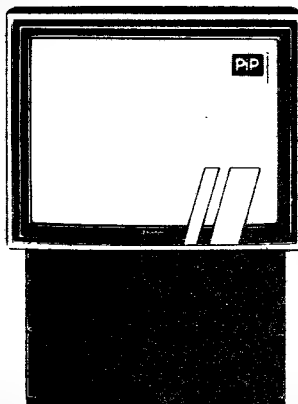
Em «Itália 90», no 2º canal às 18.45, o primeiro encontro para as meias-finais, entre a Argentina e a Itália

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



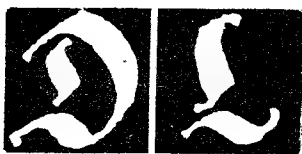
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



VEJA BEM E SEJA BEM VISTO

PP



«Os fundamentalistas laranjas asseguraram que as rádios ficavam em gente da cor»

Francisco Melro, «Público», 02.07.90

A PERGUNTA DO DIA



Carlos Carvalhas
secretário-geral adjunto
do PCP

Quais as posições que o PCP transmitiu ao primeiro-ministro durante o encontro de ontem?

«Tivemos ocasião de chamar a atenção do primeiro-ministro para o facto de o Governo continuar a governamentalizar as questões da integração com prejuízo do reforço do poder negocial de Portugal e dos interesses nacionais. O debate na Assembleia da República e estes encontros não escamoteiam a falta de debate e informação sobre as questões da CEE que se processam no dia a dia. O Governo, com as suas posições em Dublin e com a sua postura em Portugal, continua a procurar fugir ao controlo democrático, nomeadamente da Assembleia da República e do Parlamento Europeu e a alimentar assim o défice democrático. O Governo deveria exigir que da CEE que apresente medidas e orientações concretas para a concretização do princípio da coesão económica e da coesão social, antes das conferências intergovernamentais, nomeadamente o reforço do orçamento comunitário e das políticas de desenvolvimento regional, a continuação e aumento dos fundos estruturais após 1992 e o apoio comunitário às redes transeuropeias.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Entrevista
com Pedro Pires

Denúncias
na televisão

Um artigo
de Albano Nunes

Israel:
a sublevação permanente

ENTREVISTA

José Lello, deputado do PS, é um dos especialistas da Assembleia da República em questões de defesa. Habitualmente bem-disposto e divertido, ele divide o seu tempo entre as actividades parlamentares e o Boavista, onde é presidente do Conselho Fiscal

«Os políticos são uns chatos»

D.L. - Como surgiu a sua entrada no PS?

J.L. - Entrei para o PS no dia 7 de Maio de 1974, porque o 25 de Abril apanhou-me doente, com uma faringite. A minha família sempre esteve ligada à Oposição, o meu pai participou na candidatura de Humberto Delgado e eu sempre tive uma postura muito próxima das ideias que o PS desenvolvia na altura. Identificava-me plenamente com o projecto do PS e com o que significava o dr. Mário Soares para a minha geração.

D.L. - As suas actividades políticas desenvolvem-se sobretudo no campo da defesa...

J.L. - Participo habitualmente nos trabalhos das organizações que se dedicam ao estudo e debate destas questões. Além disso, estou na Assembleia do Atlântico Norte desde 1983, em representação do Parlamento e, neste momento, sou presidente do Grupo Socialista daquela Assembleia e relator para uma comissão de cooperação em matéria de defesa. Portanto, tenho tido uma grande intervenção nessa área.

D.L. - De onde deriva o seu interesse pelas questões de defesa?

J.L. - O meu interesse surge porque gosto muito de História e, através do meu estudo, apercebi-me da importância dos factores estratégicos e de defesa no desenrolar de muitos acontecimentos históricos. Penso que é extremamente importante que, no Parlamento, haja deputados com estas preocupações, na medida em que a questão da defesa é tão importante que não se trata de uma matéria de militares. Os militares são intervenientes, mas os políticos são os decisores.

D.L. - Fez tropa?

J.L. - Fiz. Fui alferes miliciano de armas pesadas de Infantaria. Mas não foi essa a razão que me levou



a interessar-me por este tema, até porque considero que, na defesa nacional, só uma componente é que tem a ver com as questões militares. A defesa de uma país tem diversas vertentes - que relevam daquilo que se considera a defesa integrada de uma país - e que se prendem com a defesa cultural, patrimonial, económica... Só em Portugal é que não se tem esta noção.

D.L. - Os políticos são chatos?

J.L. - São, são. Mas não são só os políticos que são chatos, são os portugueses, de uma maneira geral. Isto porque, quando tem que falar, com alguma preocupação, o português médio tem a noção de que, em cada momento, tem que fazer a tirada da sua vida, tem que conquistar o Prémio Nobel. Isso é muito chato e, nos políticos, agrava-se pois, para dizerem qualquer coisa sem importância, fazem um tratado de 700 páginas. O que é importante é tornar a vida pública mais descontraída e não ter permanentemente a ideia de que o que se passa

aqui vai ser determinante para o resto do mundo.

D.L. - Outra das suas paixões é o futebol. O que pensa do que se pratica actualmente em Portugal?

J.L. - O futebol em Portugal, em termos técnicos e estruturais, não fica a dever a nenhum outro do mundo. O problema é que há interesses muito grandes, o futebol é um desporto de alta competição, que é gerido muitas vezes como se fosse um grupo de 20 amigos, com estruturas perfeitamente amadoras. Na Federação as coisas passam-se da mesma maneira e, portanto, a selecção nacional nunca tem a atenção e a organização que têm as equipas dos clubes.

D.L. - No Mundial, qual é a sua equipa favorita?

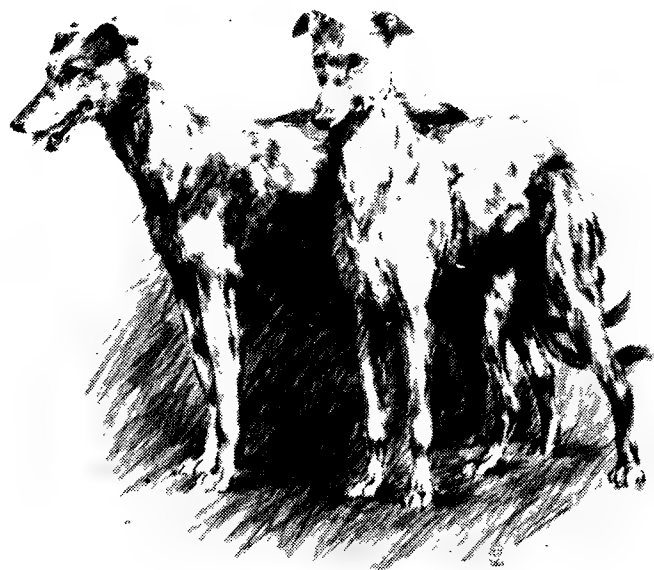
J.L. - O futebol que se tem praticado no Mundial não é muito estimulante. No entanto, eu acho que a Itália - que joga em casa e tem aquele apoio do público - e a Alemanha, com o seu futebol prático e objectivo, têm grandes hipóteses. No jogo Itália-RFA jogava uma tripla.

meteorologia

Cão da glória

Não o deixaram entrar, no elevador da Glória, enquanto o dono se instalou e ia subindo, como nós todos. Era um cão bonito, preto, elegante, de raça não totalmente pura: nem para exposição, nem rafeiro. O animal pôs-se então a caminhar ao lado do nosso engenho, seguindo-o passo a passo, acelerando as patas ao ver-se em pequeno atraso, respirando de língua de fora, no cruzamento com o outro elevador a descer atento ao espaço reduzido, em duplo movimento oposto; quando o incómodo desapareceu, de novo garantia a subida harmoniosa. Cão e máquina faziam um. Os utentes seguiam o espectáculo pelas janelas abertas. Verão.

Chegamos ao términus, ao alto. O dilema canino começou: o dono iria sair pela esquerda ou direita. Nervoso, ainda afogado, todavia com delicadeza, observava inquieto os que saíam. Corria do lado esquerdo ao direito, voltava, corrompia, olhava, cheirava, procurava qualquer sinal de presença, confrontava os dois movimentos à procura do objecto retardado do seu desejo. Quase já todos tinham saído. Finalmente, finalmente apercebeu-se da presença do dono. Terá reconhecido a silhueta? as manchas de cores? o gesto do corpo? cheirou o perfume hominizado, familiar? a sua não dissolução nos outros



cheiros? Ou a sua percepção foi outra? Da substância que move o seu pequeno coração de cão.

Fiquei parado, atento, integrado: gostei da cena mas não sabia exactamente do que tinha gostado e porquê; algo tocante correu agora com o cão feliz, algo sem significado especial.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel de Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47.75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

O Congresso Português de Informática centrou-se nos recursos humanos elegendo-os como objecto e objectivo da evolução tecnológica. Esta consciência permite eliminar barreiras existentes entre informáticos e utilizadores, levando-os à cooperação mútua depois de uma guerra resultante de diferenças (e referências) culturais

O primado do homem sobre as máquinas

Neste ainda tímido caminhar pela via da que se convencionou chamar 3ª Revolução Industrial o homem ressurgiu como centro de todas as coisas. Não é de admirar, portanto, que fosse ele, aqui apelidado de «recursos humanos», o grande objecto (e também objectivo) do 6º Congresso Português de Informática.

Organizado pela Associação Portuguesa de Informática subordinou-se ao tema «Informática: que desafios?», embora, na verdade, ele se tivesse transformado, por força de uma dinâmica alcançada durante o seu decorrer numa pungente pergunta, que nem sempre teve resposta adequada: «Informáticos: que desafios?».

E não a teve porque os informáticos (melhor dito: os homens das tecnologias de informação) resolveram fazer espontaneamente uma manifestação de auto-flagelação, assumindo culpas que, sem dúvida, têm, mas também outras que só podem ser assacadas ao «analfabetismo» dos figurantes de um cenário em mutação alucinante: os chamados utilizadores.

Foi a guerra. Inevitavelmente, informáticos e utilizadores tinham de se confrontar. As armas eram a arrogância do saber, de um lado, a impotência da ignorância, do outro - as condições ideais para o florescer de pequenas ditaduras a que se contrapunham pequenas revoltas. Só que os «utilizadores»

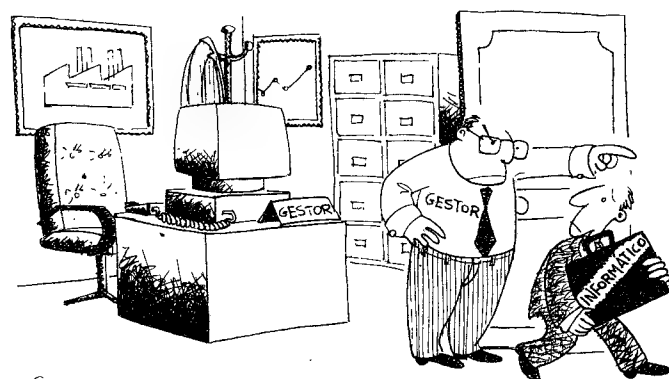
começaram a ganhar um peso crescente no contexto das tecnologias de informação. «Utilizadores somos todos nós», foi a frase lançada aqui há uns cinco anos atrás em Portugal. Esta consciência de que a informática era para ser «utilizada» e que só bem utilizada daria os frutos que dela se esperava, levou a que se apostasse mais séria e sistematicamente na «alfabetização» dos utilizadores.

Este facto veio aproximar (está a aproximar em Portugal) cada vez mais os informáticos dos utilizadores e vice-versa. Uma linguagem mais comum, fruto de mútuas cedências, uma compreensão acrescida dos problemas recíprocos, tornou a guerra em escaramuças condenadas elas também a desaparecer com o esbater acelerado dos «fundamen-

talismos».

Interessante verificar-se que os traumas maiores estão no campo dos informáticos que rejeitam essa sua condição, manifestando complexos de culpa que os leva a, envergonhadamente, ocultarem sob as mais diversas designações (em particular a de gestor) a sua condição própria. A tal ponto que um dos participantes no Congresso chegou a perguntar: «Será que há nesta sala algum informático?».

De certeza havia muitos gestores de informática (ou simplesmente gestores como, aliás por mérito próprio, se gostam de intitular). Homens e mulheres com um novo tipo de carreira - a horizontal - pois que para eles a posição de gestor é um topo que lhes impede progredir na vertical. Significa isto



que o seu aumento de ordenado depende de um crescente conhecimento das empresas e organizações onde trabalham, passando de um sector para o outro, até conhecerem todos como ninguém. E isto é importante. Eles vão ser os «grande integradores», com poderes novos e sempre renovados, mas também mais conscientes de que nada é feito contra o homem-utilizador, mas cada vez mais em seu favor, pois que deste depende o seu êxito e a eficácia das máquinas e dos sistemas. Consciência que também chegou aos próprios fabricantes de equipamentos e de programas, uns e outros vada vez mais simplificados e de mais simples utilização, embora com acrescidas potencialidades. É o cliente-utilizador a ditar as regras.

Sobre estes aliciantes temas ligados às tecnologias de informação dedicamos neste suplemento quatro páginas, procurando dar uma pequena ideia do que foi um debate que, quanto a nós, foi o melhor e mais completo até agora realizado em Portugal neste domínio.

Págs. 4 a 7

Comissão da CEE defende apoio aos têxteis portugueses

Pág. 2

Jogos - O comentário de Geraldo Dias

Pág. 3

Portugal serve de elo entre Europa e África

Pág. 3

Acrobatas americanos do crédito passam a trabalhar com rede

Pág. 8

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Devem ser desenvolvidos «todos os esforços» para manter os postos de trabalho, sem prejuízo de se assegurarem as «condições sociais normais» para os trabalhadores

Parlamento Europeu recomenda apoio aos têxteis portugueses

O sector têxtil português deve ser apoiado financeiramente pela CEE, considera a Comissão das Relações Económicas Externas do Parlamento Europeu. Reunida em Trieste, em 25 e 26 do corrente, esta comissão aprovou o relatório da euro-deputada holandesa Karla Peijs (Partido Popular Europeu) sobre "A eventual renovação do Acordo Multifibras (AMF) ou o regime subsequente a 1991" onde consta aquela recomendação.

Estes euro-deputados entendem que deve «ser considerado um instrumento financeiro especial para Espanha e Portugal no sentido de lhes facilitar o enfrentar das consequências decorrentes do termo do AMF», previsto para Julho de 1991, e, mais precisos, desejam «que seja criado um instrumento financeiro especial para ajudar a Grécia, Portugal e Espanha na reestruturação dos sectores têxtil e do vestuário desses países em complemento com os fundos regionais e sociais».

A razão destas considerações deve-se a que «estes países seriam particularmente abalados pela chegada brutal ao mercado comunitário de produtos têxteis abundantes e baratos, em concorrência muito directa com as suas próprias produções, o que teria consequências insustentáveis».

Ação urgente

Em particular, considera-se que «com a supressão das quotas regionais em finais de 1992, algumas regiões da Comunidade (da Grécia, de Portugal e de Espanha), onde a indústria têxtil recorre a mão-de-obra intensiva e a subcontratação, tornar-se-ão muito vulneráveis», pelo que

se torna «urgente conceber desde já um programa de ajuda a essas indústrias (modernização, política de formação profissional, ajudas à reconversão)».

A eliminação de 1,35 milhões de empregos (35 por cento dos existentes) na última década impõe o desenvolvimento de «todos os esforços para manter os postos de trabalho», sem prejuízo do assegurar «condições sociais normais» para os trabalhadores.

A importância das recomendações radica na evolução decorrente do AMF traduzida por uma perda anual de postos de trabalho na ordem dos cinco a seis por cento e na acentuação progressiva do défice comercial comunitário.

Sinal dos tempos, a cobertura das importações pelas exportações em Portugal tem estado a baixar desde 1986. Dos 377 por cento então verificados passou-se para 310 por cento em 1987 e para 291 por cento em 1988.

A crise vivida pela indústria têxtil da CEE tem na concorrência dos novos produtores uma das suas causas. A dificuldade da evolução paralela da integração progressiva dos têxteis no GATT e do reforço das regras e disciplina deste «prende-se em grande parte com dificuldades técnicas de ordem prática, em função das quais é necessário um período de transição para que cada país envolvido faça as adaptações internas necessárias».

Ora, a duração e o conteúdo das medidas transitórias são motivo de forte controvérsia, não só entre os países considerados em vias de desenvolvimento (PVD) e os países industrializados, mas também dentro dos dois grupos.

Objectivos pretendidos

Para as negociações em curso no GATT, que devem conduzir à conclusão de um acordo na reunião de Bruxelas, de 3 a 7 de Dezembro, a CEE considera cinco grandes áreas: obrigações e direitos que deveriam existir para os países menos industrializados; obrigações e direitos da CEE em matéria de comércio internacional no âmbito do regime subsequente ao AMF depois de 1991; medidas internas a tomar pela CEE para assegurar o êxito da liberalização mundial do comércio sem prejudicar os interesses comunitários; medidas que deveriam ser tomadas no âmbito do GATT ou como complemento das negociações do GATT e medidas específicas que a CEE deveria tomar unilateralmente para assegurar o bom funcionamento do sistema que vier a substituir o AMF depois de 1991.

Na primeira, pretende-se reduzir a disparidade dos direitos de importação entre a CEE e os demais países (há países com direitos de importação dez vezes superiores aos da CEE), diversificar a produção dos países particularmente desfavorecidos e limitar os países recém-industrializados, porque o seu êxito é prejudicial aos «verdadeiros PVD».

Na segunda, e dada a substituição das quotas nacionais por comunitárias decorrente do Mercado Único, quer-se evitar o risco dos importadores concentrarem esforços em zonas e produtos-chave.

A intenção de garantir um equilíbrio entre a procura comunitária e o desejo de países terceiros de escoar a sua produção deve-se a que o fim do AMF deverá resul-

tar numa descida de preços entre oito a nove por cento e num acréscimo das importações comunitárias entre 80 a 200 por cento. Alguns responsáveis ingleses temem que, resultado do Mercado Único, os importadores façam transitar a totalidade da quota autorizada para toda a Europa através da RFA, que guardaria os melhores produtos.

Na terceira, quer-se reforçar a coesão decisional comunitária e a coordenação dos fundos para a reestruturação industrial e o apoio às regiões vulneráveis.

Na quarta, tem-se por objectivo principal a diversificação industrial dos PVD, porque «a concorrência entre todos os países terceiros produtores de têxteis não pode conduzir a prazo senão à eliminação dos mais fracos».

Por fim, na quinta área, destaca-se o combate ao dumping para assegurar uma concorrência leal, dado que «é inaceitável que certos países pratiquem uma política sistemática de salários baixos, quando lhes seria possível melhorar a sorte dos trabalhadores em questão». São também denunciadas outras formas, como a inexistência de protecção social e, «mais odioso», o recurso ao trabalho infantil, que frequentemente aparece associado ao uso de pessoal feminino, muitas vezes subqualificado e mal pago. Os euro-deputados entendem que o recurso à cláusula social da Organização Internacional do Trabalho encostaria os governos desses países à parede, «no interesse da sua população, tal como dos nossos próprios empresários e dos trabalhadores do sector têxtil da Comunidade».

R.N.



Lancia: sucesso em Portugal

A Lancia emancipa-se da Fiat Portuguesa

Consequência de resultados cada vez mais optimistas, traduzidos num aumento da taxa de penetração no mercado que passou quase para o dobro do ano passado para os primeiros cinco meses deste ano, a Lancia emancipou-se da Fiat Auto Portuguesa.

Desde a semana passada, embora financeiramente integrada no grupo, a Lancia operará comercialmente em Portugal a partir de uma divisão totalmente separada da Fiat Auto Portuguesa. Será dirigida por Ricardo Novais, um quadro português que transita para a nova estrutura.

Esta reestruturação na estratégia comercial do grupo italiano resulta dos excelentes resultados que a Lancia tem vindo a registar e do facto da marca dispor de uma clientela diferente, que justifica a criação de uma rede própria. A apresentação da nova e renovada gama do Lancia Delta, foi a última operação efectuada no âmbito da Fiat.

Elegante dois volumes, o Delta caracteriza-se especialmente pelo seu temperamento desportivo, pelo conforto e pelo prazer da condução. No plano desportivo foi também o modelo que proporcionou maiores êxitos à marca italiana.

A gama Delta comercializada em Portugal fica agora constituída pelo Delta LX (1301 cc, 76 CV DIN), Delta GT i.e. (1585 cc, 111 CV DIN), Delta HF Turbo (1585 cc, 143 CV DIN) e Delta HF Integrale 16 v (1995 cc, 200 CV).

Mas no total, é constituída por nove versões, quatro com motor sobrealimentado (incluindo um a gasóleo) e cinco com motor aspirado, com cilindradas entre 1300 a 2000 cc e potências que vão dos 76 aos 200 CV DIN.

O primeiro Lancia Delta surgiu em 1979, com duas motorizações: 1300 (75 CV DIN) e 1500 cc (85 CV).

Três anos depois, no Salão de Turim, foi apresentado um protótipo Delta com tracção integral e motor turbo. A partir daí o modelo não parou de evoluir, sendo alvo de uma renovação profunda em 1986, com o HF 4WD, o primeiro tracção integral de altas performances produzido em série em Itália e equipado com um motor turbo de 2000 cc e 165 CV DIN.

A versão de ponta, vedeta entre as que a Fiat acaba de apresentar em Portugal, dispõe de um motor de 2 litros turbo com 16 válvulas. Debita 200 CV DIN e faz 220 km/h, estando disponível com um sistema ABS de seis sensores.

IPE-África vai avançar

Prevista a participação das ex-colónias portuguesas e de outros países africanos

O IPE (Investimentos e Participações do Estado) decidiu concretizar de imediato a constituição do IPE-África, como entidade gestora de participações financeiras em países africanos, entidade que deverá contar com a adesão não só dos países de expressão portuguesa, mas também de outros, como o Zaire, Namíbia e África do Sul.

Esta decisão, que deverá avançar a curto prazo, vem na sequência do apoio que o IPE decidiu dar, em colaboração com capitais privados, à cooperação e desenvolvimento empresarial português em África.

Parte significativa das iniciativas actualmente coordenadas pela Sociedade Geral de Projectos Industriais e Serviços, SA será assumida pela nova entidade.

A Sociedade Geral dinamiza actualmente projectos nas ex-colónias portuguesas, nomeadamente na cooperação económica, estudo e elaboração de projectos industriais e detecção de oportunidades de negócios.

Alguns dos projectos em curso para Angola são a constituição da Sociedade Financeira Angolana (dinamizada pelo IPE), uma joint-venture na área dos diamantes e rochas ornamentais, empresas de metalomecânica, indústria cimenteira e instalação de serviços.

Para Moçambique prevê-se a constituição da Companhia de Caju de Nacala, participação na gestão da Cometal-Mometal, constituição de uma sociedade financeira, reabilitação e participação em fábricas de mobiliário.

Quanto à Guiné-Bissau e Cabo Verde,

os projectos repetem à área agro-alimentar e ao sector de serviços.

Banco Africano

Entretanto, foi anunciado que Portugal deve propor a constituição do Banco Africano de Reconstituição e Desenvolvimento seguindo o modelo do BERD, pretendendo ainda que ele integre a África do Sul. A proposta foi avançada na sessão de abertura do encontro sobre o investimento nas ex-colónias, que hoje termina em Lisboa e defendida pelo economista Braga de Macedo.

Segundo ele, a proposta que Portugal deverá impulsar na CEE é, antes do mais, o desafio da ajuda condicional, o que só é possível através da privatização da cooperação, nomeadamente pela privatização dos destinatários.

Águas do Luso em tribunal

A Sociedade das Águas do Luso, actual concessionária da exploração, não tenciona ceder às exigências da Câmara da Mealhada que reivindica a entrega imediata das nascentes por caducidade do contrato, pelo que vai ser posta em tribunal.

Trata-se de uma empresa que tem como accionista maioritário a Centralcer, cujo presidente do Conselho de Administração, Morais Barroco, afirma que a referida Câmara não tem qualquer legitimidade na sua pretensão. No entanto a edilidade insiste em que o prazo de concessão já expirou há muito tempo. Ao que Morais Barroco contrapõe: «As nascentes de águas minerais não são propriedade municipal, mas do Estado».

O presidente do município, Rui Marqueiro não é da mesma opinião, pelo que se dispõe a pôr a empresa em tribunal no princípio de Julho. «Já esgotámos todas as vias de diálogo», afirma.

ECONOMIA

Investir, desburocratizar, acabar com a guerra, dialogar e decidir, são ideias sem as quais a cooperação não é possível

Portugal serve de elo entre Europa e África

«Portugal pode e deve ser o elo Europa/África». Nesta frase curta, dita por Folhadela Moreira, presidente da ELO, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e Cooperação, como conclusão do Encontro sobre Investimentos nos Cinco, realizado no passado fim de semana, em Lisboa, encontra-se todo o desejo e a crença que os povos africanos possuem em relação a Portugal enquanto país privilegiado para a cooperação.

Uma reflexão em conjunto com representantes de S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Bissau, Angola, Moçambique e Brasil, permitiu eleger Portugal como o grande dinamizador desse entendimento entre Estados que passa, não só por relações de carácter cultural, mas em grande parte de âmbito económico.

Mello Xavier, presidente da Intertransit de Angola vai mais longe: «Portugal está a ter um papel importante para o fim da guerra mas, no campo do desenvolvimento económico, a nossa guerra principal é contra a burocracia.

É necessário rentabilizar o tempo».

A participação dos investimentos portugueses, quer públicos, quer privados, são considerados essenciais para aqueles países, apesar das suas especificidades e das suas situações económicas e sociais diferentes.

Um exemplo desse entendimento, embora desejasse uma maior vontade política de levar a cabo uma cooperação mais sólida, foi o apresentado por Teixeira de Abreu, presidente do grupo Pão de Açúcar, uma empresa com tradições de trabalho nos PALOP's.

«Sendo facultada aos agentes económicos uma informação correcta e concedido um apoio eficiente às suas iniciativas, será possível dinamizar projectos de investimentos directos que resultem em acções integradas que criem ou poupem divisas», disse Teixeira de Abreu.

Privatizar a cooperação

Não chega apenas falar em séculos de ligação a África, à

experiência acumulada e à amizade entre os povos, limados que estão, em parte, os fantasmas do colonialismo e do racismo. É preciso, como sublinha Folhadela Moreira, «privatizar a cooperação» e reter outras ideias, sem as quais todo o esforço vai por água abaixo, ou seja, é necessário «desburocratizar, aperfeiçoar a criatividade e construir um consenso nacional» para ganhar os desafios do futuro.

Os custos da cooperação são grandes, toda a gente o sabe, mas «têm que ser assumidos claramente e na sua plenitude, pois se trata de um investimento a longo prazo», salientou o presidente da ELO, dirigindo-se ao primeiro-ministro Cavaco e Silva.

Para Folhadela Moreira, a defesa da língua portuguesa, o seu ensino e divulgação são prioritários e o conhecimento acumulado e a capacidade de muitos técnicos subprovidos têm de ser utilizados e transmitidos a todas as novas gerações.

Por outro lado, é im-

prescindível a criação de condições de financiamento que permita aos empresários portugueses competirem em igualdade de circunstâncias com os dos outros países como forma de aproveitar a abertura que um clima de mudança está a gerar.

Estas foram também conclusões deste Encontro sobre Investimento nos Cinco, tendo o presidente da ELO, referido que é importante criar-se um Fundo para a Cooperação com contornos definidos.

Na sua opinião haveria vantagem no aparecimento de uma entidade financeira do tipo de uma sociedade de capital de risco para apoio a projectos de cooperação, em que «capitais públicos e privados, servidos por uma estrutura leve, dinâmica, profissional e credível, actuariam como seed capital para empreendimentos que ajudariam a criar nos países pouco desenvolvidos a tessitura económica que hoje todos reconhecem que será a base do seu desenvolvimento».

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

Jogos

Multiplicam-se a todos os níveis os jogos e peritos em poder defrontam-se com peritos em poder num processo de especialização crescente em que o público em geral não é consultado de forma alguma. Importantes decisões económicas, tecnológicas, sociais, políticas podem encontrar o seu princípio nos interesses nascidos da concorrência por uma posição rara, num contexto em que o espaço do jogo se separa do seu espaço de recepção.

O público é aliciado a viver o desenrolar dos acontecimentos cada vez mais em termos de um contacto vibratório individual, pouco importando que se ignore tudo ou quase tudo do assunto proposto. Não conhece as próprias regras sem as quais não há jogo num quadro em que nada se parece tanto a um novo jogo quanto um outro novo jogo.

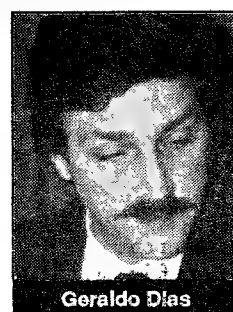
Se os assuntos são dirigidos por praticantes de estratégias de poder inviabilizam-se os contratos de comunicação - operações de produção de sentido e de afecto - com os públicos. Todas as competências que não sejam estratégicas tornam-se irrelevantes, todos os saberes e práticas do quotidiano das pessoas superfluos, a não ser que contribuam para que se institucionalizem formas de pôr a descoberto o conflito. A representação da economia enquanto forma de exercer o direito de observação é uma maneira de participar com outros na vigilância cívica.

Esgotados os paradigmas institucionais e comunicacionais assentes num saber revelado, o espaço de livre troca e confronto de opiniões pode assimptoticamente subsumir-se numa lógica de fetiche e hiperfragmentação. A democracia da audiência não resolve as questões da distância entre profissionais e profanos, tal como o espaço dos media é incomensurável com o espaço do quotidiano.

Um espaço de convivência constrói-se com cidadãos informados, aptos a compreender e a participar em iniciativas - económicas, culturais - envolvendo-se em contratos equitativos de que conhecem a direcção e as condições de decisão, ao contrário dos concursos publicitários em que se requer o seu contributo financeiro através do aparato do marketing, mas sem qualquer controlo informativo, técnico (e de know-how) e do clausulado - dos arranjos de participação à regulação das disputas/mecanismos de conciliação e arbitragem/procedimento legal.

Muitos cidadãos não têm sequer tempo para se aperceberem do que está em jogo no licenciamento de uma estação de rádio ou na privatização de uma empresa. Os directamente interessados estão lá para controlar os circuitos nobres, aqueles que propiciam mais valias estratégicas. Para que não se aprofunde uma lógica de alheamento em relação ao jogo económico, social e político é indispensável ter presente que as discussões «sobre que termos devem ser aplicados a que referentes» não são resolvidas mediante determinação da verdade, mas somente por convenção. E que essas convenções obedecem muitas vezes a jogos de poder, estratégias e manobras que não são a linguagem da gente comum. Para que essas imagens reflectam uma visão ampla do mundo o debate tem de ser entre iguais.

Aos jogadores dos jogos de poder escapa a capacidade para fazer a presunção da similaridade - procurar dentro de nós mesmos as deficiências evidentes do adversário. Institucionalizar mais e mais a pressão pública afigura-se como método de aperfeiçoamento da virtude cívica.



Geraldo Dias

Leasing quer ver futuro definido

As empresas de leasing portuguesas estão dispostas a discutir e a colaborar com as autoridades nacionais o contexto jurídico actual da sua actividade. Esta é a principal conclusão de um seminário que reuniu representantes daquelas empresas.

Portugal parece estar a caminho de adoptar a posição anglo-saxónica no que respeita à contabilização das operações de leasing, o que, na opinião de Miguel Gomes da Costa, presidente da associação do sector, iria contra a tradição continental defendida pela instituição homóloga europeia.

A tendência demonstrada pelas autoridades portuguesas teria como consequência uma perda substancial das vantagens actuais do produto, no plano fiscal e na simplificação processual - os trunfos principais da actividade leasing.

Acresce que, enquanto na Europa esta questão continua a ser polémica, em Portugal «pouco ou nada se tem discutido» e urge, a dois anos de distância do Mercado Único, a harmonização dos processos contabilísticos a serem utilizados pelas empresas nacionais com os das suas congéneres europeias, de forma a não influenciar negativamente a competitividade portuguesa no seio das Comunidades.

A medida do Banco de Portugal visa limitar os fluxos de capitais externos de natureza financeira que têm estado a crescer e a dificultar a condução da política económica

Depósito obrigatório para crédito externo

Passou a ser obrigatória a constituição de um depósito em escudos no Banco de Portugal, não remunerado, para todas as operações de crédito externo com natureza financeira.

O montante do depósito é equivalente a 40 por cento do valor ou contravalor em escudos das respectivas utilizações e visa limitar, de forma mais efectiva, os fluxos de capitais externos.

Segundo o banco central, esta medida foi tomada em resultado das entradas líquidas de capitais de origem externa virem a registar nos últimos meses um acentuado crescimento, «contribuindo em larga escala para o aumento da liquidez interna e criando dificuldades à condução da política económica».

Refere o Banco de Portugal que parte significativa desse afluxo de capitais deve-se ao crescente recurso a financiamento externo por parte das empresas portuguesas motivado, nomeadamente, pelo diferencial entre o custo interno em escudos e o custo esperado do crédito em moeda estrangeira.

Nesta conformidade, o depósito obrigatório abrange os empréstimos financeiros contratados junto de não residentes, nomeadamente os empréstimos bancários, os suprimentos de prazo inferior a cinco anos, as operações de locação financeira e as emissões de obrigações (ou outros instrumentos de dívida) efectuadas em mercado financeiro estrangeiro.

Estão ainda abrangidas por esta medida as emissões domésticas de obrigações com subscrição particular na parte em que venham a ser colocadas junto de não residentes.

Os depósitos obrigatórios são constituídos no Banco de Portugal pelas empresas mutuárias, por intermédio da instituição de crédito através da qual sejam efectuadas as utilizações dos empréstimos, sendo disponibilizados aquando do reembolso dos mesmos.

No caso de amortizações parciais a disponibilização dos fundos realiza-se na proporção de cada reembolso no valor total do empréstimo.

Redacção «DL»

Somos todos uns Einsteins

Nem a informação chega se não existir comunicação e decisão, nem a tecnologia pode ser culpada dos males das democracias

«A informática não é um desafio mas uma resposta a um desafio», disse o sociólogo Nelson Trindade numa das suas intervenções do Congresso Português de Informática, salientando que o ponto quente da discussão é aquilo a que os ingleses chamam os *Gold Collar*, ou seja, os Einsteins do quotidiano.

O utilizador tem acesso a uma quantidade de informação que o permite resolver problemas, vive numa sociedade de informação, o computador é uma grande cabeça que possui mil e um programas e sistemas, leva a capacidade de informação ao limite máximo, podendo, em último caso, fazer uma prospecção para o futuro. Este excesso de informação, porém, tem uma outra face, isto é, o aumento da inoperatividade.

«Sei o que se passa no outro lado da terra e sou inoperante a intervir na rua onde moro», é a caricatura apresentada por Nelson Trindade.

Três componentes influenciam os *Gold Collar*: os *ticos* (automáticos), os *tele* e os *video*. Para este sociólogo, tal como refere na comunicação que apresentou ao congresso, vive-se hoje numa sociedade de informação electrónica em que a informação surge em tempo real, em espaço total e tem acessos abertos, mas «o aumento de capacidade informativa não é concomitante com o aumento da capacidade de resposta, de intervenção real do quotidiano em que se vive. E isto quer a nível da sociedade, quer a nível do trabalho».

Informação e comunicação

Nelson Trindade situou o aspecto crucial da gestão dos futuros sistemas sociais e empresariais na dicotomia informação/comunicação. Defendeu que a diferença entre um sistema social aberto, a democracia, e um sistema social fechado, a ditadura, não está na informação, mas na comunicação.

«Antes, quando havia uma crise, as pessoas corriam para a praça pública, para falar umas com as outras. Hoje, na mesma situação, todos correm para casa para se isolarem a ver televisão», diz.

Criam-se canais com uma única voz, a informação torna-se homogénea, filtrando-se o que se quer por imposição dos governos. Cria-se assim, na opinião daquele sociólogo, um mal estar, «uma impotência face ao gigantismo da burocracia e perante a falta de respostas às necessidades expressas. Os procedimentos tornam-se complexos, os formulários crescem, as comissões multiplicam-se e as estatísticas tornam-se o

centro do raciocínio».

Então descobre-se um bode expiatório de todas as queixas: a tecnologia. Procura-se, deste modo, apagar a culpa, a má gestão, a incompetência e o reaccionarismo dos governos e respectivos ministérios.

«O verdadeiro problema é que estamos a gerir a época do pós-petróleo com as perspectivas oriundas do modelo centrado na do petróleo. A base da sociedade industrial que está a terminar encontra-se na abundância de energia (carvão, petróleo, metais baratos, etc). A abundância da época que se aproxima está na força lógica e no potencial de cálculo, expandidos socialmente através de infra-estruturas de inteligência colectiva», sublinha Nelson Trindade.

Nesta linha, acrescenta aquele sociólogo, «o investimento em auto-estradas tem que ser equilibrado com investimento em estradas electrónicas, o esforço físico vai ter que ser substituído pelo esforço inteligente. A criatividade vai ser a característica mais apreciada».

Respostas consensuadas

O *consensus* político tem que ser obtido em milhões de pessoas. Ora, como diz Nelson Trindade, se a base da democracia é participar nas decisões, o ponto nevrálgico do *consensus* não é receber informação consensual, mas sim dar respostas consensuadas.

«A democracia consolida-se não através de bons sistemas de informação de poucos para muitos, mas sim através de bons sistemas de comunicação de muitos para poucos, onde o importante não é receber informação, mas sim dar resposta e essa resposta ser recebida e considerada», observa aquele sociólogo.

Rádiodifusão, teledifusão e comunicação social são conceitos que andam intimamente ligados. Os dois primeiros são meios de «difusão social» do centro para a periferia, mas para serem comunicação falta-lhes a capacidade de resposta.

A democracia do futuro, segundo Nelson Trindade, terá que avaliar níveis de quantidade e de qualidade não só de adesão como também de recusa: «Não basta dizer que a maioria quer, é preciso ter em consideração as características do não querer das minorias integradas na sociedade».

De futuro, acentua aquele sociólogo, as fracturas pagam-se caro, o centro da questão gestonária passa a ser de todos e a afectar toda a gente.

R.F.S.

O final lógico de uma guerra dos técnicos de informática, entretanto depende de...

Utilizadores que «ditadura» dos

Utilizadores de um lado, informáticos do outro: a guerra está declarada. O caos instalou-se, a filosofia que era válida há dez anos está moribunda, os informáticos caíram em desgraça, foram acometidos de perigosos complexos de culpa. O poder está cada vez mais nas mãos do utilizador.

Os utilizadores dizem que os informáticos não têm respostas para os seus pedidos, estes acusam os utilizadores de não saberem o que querem. E no entanto, uns e outros, toda a gente se sente possuída de uma grande bagagem teórica que ostenta em cada comunicação, mas não sabe muito bem para que serve.

Esta polémica entre informáticos e utilizadores era inevitável num congresso de informática. Foi o que aconteceu na Gulbenkian, neste 6º congresso da API, Associação Portuguesa de Informática. As relações entre as duas partes não são pacíficas, as divergências vieram, por isso, ao de cima, na mesa-redonda dedicada ao desafio entre informáticos e utilizadores. As competências tremaram, poucos se quiseram identificar como «informáticos» no sentido de «profissionais de informática», preferindo chamar-se engenheiros, sociólogos, coronéis, consultores, doutores, analistas, profes-

sos ou apenas chefes ou directores de departamento das firmas onde trabalham e chegou-se a seguinte conclusão: «Os informáticos não existem, a igreja informática fechou e os clérigos reformaram-se».

Utilizadores associados

Na década de noventa, são os próprios utilizadores que efectuam funções de análise e programação, substituindo os informáticos e convém não esquecer que «qualquer aluno do 12º ano sabe utilizar a informática».

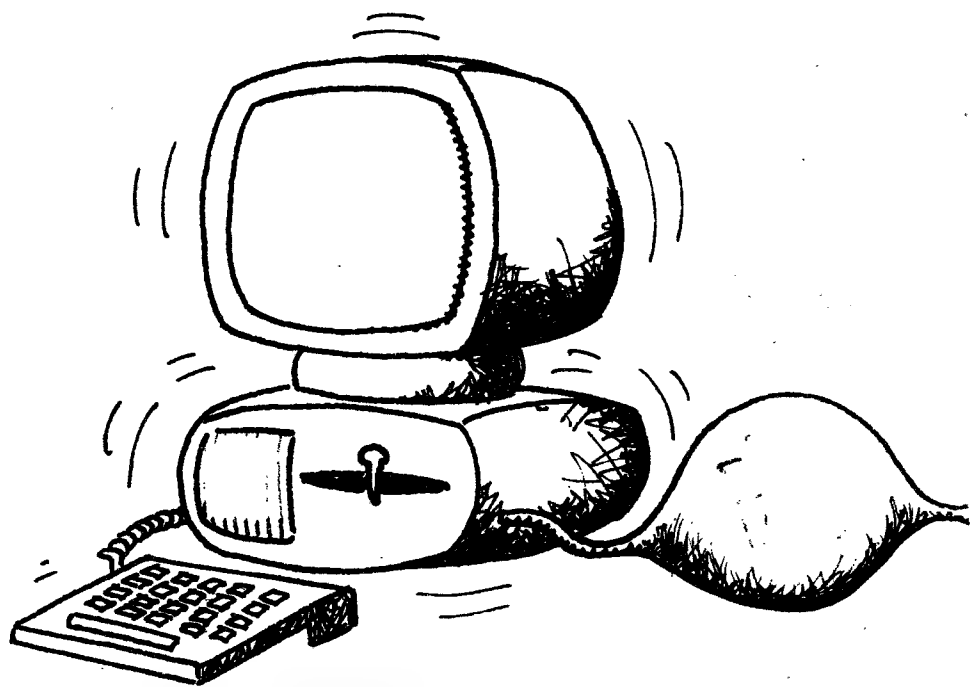
Com um certo humor, alguém na assistência, dizia que fazia mais sentido falar-se numa futura associação de utilizadores do que de uma associação de informáticos. Ou como salientou o coronel Graça e Cunha, do Serviço de Informática da Força Aérea, «os informáticos eram mais felizes se não fossem os utilizadores».

Técnicos, analistas ou gestores de informática, utilizadores de informática ou de serviços de informática, técnicos de informação, todas as denominações são possíveis, mas ninguém se entende.

Concordam, porém, que em Portugal não há uma escola de gestão informática e que o panorama é caótico: «Nem cinco por cento das empresas portuguesas possuem um plano de in-

Gestor de informática dos anos 90 é o «grande inte

Missão a cumprir: integrar a estratégia do negócio e da tecnologia da informação, tornando a informática na «alma do negócio» e gerindo o homem, mais do que a máquina



Nos anos 90, era da tecnologia e da concorrência, a figura do gestor de informática é a do «grande integrador». Esta é a opinião do economista Eduardo Casais, director de marketing da Digital Equipment Portugal, que apresentou uma comunicação no congresso de informática realizado, a passada semana, na Gulbenkian.

Integrador de quê?, pergunta-se. Ele é, segundo Eduardo Casais, o integrador da estratégia do negócio e da tecnologia de informação, ou por outras palavras torna a informática na «alma do negócio».

Ele é, igualmente, o integrador dos recursos humanos e da estrutura organizativa, cujo objectivo é optimizar o valor acrescentado da organização. Em último lugar, ele é o integrador das ferramentas e dos métodos de trabalho melhor afinados, para obter o grau superior de

qualidade, de produtividade e de flexibilidade exigido pela situação concorrencial.

Para aquele economista, os anos 90 são a era de confluência de duas correntes que influenciarão de maneira decisiva o panorama da vida empresarial. «A primeira é a globalização da economia, a segunda é a aceleração da evolução tecnológica e, em particular, o surto prodigioso da tecnologia da informação».

O novo gestor de informático tem que ser um profissional polivalente com conhecimentos de gestão e ao mesmo tempo competente em tecnologia da informação. No fundo, é um trabalhador com uma «visão sistémica integradora das diversas dimensões da vida empresarial».

Mercado global

Nos anos 60, o sociólogo Marshall MacLuhan falava do conceito de «aldeia

global», onde todos sabem tudo uns dos outros. Três décadas depois, nos anos 90, fala-se do «mercado global», em que a electrónica e a tecnologia da informação modificam as regras do jogo económico.

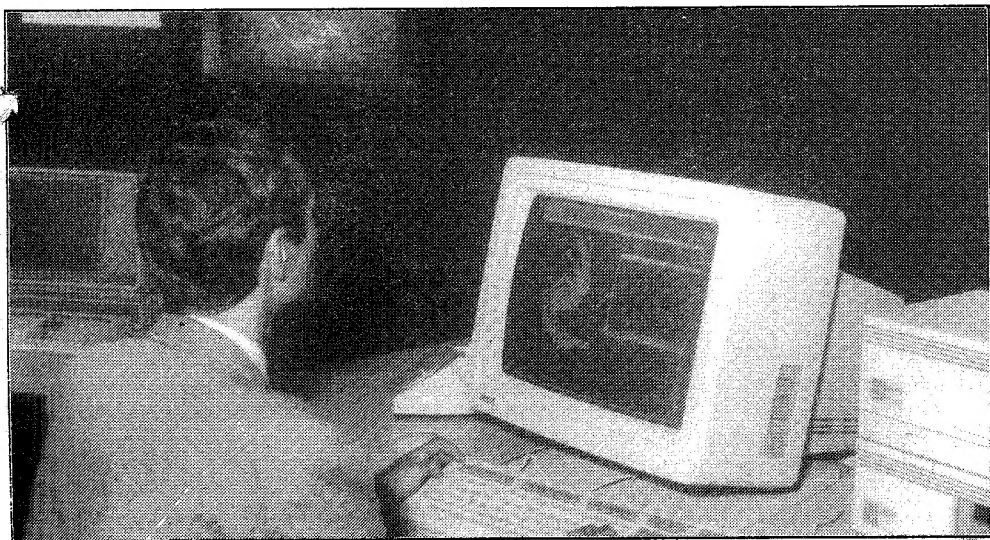
As tendências da economia actual, segundo diversos especialistas, são a internacionalização da actividade empresarial, os mercados que se tornam mais exigentes e diversificados e um ritmo acelerado de evolução tecnológica.

As empresas tornam-se mais competitivas com ramificações multinacionais e centros de pesquisa, venda e distribuição em diversas partes do mundo. Os produtos que se querem vender respondem aos gostos do cliente, por isso a aposta está na subtilidade dos factores diferenciados. Os recursos tecnológicos são cada vez mais complexos, mas estão mais próximos dos utili-

ECONOMIA

uma guerra que dura há largos anos é a queda tanto assaltados por complexos de culpa, e cuja sobrevivência depende de conhecimentos de gestão

querem derrubar os informáticos



Informático e utilizador têm de se entender

formático», foi afirmado.

Por outro lado, as empresas precisam cada vez menos de informáticos e cada vez mais de gestores que dominem a cem por cento os negócios e a realidade do mercado em que as empresas estão envolvidas. A informática virá por acréscimo, funcionará como suporte ao plano estratégico das empresas, inculcando-lhe competitividade e produtividade, e será executada pelos próprios trabalhadores enquanto utilizadores executivos.

É a própria profissão informática que está em causa. A evolução tecnológica alterou substancialmente a evolução da profissão,

nomeadamente no que respeita aos programadores e operadores.

Passou-se da criação e solução de problemas para a solução integrada de problemas. O software passou a ser utilizado por um operador qualquer que seja a sua preparação ao nível de conhecimentos, o que permitiu que as soluções tenham sido encontradas pelos próprios utilizadores, os quais dispõem, grande parte das vezes, os técnicos especializados.

Hoje o factor humano, passada a febre da informática da última década, está de novo no topo da montanha, mais importante do que a máquina, confir-

mando o ditado popular, segundo o qual Deus escreve direito por linhas tortas.

A importância do poder de decisão foi, por outro lado, salientado por Santana Godinho, da companhia de seguros Europeia. Não chega ter projectos empresariais comuns, construídos com as diversas sensibilidades, e grandes planos de futuro se não houver «decisões de cima».

Como disse Santana Godinho, «antes tratava-se de vender uma solução informática a um executante ou a um sector, hoje é necessário existirem objectivos precisos e uma definição clara do que se quer».

Rui Ferreira e Sousa

integrador»

zadores, desde a idade escolar.

A gestão dos recursos humanos de uma empresa vai ter um papel mais importante do que a investigação e o desenvolvimento. A inovação técnica pode ser importada de uma outra empresa através de acordos de I&D. A esta conclusão chegou a SRI Internacional, de Croydon, segundo um relatório tornado público, citado por Eduardo Casais.

O salto da qualidade far-se-á, segundo este economista, através da «abundância de recursos humanos capazes, da criação de condições de trabalho que fomentarão o empenho e a cooperação individuais e da aceitação de ideias inovadoras importadas de fora do grupo».

Gerir o homem

Em Portugal, o problema dos recursos humanos não é fácil de resolver pois somos

um país com baixa natalidade e com uma atitude avessa à formação profissional. Cabe ao gestor alterar esta situação, influenciando as estruturas de formação.

Para aquele economista, compete ao gestor «fazer incidir a tónica dos programas de formação não tanto em conteúdos estreitamente definidos que podem ser obsoletos amanhã já, mas nos conhecimentos de base sólidos que são a condição necessária do alargamento e da flexibilidade das competências profissionais ao longo da vida económica activa».

Se fosse pedida uma definição do gestor da era da informática, Eduardo Casais responderia que é alguém a quem «competede edificar um sistema totalmente flexível que, ao mesmo tempo, se adapte como uma luva às preferências e expectativas dos clientes e, por outro lado, funcione com o

máximo de energia, precisão e economia».

O gestor deve compreender, por exemplo, refere Casais, que o sucesso concorrencial depende simultaneamente da qualidade, da produtividade e dos tempos de resposta da sua organização.

Ele tem igualmente de tomar consciência que estes objectivos terão de ser medidos pela bitola dos melhores da classe mundial, visto que a concorrência é mundial.

Em conclusão, afirma aquele economista, as tecnologias de informação vão ser o mais poderoso factor de mudança desta década: «Elas influenciarão de maneira determinante os objectivos e metas da empresa e permitirão afinar os processos de tomada de decisão, de modo a obter maior rapidez, qualidade e empenhamento».

Rui Ferreira e Sousa

Evolução tecnológica acelera e equipamentos envelhecem

A aceleração da evolução tecnológica anda lado a lado com a crescente importância do perfeccionismo, da investigação e do perfeccionismo da execução, mas, por outro lado, assiste-se ao envelhecimento dos equipamentos.

Como refere Guilherme Gonçalves da Fonseca, quadro directivo da IBM, na comunicação que apresentou ao referido congresso, subordinada ao tema «Gestão e Tecnologias da Informação», no contexto de grande concorrência entre empresas e organizações no mercado mundial, «sobrevivem apenas aquelas empresas e organizações que mais rápido acesso tiverem às fontes de informação, aos acontecimentos, assim como dessa informação fizerem melhor e mais eficaz uso».

Ou numa linguagem mais prática: quem souber o que se compra e vende, onde, quando e como, com maior acuidade e maior rapidez, será quem melhor dominará o mercado.

Pode, pois, afirmar-se como o faz Gonçalves da Fonseca que a informação tem um valor estratégico para as organizações, «no sentido em que da sua posse e uso pode depender toda a estrutura e forma de interactivar com o meio circundante a qualquer organização».

Rentabilizar os investimentos

Neste sentido, se se partiu do princípio que a informação tem um valor económico estratégico, fazendo depen-

der dela a vida de uma empresa, não pode deixar de se perspectivar a informática sem um investimento adequado.

No campo dos investimentos levanta-se a questão dos custos, da recuperação dos investimentos feitos e da constante actualização dos equipamentos, que perdem rapidamente capacidade de boas performances com a colocação no mercado de outros equipamentos mais sofisticados e concorrentes.

«Havendo que recuperar esses custos, a tendência pode vir a ser um subaproveitamento da capacidade produtiva instalada, de que resultará, naturalmente, uma pressão inflacionária», diz aquele quadro da IBM.

Problema crucial para o gestor de informática, é não só saber controlar o acesso e uso da informação mas também proteger esses bens incorpóreos que vão aparecendo nos livros de contabilidade em valores cada vez mais crescentes.

Sendo a informação considerada como um novo factor de produção, importa aqui realçar a dificuldade que existe em proteger esses bens modernos.

«Antigamente era mais simples proteger investimentos em bens visíveis e palpáveis do que parece ser agora proteger os investimentos nesse bem etéreo e facilmente volátil que é o software aplicacional», sublinha Gonçalves da Fonseca.

R.F.S.



abc — INFORMÁTICA, LDA.

Rua dos Sapateiros, 160-2.º • 1000 LISBOA
Telefs. 32 50 70 - 34 59 40 — Telex ABCINF 13348 P — Fax 346 22 40

CAMPANHA DE VERÃO

ABC 8088 — 10/12 MHz



- Compatível PC XT
- CPU 8088-1 (CPU V20)
- 4,77/10 (12) Mhz
- 10 Mhz — 1 mb RAM 12 Mhz — 640 Kb
- Drives de 5 1/4" ou 3 1/2"
- Portas série e paralelo
- Carta monocromática
- Teclado 102 teclas
- Monitor monocromático
- Mouse

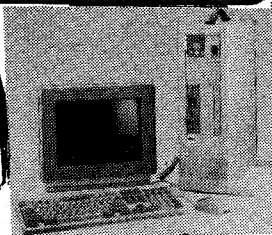
PREÇO: ABC 8088 — 10 Mhz	108 000\$00
— 12 Mhz	112 000\$00
Com HD 20 mono	140 000\$00

ABC 80286

- Compatível PC AT
- CPU 80286-12/16 Mhz
- 1 Mb RAM
- Drives de 5 1/4" ou 3 1/2" — Alta densidade
- Portas série e paralelo
- Relógio em tempo real/calendário/CMOS W/Bateria
- Carta monocromática (VGA opcional)
- Teclado 102 teclas
- Monitor monocromático
- Mouse

PREÇO: ABC 80286 — 12 Mhz	175 000\$00 *
— 16 Mhz	199 000\$00 *

ABC 80386 — 16/25/33 MHz



- ABC 80386
- Compatível PC AT
- CPU INTEL 80386 — 16/25/33 Mhz
- 1 Mb RAM expansíveis até 8 Mb
- Drives de 5 1/4" ou 3 1/2" — Alta densidade
- Portas série e paralelo
- Relógio em tempo real/calendário/CMOS W/Bateria
- Carta monocromática (VGA opcional)
- Teclado 102 teclas
- Monitor monocromático
- Mouse

PREÇO: ABC 80386 — 16 Mhz	265 000\$00 *
— 25 Mhz	365 000\$00 *
— 33 Mhz	610 000\$00 *

* Aos preços indicados serão acrescidos 17% de IVA

DISCOS E CONSUMÍVEIS
OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

UTILIZE O CRÉDITO «abc»



abc

AGENTES:

LISBOA: R. da Assunção, 67 — Telefs. 32 46 64 - 32 72 96
BRAGA: Av. Central, 85-1.º — Telefs. 7 27 98 - 7 43 69
S. JOÃO ESTORIL: Av. Florinda Leal, lote 1-A — 267 07 33
VISEU: Rua Direita, 77 — Telef. 2 76 64
PORTUGAL: Rua D. Carlos I — Telef. 8 36 53 - 8 56 70
SETUBAL: Largo da Misericórdia, 28 — Telef. 3 14 32

Construir a «aldeia global» pela mão

«Majors» da informática analisam o presente para definirem o futuro. A palavra pertence a quem se serve
O século XXI está à porta e as respostas para os desafios estão a ser procuradas

Num mundo em transformação e evolução aceleradas, quais serão as grandes linhas orientadoras, na presente década, na área da informática e da comunicação? Numa altura em que a expressão «aldeia global» tem cada vez mais sentido e oportunidade, torna-se importante proceder a uma reflexão sobre o que poderão ser as evoluções na área das tecnologias de informação. Tudo aponta para que os conceitos, em termos amplos, sejam coincidentes: há que ter sempre em consideração os movimentos universais de mudança, não esquecer que, em breve, quem não souber utilizar material informático será «analfabeto» e que, a partir de agora, quem manda é o utilizador, não o produtor.

Saber quais as estratégias de evolução para os anos 90 foi, em tempo mais que oportuno, o objectivo do painel que preencheu a última manhã do 6º Congresso Português de Informática. Moderado pelo vice-presidente da API, Eduardo Pinto, o debate provou serem verdadeiras outras afirmações feitas em diversas comunicações, segundo as quais «o futuro já não é o que era».

A importância deste assunto foi traduzida não só pelas questões postas, no final, pelos assistentes, mas essencialmente pelas intervenções feitas e por quem as fez. A saber: Jean-Marie Leduc, director de estratégia de linhas de produtos da Bull; André Emonet, administrador-delegado da IBM em Portugal; Stephen Baxter, vice-presidente da Data General; José Reis, sócio-gerente da Datinf; Caldeira da Silva, director-geral da ICL; David Jones, director de «marketing» de produtos da Rank Xerox e Carlos Coelho, director-geral da Unisys em Portugal.

Uma intenção expressa por todos os intervenientes é a de as suas empresas terem, como orientações estratégicas, a possibilidade de oferta em todas as fases do ciclo de actividade, enquadrando-se nas perspectivas da evolução das tecnologias. Jean-Marie Leduc lembrou estar o sector numa fase em que pode ser traçada uma linha de ligação entre computador, consumidor, competição e liberdade.

Linha de raciocínio que, decodificada, aponta para que, ao aumento de possibilidades e potencialidades da informática, como resposta às necessidades cada vez mais específicas do consumidor, as empresas devem desenvolver o seu trabalho de criação e aperfeiçoamento de sistemas e métodos, para que possa haver a liberdade de oferta e

de opção.

Altura para recordar palavras do sociólogo António Pedro Dóres, para quem o computador é «um dos símbolos mais fortes das transformações que temos vivido aceleradamente na última vintena de anos». É ele que ameaça reorganizar muitos aspectos do quotidiano, é símbolo da reconversão de qualificações profissionais e, ao mesmo tempo, de novas formas de produtividade.

Este sociólogo, depois de analisar as concepções de industrialismo e capitalismo e as suas ópticas da tecnologia, salienta que deve ser feita a distinção social entre os técnicos - aqueles que supostamente sabem operar a manter em funcionamento as máquinas - e os utilizadores - os outros que apenas sabem usar de forma limitada as máquinas. «Perante a máquina afirma esta perspectiva concebe aquele que está dependente dela por ignorância - o utilizador - e aquele que conhece as intimidades do seu mecanismo - o técnico».

Mas, e aqui surge o factor sempre presente no debate em questão, «ser utilizador parece ser uma postura mais madura e que requiere, ao mesmo tempo, experiência prática concreta, numa posição com acesso aos meios técnicos - incluindo aqui não apenas as máqui-

nas, mas também a organização e divisão de tarefas que as operacionalizam», diz Pedro Dóres.

Impacto no século XXI

Como será o próximo século e qual o impacto da tecnologia? Pergunta que se põe, quando se perspectiva a presente década. Stephen Baxter diz que, antes de analisar os efeitos da tecnologia, é preciso descobrir qual será a situação futura. Segundo afirmou, poderia fazê-lo de diversas formas, uma delas apresentando as suas próprias ideias, «mas não sou o melhor perito em futurologia». E acrescentou que «outro processo seria olhar para uma bola de cristal (...), mas não o posso fazer, pois foi retida pelas autoridades aduaneiras no aeroporto».

Contudo apontou como

factores primordiais os movimentos universais de mudança, a preponderância da tecnologia e a actual linha de rumo. A partir deles podem ser apontados os caminhos que se abrem para o século XXI: explosão económica global nos anos 90, privatização dos negócios em poder do Estado e triunfo do indivíduo. «Penso que concordarão que a tecnologia, a par das organizações que a fornecem e a usam, terá um impacto no nosso mundo, à medida que avançamos», afirmou.

Todos os intervenientes defenderam ser primordial que as empresas evoluam de forma acelerada, encontrando soluções inovadoras e mantendo uma cada vez maior adesão aos «standards». Sem esquecer, como afirmou Caldeira da Silva, ser impossível um forne-

cedor sobreviver sem recursos humanos adequadamente formados e capazes e sem o reforço ou complementaridade das empresas de serviços.

Implícito em todas as intervenções é que o mundo avança para a transformação em aldeia global e, neste caso, as telecomunicações tem um papel primordial, senão mesmo o principal. Se, em termos de economia a situação não é linear - «um economista é uma pessoa que saberá amanhã porque é que o previu ontem não funcionou hoje», fase de Lawrence Perter, ele próprio um economista, já o aparecimento progressivo e acelerado de novos meios de comunicação aponta para que seja possível, no começo do próximo século e à escala mundial, a troca de informações, aproximando as pessoas, com o consequente desenvolvimento económico.

De novo a palavra a Caldeira Cabral, para quem o futuro não pode ser encarado sem que haja a globalização da intervenção das companhias, de forma vertical e sem esquecer que quem faz o lucro destas são as pessoas e não os produtos. A própria sinergia que recorreu, de um mais um poder ser igual a três - ou, inversamente, doze menos um ser igual a zero - reforça a mundialização da circulação de

informações, extravasando-se a ideia de empresa para o todo da humanidade rumo a um desenvolvimento acelerado.

Comunicar é preciso

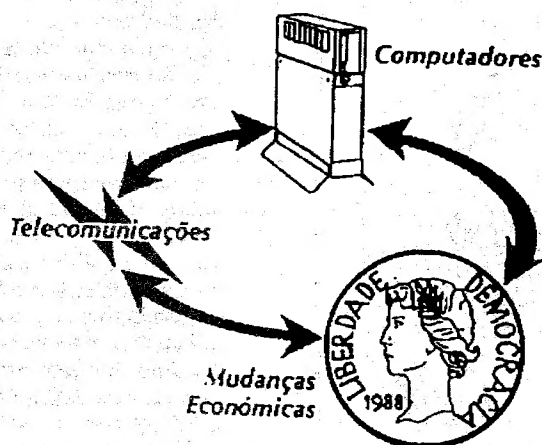
Carlos Coelho, que recorreu as profundas transformações nas tecnologias da informação, acrescentou que os conceitos de tratamento de dados estão a evoluir, na senda de linguagens de quarta geração. A importância, acrescentou, deve ser para as redes de comunicações de dados, como parte de grande importância nas soluções que as empresas terão de fornecer ao futuro «senhor» da informática, o utilizador.

Também David Jones centrou parte das suas afirmações na convergência das tecnologias num mundo em que elas evoluem com rapidez e, sendo preocupação da sua empresa o estabelecimento de alianças com outras que possam complementar as suas capacidades, considera como um investimento a gestão da informação.

Como certo é que as telecomunicações, onde se incluem os computadores, têm contribuído para alterar os padrões económicos, tal como aconteceu com a tecnologia de produção durante a revolução industrial. Palavras de Stephen Baxter: «As telecomunicações estão a levar-nos rapidamente para uma única rede de informação à escala mundial», já que as comunicações são o verdadeiro movimento que torna o mundo «mais pequeno».

Em todo o mundo há a consciência da necessidade de comunicar mais e mais depressa e que a via a seguir é a da informatização e da capacidade de respostas dos sistemas. Se, ainda há pouco anos, a capacidade de um computador era medida em milhares de instruções por segundo, agora é por milhões e os progressos dessa capacidade, previstas há um ano, no presente já são obsoletas. Mas o avanço tecnológico não se traduz só em maior poder, antes no número de formas que esse poder é utilizado.

Hoje desenham-se as linhas do amanhã, que passam pela rápida mudança dos recursos informáticos, nomeadamente em menor investimento no desenvolvimento das aplicações e mais investimento nas sofisticadas destas. Texto, voz, imagem e outras formas de acesso e utilização são meios já em uso, mas alvo preferencial de novas pesquisas. A máquina que se conhece agora será transformada para responder à futura crescente proliferação de utilizadores não-técnicos, pas-



JUSTIÇAS 90

dos utilizadores

de uma rede cada vez mais vasta de comunicações.



sando os sistemas e terminais a terem possibilidade de adaptação das suas operações às capacidades do utilizador.

Será a fase seguinte e já próxima: ênfase no diálogo homem-máquina, a que se seguirá, de forma óbvia, o estabelecimento de novos níveis de segurança, como resposta à abertura de redes

de dados a uma população mais vasta. Como evolução, há a considerar que, em breve, haverá em todo o mundo estações de trabalho de alta potência, acessíveis a todos. O foco mudará da máquina para o utilizador.

Ponto assente é que telecomunicações e sistemas informáticos constituem um

par de forças que se devem inter-relacionar e reforçar mutuamente, de forma a ajudar a criar a comunidade global única. Será o complemento, segundo Stephen Baxter, senão mesmo o factor mais importante, do papel dos efeitos sociais e políticos nessa globalização.

Almeida Henriques

Atitude dos clientes em mudança radical

A informática acaba de sair de uma fase onde a característica foi o progresso tecnológico ditar a evolução dos sistemas de informação. O tempo actual é de resposta às necessidades dos utilizadores, das organizações onde a tecnologia estará como promotor de novas oportunidades. Só que - afirma André Emonet, administrador-delegado da IBM em Portugal - «assistimos a uma mudança radical na atitude dos nossos clientes».

Ao traçar as linhas gráficas do modelo de uma empresa, com as funções de suporte na horizontal e as operacionais na vertical, poder-se-á dizer que os sistemas de tecnologia de informação abordaram individualmente cada elemento. Contudo, segundo Emonet, «na realidade da empresa todos os elementos trabalham em conjunto e o sistema de informação deve tomar em consideração estas ligações».

Um exemplo? A saber: quantos sistemas CAD/CAM, quando existem, estão verdadeiramente ligados ao sistema de controlo de produção? Depois, há que considerar que nenhuma empresa está isolada, já que trabalha com fornecedores, com clientes, com os bancos e com a administração pública.

«Qual o valor de um sistema de controlo de produção, se ele não estiver ligado aos sistemas idênticos de fornecedores e qual o valor de um sistema de

tesouraria se não estiver ligado aos bancos da empresa?», pergunta o representante da IBM, para quem a finalidade da informática, numa empresa, também se modificou, chamando-se, hoje, competitividade face à concorrência.

Ultrapassada (quase) a guerra entre «informáticos» e «utilizadores», com nítida vantagem para estes, «a finalidade é acompanhada de uma exigência: a rapidez. As empresas não querem esperar mais para alcançar essa competitividade, já que pretendem soluções postas rapidamente em prática».

A opinião unânime do painel sobre as estratégias de evolução para os anos 90 é de que os utilizadores irão continuar a investir, de uma maneira importante, nas tecnologias de informação, sendo como certo que o crescimento da indústria «deveria manter-se mais elevado que o da economia dos países que não crescem mais que dois a quatro por cento ao ano».

Mutação profunda

Os critérios de escolha conhecem uma mutação profunda nesta fase de crescimento contínuo. Segundo André Emonet, há que considerar que, a nível de tecnologia, com o produto em primeiro lugar, na eficácia, com a excelência profissional, na capacidade, com a possibilidade de evolução, a que se junta o preço do produto e a transferência de custos, em geral, da mão-

de-obra para o equipamento, aparecem como substitutos o valor da solução para a empresa, a sua eficiência, a transformação dos processos, em termos de flexibilidade, de qualidade e de custos e a vantagem competitiva para a conquista de fatias de mercado.

A mutação visa o fornecimento de soluções totais para o requerido. Parece ser esse o trabalho desenvolvido pelas «majors» do sector. Um olhar, então, para a integração do sistema, equacionando o estádio mais avançado da oferta de soluções, que inclui a responsabilidade total, isto é, o que é oferecido deve resolver a totalidade dos problemas propostos, com a combinação dos produtos e serviços de origem e fabricantes diferentes, a um preço determinado, teremos a solução da «casa de chave na mão», em vez do trabalho com diferentes empreitadas.

Parace ser este o objectivo dos grandes nomes: fornecer todos os elementos de solução, nomeadamente produtos, plataformas de arquitectura, quer próprias, quer com recurso a normas internacionais como UNIX ou OSI, aplicações e serviços. Será a resposta actual - a tecnologia como utensílio de gestão - que aponta para o aumento da cobertura do mercado, da eficácia da gestão, o melhor relacionamento com o mercado e a organização para o sucesso.

A.H.

O homem antes da máquina

«O gestor actual está perante novos desafios essencialmente derivados da necessidade das empresas se colocarem em condições de responderem às expectativas do mercado ou anteciparem essas tendências». Quem o afirmou foram Maurício Levy e Ferreira Jorge, dos CTT, na comunicação subordinada ao tema «O futuro já não é o que era».

Uma das formas de responder às maiores, mais específicas e mais prementes exigências é a da criação de sistemas de quarta geração, que aparecem como «tentativa de suprir ou ultrapassar as crescentes dificuldades» numa resposta às necessidades dos utilizadores, segundo a tese de Obdúlia Fernandez, da Unisys.

A autora da comunicação afirma que as linguagens de quarta geração fazem parte de uma viragem fundamental da tecnologia da informação e não é só um fenómeno da microinformática, tal como esta não é sinónimo da primeira.

Ambas têm, diz Obdúlia Fernandez, o objectivo de levar os benefícios da informática ao maior número possível de utilizadores, revestindo-se de características indispensáveis à compreensão da situação vigente e à correcta aplicação das novas tecnologias.

As intervenções do painel sobre estratégias e perspectivas de desenvolvimento para os anos 90 aparecem a dar resposta a diversas queixas, consubstanciadas na intervenção de Mendes dos Santos, do Instituto de Informática do Ministério das Finanças que, ao abordar a

questão dos sistemas abertos, se debruçou sobre a questão.

Afirmção sua: «Actualmente os utilizadores da informática são confrontados com um posicionamento aparente dos seus fornecedores, em que a 'abertura' dos seus sistemas/produtos aparece como característica de que todos fazem gala, seguindo, de resto, uma temática muito em voga nas publicações especializadas».

Parece ser uma lamentação já por demais conhecida e que as grandes empresas enfrentam de há muito, procurando soluções para elas, em termos de satisfação do cliente/utilizador e, como consequência, prestação de mais e melhores serviços, como a contrapartida de mais dividendos.

Urgente passar, pois, das palavras, para os actos, para que não mais surjam afirmações como as apresentadas, segundo as quais a maioria dos fornecedores continua a privilegiar o fornecimento de material e suporte lógico de base tipo «proprietário», manifesta ignorância face à evolução das organizações clientes, está alheada da evolução tecnológica global do mercado e é relativamente incapaz de adoptar, no contacto com os clientes, uma perspectiva de médio/longo prazo, em relação às necessidades daqueles.

Linearmente, parece ser uma análise das pequenas empresas que se encontram na actividade. Mas, e se também os gigantes funcionarem assim? A quem a verdade?

A.H.

Obras de grande qualidade e rigor de reputados especialistas em informática

Mais de 50 títulos publicados

- Sistemas Digitais, Mário Serafim Nunes
- Projectos de Sistemas Digitais, Mário Araújo e Victor P. Rodrigues
- Projectos de Sistemas Digitais, José A. B. Tomé
- Fundamentos de Sistemas Operativos, José A. Marques e Paulo Guedes
- Prática de Base e Dados, Claude Christment
- MS - DOS Avançado, Libório Silva e Pedro Remoaldo
- Redes de Área Local, Stephen Bridges
- Lotus 1-2-3 Simplificado, David Bolocan
- Sistemas de Computadores, Brian West
- Os Sistemas Periciais, Tim Hartnell
- Análise de Sistemas, Andrew Parkin
- Programação Avançada em Basic, Augustus Quillinan
- Programação de Computadores em Cobol, Melinda Fischer

EDITORIAL PRESENÇA

Estados Unidos: Greenspan muda as regras do jogo do sistema bancário

O FED coloca uma rede para acrobatas do crédito

«A economia e a actividade bancária não são coisas físicas mas factos sociais, comportamentais. Para se ser um bom banqueiro é preciso conhecer a fundo as ciências do comportamento humano». Assim gosta de dizer John Reed, presidente da Citicorp, que, com um património de 230 biliões de dólares, é de longe o maior grupo financeiro americano. Os outros senhores do crédito, habituados a lógicas muito mais tradicionais, consideram-no um excêntrico perigoso para todo o sistema. Mas os seus colaboradores adoram-no: dizem que ele não é um banqueiro, mas um engenheiro místico com uma sensibilidade muito profunda e a capacidade de ver muito longe.

«A coisa mais importante para mim é o conceito de evolução. Os sistemas mudam, as coisas nunca se repetem duas vezes do mesmo modo», explica Reed às visitas que recebe na sua biblioteca do Citicorp Center, em Manhattan, um mosteiro de vidro e aço.

Com cinquenta e um anos (metade passados na *holding* que controla, entre outros, o Citibank de Nova York), Reed não é certamente o primeiro dirigente a jogar a cartada da diversidade da Citicorp. O seu antecessor, Walter Wriston, tinha inaugurado a era dos grandes empréstimos para o Terceiro Mundo pensando poder tornar-se o promotor de um plano privado para o renascimento dos países subdesenvolvidos.

Mas as coisas não correram bem assim: o Citicorp perdeu nessa frente vários biliões de dólares. Nada as-

sustado pelos predecessores, Reed continuou a desenvolver a vocação social do seu banco, concedendo crédito, sobretudo no sector imobiliário, mesmo a quem não oferecia garantias suficientes.

Há algumas semanas a Standard & Poor, uma agência de *rating* que tem voto sobre a solidez e a solubilidade de todas as empresas, desdenhou dos títulos do Citicorp afirmando que o banco tem níveis de capital (3,6 por cento do património) e reservas absolutamente inadequadas.

No fim de Março, o Citicorp tinha reservas de 4,5 biliões de dólares (2,8 por cento da totalidade dos empréstimos) contra créditos a resgatar que já ultrapassaram os 8 biliões de dólares. Em média, os bancos americanos dispõem de reservas iguais a 5 por cento dos empréstimos e a 80 por cento dos créditos não resgatados (reembolsos parados há mais de três meses).

O Citicorp protestou contra a decisão que o obrigará a oferecer juros mais elevados para atrair os recursos dos aforradores, afirmando que um banco de grandes dimensões com riscos muito diversificados pode dar-se ao luxo de operar com margens de segurança mais pequenas. «Eu não estou preocupado apenas com a suficiência do capital mas também com a sua eficiência», comentou imediatamente Reed.

Poucos dias depois também Moody's, a outra sociedade de *rating*, subestimou os créditos do Citicorp. «Se a desclassificação reflectir a deterioração da qualidade do nosso património devo reconhecer que não me posso queixar do comportamento das so-

ciedades de *rating*», admitiu o banqueiro ao falar ao «Financial Times».

Menos lucros

Agora os dirigentes da Citicorp admitem que a situação não é, de facto, das melhores. O banco passou dos quase 2 biliões de dólares de lucros em 88 para os 498 milhões do ano passado. E no primeiro trimestre de 1990 assinalou uma queda de rentabilidade de 56 por cento. A segunda metade dos anos 80 foi muito difícil por causa da explosão dos problemas das dívidas do Terceiro Mundo. O Citicorp, o banco mais exposto, abriu a temporada em 1987 cancelando créditos no valor de 3 biliões de dólares para os países devedores.

Mas exactamente quando a pior fase da crise financeira das actividades parecia estar ultrapassada, surgiram novos problemas no interior do sistema americano: desde o envolvimento no LBO, as escaladas das sociedades de Wall Street financiadas com um excessivo recurso ao endividamento, a crise do mercado imobiliário que tornou inesperadamente o sector dos empréstimos para habitação um dos mais arriscados para os bancos.

Com 13 biliões de dólares em empréstimos para habitação, o Citicorp é o banco mais exposto no sector imobiliário: nesse sector os empréstimos não resgatados são já 10 por cento do total dos créditos e as coisas prometem piorar ainda, porque as cotações dos prédios permanecerão baixas pelo menos até o fim deste ano.

Os outros banqueiros que criticam o Citicorp (por ex-

emplo porque a sua decisão de 87 obrigou as outras instituições a renunciar também a biliões de dólares de empréstimos para a América Latina), também não se podem regozijar com as dificuldades de Reed. O risco do Citicorp, sancionado pelas sociedades de *rating*, é, de facto, o cume mais visível de um risco americano que no sector financeiro já se estendeu do transbordante défice público ao desastre das caixas económicas (S&L), ao enfraquecimento do sistema bancário em si. O Citicorp, obviamente, é notícia, mas antes dele outros 44 bancos nacionais viram diminuir o seu prestígio (nível de confiança), inclusive grandes instituições como é o caso do Chemical.

Arriscar mais

Os bancos americanos continuam extremamente eficientes nas suas actividades ordinárias e a qualidade dos serviços oferecidos aos clientes é incomparável. Mas a corrida para a eficiência e a tentativa afanosa de colmatar o buraco dos créditos para o Terceiro Mundo, com actividades mais remunerativas e de qualquer modo de maiores dimensões, levou muitas instituições a lançarem-se em iniciativas mais arriscadas (começando pelos famosos *junk bonds*) e a combaterem com ímpeto pelo limitado mercado existente.

Limitados por uma legislação que ainda obriga os bancos comerciais a operarem apenas dentro do Estado onde têm sede e lhes proíbe negociar títulos ou desempenhar outras actividades de *merchant banking*, as instituições tiveram que concentrar-se sobre crédito industrial e os empréstimos imobiliários.

Tudo bem, inicialmente, para os clientes que obtiveram empréstimos nas melhores condições. Mas cedo a concorrência entre os bancos degenerou em imprudência: muitos já começaram a conceder empréstimos sem requererem nenhum sinal, presumindo que, com a contínua ascensão do mercado, o imóvel adquirido representaria mais do que uma garantia.

Pelo contrário, agora, com o multiplicar-se das falências e um mercado imobiliário que em certas zonas perdeu mais de 20 por cento, muitas instituições têm entre mãos imóveis muito difíceis de vender, mesmo descontando uma margem de prejuízo razoável. Até aqui o Governo

tranquilizou o público e os operadores procurando demonstrar que os problemas da economia americana (défice, caixas económicas, bancos, sector imobiliário) não estão interligados e podem ser resolvidos sem muitos traumas.

A resolução é mais que provável visto que a América tem costas bem robustas e ninguém, tanto na Europa como no Japão, se pode dar ao luxo de deixar que o maior mercado do mundo entre em crise. Mas o preço a pagar é muito alto: «O risco da América não se traduz num perigo de falência imediata das instituições de crédito, mas na retirada dos bancos americanos dos mercados internacionais (a presença na Europa reduziu-se em 50 por cento em poucos anos) e em juros reais maiores que o país é obrigado a pagar já hoje aos credores estrangeiros», explica o vice-presidente do Banco Sachs, Robert Hormats, um especialista em economia internacional com longa experiência na Secretaria de Estado.

Sem precedentes

Entretanto, os fenómenos que o Governo apresenta como elementos separados estão, na realidade, cada vez mais ligados entre si: a actividade produtiva diminuiu, o Tesouro continua a dragar o dinheiro da poupança, a crise das S&L deprime o mercado imobiliário e isto pesa sempre mais sobre os bancos comerciais obrigados a registar prejuízos sobre os empréstimos para habitação; obrigados a agir com prudência pela sua fragilidade e pelo FED, que estabeleceu tectos de capital mais elevados, agora as instituições concedem emprésti-

mos com mais prudência.

É grave? O governador do banco central, Alan Greenspan, garante que, por enquanto, o problema não é grave, mas depois apresenta-se na assembleia dos banqueiros acompanhado por todas as autoridades de controlo do sistema financeiro para convidar as instituições bancárias a não deixar faltar o crédito para o sistema produtivo.

Um gesto sem precedentes e que provocou alvoroço. Greenspan afirma também que chegou a hora de voltar a formular a *safety net*, a rede de segurança que garante os depósitos. Um sistema que garante a estabilidade, mas tira as responsabilidades aos banqueiros, já que não são eles nem os depositantes a arriscar, mas o contribuinte desprevenido. O que equivale a dizer que os acrobatas do crédito não estão apenas nas S&L.

Agora o FED quer mudar as regras do jogo e o Governo prepara a reforma das leis bancárias dos anos 30. A garantia federal sobre os depósitos deverá baixar de 100 para 50 mil dólares para cada conta bancária, os bancos comerciais poderão operar em Wall Street, as fronteiras entre os estados poderão ser abolidas; o sistema das caixas económicas poderá vir a ser reabsorvido pelo sistema bancário.

São reformas substanciais e que vão ter um preço. Por isso a Casa Branca apresentará os textos no Congresso apenas depois das eleições de Novembro.

Massimo Gaggi
Corriere della Sera/
«DL»

Trad: Alessandra Balsamo



BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA